

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO PELO LAZER: A PERSPECTIVA DO PROGRAMA
CURUMIM DO SESC ARARAQUARA

REGIANE CRISTINA GALANTE

São Carlos – SP
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO PELO LAZER: A PERSPECTIVA DO PROGRAMA
CURUMIM DO SESC ARARAQUARA

Regiane Cristina Galante

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

São Carlos – SP
2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

G146eL

Galante, Regiane Cristina.

Educação pelo lazer: a perspectiva do Programa
Curumim do SESC Araraquara / Regiane Cristina Galante. --
São Carlos : UFSCar, 2006.

141 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2006.

1. Educação e lazer. 2. Práticas sociais e processos
educativos. I. Título.

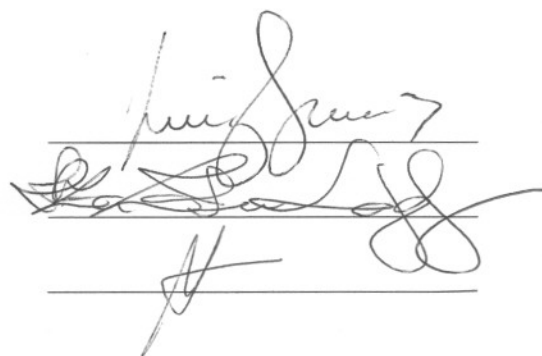
CDD: 370.116 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly

Profª Drª Gisele Maria Schwartz



Handwritten signatures of the examiners, including the name 'Luiz Gonçalves Junior' and other illegible signatures, written over horizontal lines.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Hernane e Regina Galante, pelo carinho, respeito e incentivo durante toda a minha vida;

Ao meu irmão, Neto, pela paciência e companheirismo, além da amizade e amor;

À minhas avós, Ivete e Domingas, e à Regina, uma quase segunda mãe, pelos exemplos de perseverança e alegria, sempre!

Ao Orientador e amigo Luiz Gonçalves Junior, por acreditar que eu era capaz;

Às professoras Ilza Joly e Gisele Schwartz, pelas importantes contribuições na fase de qualificação e defesa, e à querida Profa. Roseli, por me mostrar novos e emocionantes horizontes;

Ao querido casal Glauco Nunes Souto Ramos e Lílian Aparecida Ferreira, pelo apoio e contribuições;

À todos os meus depoentes, Gigi, Taíse, William, Gabriel e Kauan - crianças queridas. Às mães Ana Paula, Rose, Ana Lúcia, Walderez e Patrícia, e suas famílias que me acolheram e contribuíram fundamentalmente para este trabalho (mesmo que fosse numa manhã chuvosa de sábado, ou à noite, na hora do jantar...).

À “Dona” Maria (do Céu), por toda a atenção e amizade, desde os tempos da graduação, pelo apoio no exame de qualificação e ainda pela revisão do trabalho;

Aos amigos do Mestrado: Rachel, Maurício, Stelinha, Rosana e Maria Fernanda, pelas conversas, desabafos, revoltas e tudo o mais que acontecia no Pão de Queijo...

A todos os colegas do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física - NEFEF, especialmente ao Matheus, Denise, Victor, Cae, Rica, Vicente, Mizuno, Mônica, Manteiga e KLB (saudades!);

Aos colegas do SESC Araraquara, minha equipe, que toleraram meus altos e baixos durante o período do Mestrado, e ainda à Andréia e Alessandra, instrutoras que concederam as entrevistas e, tanto quanto eu, amam o que fazem, e fazem pela educação;

Ao querido Sabará, que um dia me disse: “No Curumim você poderá crescer, estudar e se desenvolver pessoal e profissionalmente”. Era verdade...

Ao amigo Ricardo e às amigas Nane, Talita, Mônica, Elaine e Vivian, por todo o apoio, inclusive nas horas mais difíceis, e por todos os anos de amizade e confiança;

Aos amigos Vera, Dani, Xará e Gustavo. Sem vocês, minhas segundas-feiras seriam só segundas-feiras. Adoro vocês!

E, finalmente, ao querido Marcos Roberto, o Marquinhos. Você foi fundamental durante minha caminhada, e sempre será muito importante pra mim!

RESUMO

O trabalho ora apresentado buscou, através de pesquisa qualitativa inspirada na fenomenologia, modalidade fenômeno situado, analisar os processos educativos que se dão na prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara. Tal programa visa o desenvolvimento integral de crianças na faixa etária dos sete aos doze anos, através da educação não formal, e existe no SESC Araraquara desde 2001. Foram entrevistadas as instrutoras de atividades da Unidade de Araraquara que permaneceram atuando no Programa desde a sua implantação até o final de 2004, para entender sobre suas concepções de lazer e educação, assim como cinco crianças participantes do Programa desde o seu início, e suas respectivas responsáveis (mães), para conhecer a perspectiva dos sujeitos sobre o processo de educação pelo lazer investigado. Observou-se, com a leitura dos discursos e após o estabelecimento de categorias de análise formuladas a partir da metodologia fenomenológica, que o brincar e o aprender estão presentes no dia-a-dia do Programa, e tal aspecto é considerado por todos os entrevistados como algo importante. Além disso, foram tecidas considerações sobre a recuperação do lúdico como estratégia de educação, pela associação do prazer e do caráter lúdico às situações de aprendizagem e/ou ensino de novos conhecimentos. Além disso, o Programa Curumim, da maneira como é realizado, possibilita a construção coletiva dos valores, sendo possível apontar que, além da escola, há outras práticas sociais nas quais as pessoas se educam. Observamos também que a prática social da educação pelo lazer pode ser uma alternativa ao aprendizado e à recuperação do lúdico nos processos educativos presentes não somente fora da instituição escolar, mas também na escola, e apontamos que cabe a nós, educadores, conscientizar para a busca autônoma do conhecimento. Pretendemos, além de destacar aspectos que se apresentaram como significativos pelos depoentes, apontar compreensões que pudessem contribuir para o desvelar das relações entre as áreas do lazer e da educação, sobretudo, da prática social da educação pelo lazer.

Palavras-chave: processos educativos, lazer, prática social.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	1
INTRODUÇÃO -----	3
CAPÍTULO I – LAZER E EDUCAÇÃO NO BRASIL -----	8
1. Considerações sobre o Lazer -----	8
2. Educação no Brasil: rupturas e mudanças no século XX e início do século XXI -----	19
3. Educação Não Formal e Educação pelo Lazer -----	33
CAPÍTULO II – O SESC E O PROGRAMA CURUMIM -----	38
1. O Serviço Social do Comércio – SESC -----	38
2. O Programa Curumim -----	44
3. Trajetória e Características do Curumim em Araraquara -----	48
CAPÍTULO III - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA -----	55
CAPÍTULO IV – CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS -----	60
1 Brincando e Aprendendo no Curumim -----	63
2 Compartilhando as aprendizagens do Curumim em outros espaços (Escolares ou não) e com outras pessoas (Família, Professores e Colegas) -----	66
3 Respeitando o outro e convivendo com as diferenças -----	69
4 Fazendo amizade e criando vínculos -----	70
5 Desenvolvendo os conteúdos culturais do Lazer -----	72
6 Deixando a timidez de lado -----	75
7 Acreditando no programa e nos educadores -----	76
8 Agregando valores e contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional ----	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	79
REFERÊNCIAS -----	89
ANEXOS -----	94
QUADROS	
QUADRO 1 – MATRIZ NOMOTÉTICA – Curumins Participantes -----	61
QUADRO 2 – MATRIZ NOMOTÉTICA – Mães dos Participantes Entrevistados ----	62
QUADRO 3 – MATRIZ NOMOTÉTICA – Instrutoras de Atividades -----	62

APRESENTAÇÃO

Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos no ano de 1997, e Licenciada também em Educação Física pela mesma Universidade no ano seguinte, iniciei minha trajetória profissional no Serviço Social do Comércio - SESC, Diretoria Regional do Estado de São Paulo, no ano de 1998, na unidade de São Carlos, como Instrutora de Atividades¹ do Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil - PIDI, mais conhecido como Programa Curumim². Durante dois anos trabalhei com crianças na faixa etária dos sete aos doze anos, ministrando atividades do Módulo de Expressão Sensível (expressão corporal, teatro, dança, jogos cooperativos e esportes coletivos).

No ano 2000, após a inauguração da unidade de Araraquara, já ocupando o cargo de Monitor de Esportes, transferi-me para a mesma para atuar na programação de atividades culturais, esportivas e de lazer, sobretudo aquelas voltadas para a população infanto-juvenil, como espetáculos de teatro, torneios e campeonatos esportivos, oficinas de teatro, técnicas circenses, dança, cursos de iniciação esportiva e recreação.

Já em 2001, juntamente com uma equipe formada por quatro Instrutores de Atividades, iniciei a implantação do Programa Curumim na unidade, que até então não oferecia atividades permanentes e sistematizadas para crianças.

Coordenei a equipe do Curumim de Araraquara no período de agosto de 2001 a outubro de 2004, quando recebi nova promoção e passei a coordenar toda a Equipe de Programação do SESC Araraquara.

No início de 2004, com o intuito de aprofundar meus conhecimentos sobre os temas da educação e do lazer, uma vez que ambos estavam presentes no meu dia-a-dia, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São

¹ Cargo que ocupam os funcionários contratados para ministrar/mediar as atividades diretamente ao público.

² Criança na linguagem Tupi-Guarani.

Carlos, na Área de Metodologia de Ensino, na linha de pesquisa de Processos de Ensino e Aprendizagem, transferindo-me posteriormente para a recém criada linha de Práticas Sociais e Processos Educativos.

Assim, buscando aliar trabalho e pesquisa e acreditando, como Severino (2002), que as pesquisas exigem tal envolvimento do investigador que “a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador” (p.145), este estudo procurou analisar os processos educativos presentes na prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara, buscando desvelar a relação entre Lazer e Educação, uma vez que os temas em questão estão presentes na atuação da Instituição SESC e em especial no Programa Curumim.

A pesquisa também procurou identificar bibliografias existentes sobre educação brasileira, educação não formal e educação pelo lazer, buscando ainda rever a documentação de fundamentação do referido programa no SESC, contextualizando historicamente a sua implantação no Departamento Regional de São Paulo, e particularmente a implantação e o desenvolvimento das atividades na unidade de Araraquara.

A coleta de dados foi realizada junto aos participantes do Programa Curumim no SESC Araraquara (crianças, pais, instrutores de atividades), especificamente àqueles que permaneceram freqüentando, acompanhando e ministrando as atividades desde sua implantação até o final de 2004, quando foram iniciadas as entrevistas.

Espero, com este trabalho, contribuir para a ampliação dos estudos que envolvam as áreas do lazer e da educação, mais especificamente da educação pelo lazer enquanto Prática Social.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, o principal objetivo é analisar os processos educativos que se dão na prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara.

Trabalhar numa instituição que desenvolve, dentre outros programas e atividades culturais e esportivas, o Programa Curumim, cujos temas educação e lazer estão sempre presentes, e ainda ter exercido a função de Instrutora de Atividades do referido Programa e, posteriormente, de Coordenadora do mesmo, contribuíram para a definição do objetivo desta dissertação.

O Programa Curumim é um Programa de educação não formal³ que propõe o desenvolvimento integral de crianças na faixa etária dos sete aos doze anos, através da realização de atividades educativas e de lazer. As crianças participantes são dependentes de trabalhadores no comércio e serviços, e possuem perfil socioeconômico correspondente à classe baixa, cuja renda familiar não ultrapassa seis salários mínimos, ficando a maioria - cerca de 60 % das famílias⁴ - num patamar de pobreza, não chegando à renda mensal de dois salários mínimos.

Além dos questionamentos originados pela minha experiência profissional, meu interesse por esse estudo também é devido a um entendimento da prática social da educação pelo lazer como um veículo da educação não formal.

Como aponta Marcellino (1998), vários adjetivos têm sido relacionados à

³ O termo *educação não formal* é aqui entendido como a educação que se dá de forma diferente da educação formal, escolar, sistematizada em conteúdos previamente definidos pelos organismos governamentais, projeto pedagógico da escola ou pelo professor, e ainda diferente da educação informal, que abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, e que se dá de forma não organizada na família, igreja, entre outras. É, portanto, visto como uma maneira diferenciada de trabalhar a educação, priorizando a vivência de situações e experiências coletivas, sendo que o aprendizado se dá por meio da prática social e a conquista da cidadania é seu objetivo principal, pensada em termos coletivos. (VON SIMSON; PARK; RODRIGUES, 2001, p.9).

⁴ Dados coletados e analisados a partir das fichas de inscrição das crianças participantes no período de 2001 a 2004, que contêm a renda mensal de cada família e dados como: número de dependentes do titular, pessoas que moram na casa, escolaridade dos pais, profissão/emprego etc, utilizados como critérios para o ingresso das crianças no Programa em Araraquara.

palavra Educação para denominar diferentes processos educativos: educação formal, educação sistemática, educação informal, educação não formal. Entre eles, o autor destaca que “a educação assistemática compreende os vários processos de transmissão cultural, englobando, dessa forma, toda relação pedagógica, inclusive a que se verifica no lazer” (p.37).

Neste sentido, considerar o lazer enquanto prática social significa entendê-lo:

(...) como práxis humana que se dá no contexto do mundo através das relações entre pessoas, grupos, comunidades, sociedades e nações, desenvolvidas com certa finalidade e em certo espaço e tempo; e que tais pessoas ou comunidades são capazes de repassar conhecimentos e tradições, suprir necessidades de sobrevivência material e imaterial, pensar e refletir sobre a situação de vida, inclusive propondo e executando transformações para garantirem direitos ou dirimir distorções (GONÇALVES JUNIOR et al, 2005).

Num contexto mais amplo, Prática Social é aqui entendida como:

relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidade na qual se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relação entre nações, com objetivos como: repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência; manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; buscar o reconhecimento social dessas necessidades; controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais ampla; propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de racionalidade de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; manter privilégios; garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; corrigir distorções e injustiças sociais; pensar, refletir, discutir e executar determinada ação (SILVA et al, 2005, p.1).

Ainda de acordo com os autores, Práticas Sociais são ações e relações que grupos mantêm entre si para transmitir regras ou normas de vida. Assim, o conceito de Prática Social nos remete às relações sociais estabelecidas entre pessoas, sejam elas maneiras de agir, pensar e relacionar-se, posicionando-se frente a uma determinada temática. Isso implica uma constante inter-relação com o outro, isto é, a forma como os indivíduos agem, pensam e

relacionam-se, uma forma socialmente instituída pelo grupo ao qual pertencem e em função das posições que ocupam na trama das relações de uma determinada formação social.

Neste sentido, as Práticas Sociais podem ser entendidas como um momento em que os indivíduos ou grupos se encontram e dialogam, construindo sua maneira de conceber e ler o mundo, para daí buscar a sua transformação ou conformação (FREIRE, 1997). Ou seja, um momento em que os indivíduos se conscientizam, o que, de acordo com Fiori (1986) significa o “retomar reflexivo do movimento da constituição da consciência como existência” (p.3).

Segundo Fiori (1986), a conscientização é fator relevante de transformação sociocultural, e o ser humano não poderá libertar-se se não protagonizar sua história, tomando sua existência em suas mãos, o que significa responsabilizar-se por *educar-se*, e não *ser educado*. Significa reivindicar, para si, a posição de sujeito do processo histórico.

Ainda de acordo com autor, “a verdadeira educação é participação ativa neste fazer que o homem se faz continuamente. Educar, pois, é conscientizar, e conscientizar equivale a buscar essa plenitude da condição humana” (FIORI, 1986, p.3). Também coloca a educação enquanto “processo histórico no qual o homem se re-produz, produzindo seu mundo” (FIORI, 1986, p.10).

Para Freire (2005a) o indivíduo é protagonista, sujeito da educação, compreendendo, ainda, a educação enquanto prática necessariamente permanente, independente de posições políticas e ideológicas do momento em que vivemos, uma vez que se trata de uma prática ligada à própria natureza do ser humano:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas *saber que vivia*, mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí (FREIRE, 1997, p.20).

Assim, temos seres humanos inconclusos e conscientes de sua inconclusão, movimentando-se na busca do saber. Ensinando e aprendendo constantemente, fazem-se e re-fazem-se em permanente dialeticidade, com o mundo e com outros seres humanos.

Dessa forma, podemos dizer que estamos constantemente aprendendo, inseridos, de alguma forma, em práticas educativas. Freire (1997) salienta que “(...) não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não é em termos provisórios, mas em termos de vida inteira” (p.21).

Neste sentido, e compreendendo o ser humano nesse constante processo de busca, no qual o ensinar e o aprender fazem parte de sua natureza, estando presentes em todas as atividades humanas, o Programa Curumim vai ao encontro desta compreensão de prática social, uma vez que seu principal objetivo é:

o desenvolvimento integral de crianças na faixa etária dos sete aos doze anos, sendo priorizadas atividades que visam à socialização, o desenvolvimento psicomotor, o respeito às individualidades e peculiaridades das crianças, a compreensão do meio em que vivem e, sobretudo, a recuperação do lúdico como instrumento⁵ de expressão e desenvolvimento global da criança (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.21).

Além disso, no dia-a-dia do programa, estão presentes questões como cidadania, reflexões sobre regras e normas para a organização da comunidade em que vivem, e ainda a participação consciente e coletiva das crianças na elaboração/realização das atividades, gerando, de acordo com os relatos das próprias crianças, um objetivo comum entre os que o freqüentam: brincar e aprender.

Para compreender as diversas questões envolvidas no presente trabalho, o mesmo foi estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo traz o referencial teórico que subsidia a análise dos dados. Para tanto, foram enfocadas as questões do surgimento do lazer e

⁵ Marcellino (1997) aponta que a funcionalidade pode sublimar o lúdico. O documento de fundamentação do Programa foi escrito em 1985, e embora utilize termos de uma visão funcionalista de lazer, os interesses, necessidades e expectativas das crianças são respeitados, garantindo o caráter lúdico e a adesão voluntária nas atividades.

sua conceituação ao longo da história, a educação no Brasil e seu desenvolvimento de acordo com os diversos momentos históricos pelos quais passou, do período colonial aos dias atuais, mas sobretudo do final da chamada Era Vargas (1930-1945) em diante, bem como a conceituação e o entendimento da educação não formal e da educação pelo lazer.

No segundo capítulo é apresentado o contexto no qual a pesquisa se desenvolve, ou seja, a instituição SESC e o surgimento do Programa Curumim e, mais especificamente, o surgimento e o desenvolvimento do Programa Curumim no SESC Araraquara.

A trajetória metodológica adotada para o estudo, como se deu a coleta de dados e a apresentação dos mesmos são expostas no terceiro capítulo.

No quarto capítulo é apresentada a construção dos resultados a partir da fundamentação teórica adotada, e no quinto e último capítulo são tecidas as considerações sobre os processos educativos presentes na prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara, a partir da interpretação dos discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Ainda, em anexo são colocados na íntegra os discursos coletados junto aos participantes da pesquisa.

De modo geral, esperamos que este trabalho possa contribuir para a reflexão sobre a prática social da educação pelo lazer, enquanto estratégia capaz de proporcionar realmente o aprendizado e a recuperação do lúdico nos processos educativos presentes fora da instituição escolar.

CAPÍTULO I – LAZER E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Neste capítulo objetivou-se delinear as bases para a análise dos dados. Foi realizada a exposição temática do lazer e da educação no Brasil, nos diferentes contextos históricos, com vistas a situar os conceitos que orientaram as discussões sobre a educação pelo lazer e suas contribuições para a educação.

1. Considerações sobre o Lazer

Em meados do século XVIII, surgia na Europa uma nova maneira de organização da sociedade. A economia de subsistência, baseada, sobretudo, na agricultura e no trabalho artesanal, começa a dar espaço a um novo sistema: o fabril.

Juntamente com as fábricas surgia a classe operária que, “segundo a perspectiva marxista, era resultado do desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo durante o processo da Revolução Industrial” (De DECCA, 2002, p.60).

Este autor, baseando-se na obra de E. P. Thompson⁶, sugere que a consciência de classe operária surgiu pela resistência cultural de trabalhadores e artesãos contra o novo sistema econômico, que destruía suas tradições e costumes. A reformulação dos valores e dos costumes trouxe uma nova concepção de tempo, não mais ligada aos ciclos naturais, ou seja, as estações do ano, o tempo de plantar e o tempo de colher.

De acordo com Brunhs (1998), na sociedade industrial contemporânea tornou-se predominante a noção de tempo linear⁷, objetivo, universal, irreversível e medido por

⁶ THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular e tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

⁷ O tempo linear é, de acordo com Oliveira (2000), instaurador da fragmentação, do controle, da disciplina produtiva.

unidades sucessivas, concebido como medida abstrata, capaz de ser aferido e calculado por um instrumento: o relógio.

O tempo passou a ser negociado como mercadoria: vende-se o tempo de trabalho ao empregador e o tempo livre passa a ser comprado pelo trabalhador. Daí a idéia de “tempo é dinheiro”, devendo ser visto sob a ótica da produtividade, do rendimento e do lucro.

A origem das fábricas e do trabalho assalariado esteve ligada a este processo de constituição de uma nova mentalidade sobre o tempo, criando a divisão entre o tempo do trabalho e o tempo do não trabalho, ou “tempo livre”, freqüentemente associado ou utilizado até mesmo como sinônimo de lazer.

Vale ressaltar que a expressão “tempo livre” é relativamente recente e de acordo com Adorno (1995) “antes se dizia ócio, e era um privilégio de uma vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato” (p. 70).

Para distinguir tempo livre de lazer, Gaelzer (1986) afirma:

Costuma-se pensar que lazer e tempo livre são a mesma coisa, mas todo mundo pode ter tempo livre e nem todos podem ter lazer. (...) O tempo livre é uma idéia de democracia realizável. O lazer não é por todos realizável por tratar-se de uma atitude e não só de uma idéia. (...) Lazer é a harmonia individual entre a atitude, disponibilidade de si mesmo e o desenvolvimento integral (p.49).

Inspirado na obra de Thompson⁸, De Decca (2002) considera duas perspectivas do lazer:

(...) o lazer pode ser visto tanto pelo ângulo das tradições e costumes das sociedades pré-industriais, como pelo ângulo da administração do tempo de descanso que complementa o trabalho disciplinado e organizado pelo industrialismo. Neste sentido, tanto podemos ver nas atividades de lazer a manutenção das tradições e valores de sociedades anteriores ao capitalismo, como podemos apreendê-lo em suas dimensões complementares ao trabalho disciplinado (p.61).

⁸ Historiador comprometido com as causas populares e crítico das ideologias dominantes, participou do Partido Comunista Britânico, militou no Movimento Popular Inglês após a 2ª Guerra Mundial e abandonou o partido em 1956 por discordâncias ideológicas. Na década de 1960 ingressou na Universidade e se tornou um dos mais atuantes personagens do Movimento Antinuclear na Europa.

Baudrillard (1995), considera o lazer não como gozo do tempo livre, mas de “consumo de tempo improdutivo” (p.167). Para o autor, apesar de economicamente improdutivo, este tempo inclui uma produção de valor de distinção ou prestígio, possibilitando filiar o indivíduo a grupo social de *status* diferenciado. Então o tempo não surge como livre, mas como momento de produção social e de valor do indivíduo, pois:

Num sistema integrado e total como o nosso, é impossível haver disponibilidade de tempo. O lazer não se revela como a disponibilidade de tempo; é o seu cartaz. A determinação fundamental que o caracteriza é o constrangimento de diferença em relação ao tempo de trabalho. Por consequência não é autônomo: define-se pela ausência do tempo de trabalho (BAUDRILLARD, 1995, p.168).

Como visto, a articulação entre trabalho e lazer tem raízes históricas na reordenação da sociedade após a Revolução Industrial (século XVIII).

De acordo com Gonçalves Junior (2002), o movimento operário no Brasil tem suas origens com a chegada dos imigrantes europeus no final do século XIX. Vindos de países nos quais as condições de trabalho e reivindicações operárias encontravam-se em franco desenvolvimento, depararam-se com um país abalado pela Abolição da Escravatura (1888) e pela Proclamação da República (1889), sendo que, nos primeiros anos da República, “não existiam leis regulamentando a organização trabalhista, o que por um lado permitia aos trabalhadores flexibilidade de mobilização, mas por outro não lhes garantia o caráter de instituição com respaldo legal ou recursos financeiros oficiais” (GONÇALVES JUNIOR, 2002, p.37).

Apenas em 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República, é que ocorre a caracterização dos chamados sindicatos estatais, redefinindo-se assim o movimento operário no país, culminando com a aprovação da Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT em 1943. Pela nova legislação, os sindicatos “passam a ter participação

obrigatória não só nas discussões e ações referentes ao trabalho, mas também ao lazer dos trabalhadores” (GONÇALVES JUNIOR, 2002, p.39).

Assim, no Brasil, as discussões acerca do lazer dos trabalhadores passam a acontecer de modo mais intenso após a aprovação da CLT, que atribuía ao movimento sindical a obrigação de aplicar o recolhimento das contribuições sindicais, entre outras coisas, em colônias de férias e finalidades esportivas e sociais.

Na mesma década de 1940, além da oficialização das associações sindicais, outras instituições foram criadas também com o intuito de garantir aos trabalhadores de diversos setores o direito ao lazer e à educação básica e profissional. É o caso de entidades como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, o Serviço Social da Indústria – SESI, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, e o Serviço Social do Comércio - SESC.

Porém, mesmo sendo algo considerado de extrema importância, o lazer era visto ainda enquanto “tempo livre” e diametralmente oposto às obrigações formais do trabalho (WERNECK, 1998). Era considerado como item indispensável na recuperação das forças do trabalhador, que precisava descansar e “descarregar” no tempo de lazer as tensões geradas no tempo de trabalho, dicotomizando e até mesmo opondo as práticas sociais trabalho e lazer.

O lazer ganhou ainda maior destaque no Brasil, em termos legais/governamentais, após o Golpe Militar de 1964, momento de profundas transformações nos campos político, social, econômico e educacional brasileiros.

A abertura ao capital internacional, a instalação de multinacionais e o grande desenvolvimento industrial marcaram este período, conhecido como *Milagre Econômico*⁹.

⁹ “Expressão atribuída à política econômica empreendida pelo então Ministro da Fazenda Delfim Neto na década de 70, na qual se fez acreditar que o Brasil estava tendo grande desenvolvimento. Porém, o “milagre” durou pouco levando o país a expressivo endividamento externo” (GONÇALVES JUNIOR, 2002, p.35).

Neste período, o lazer passa, de acordo com Sant'Anna (1994), a ser amplamente utilizado para designar todo o uso do tempo livre que de algum modo pudesse ser útil economicamente e aceito pelos padrões morais instituídos. Intervenções das mais diversas naturezas colaboraram para a retificação desse conceito, visando tornar útil e valioso o lúdico e o descanso (p.10).

Em 1975, o governo propõe a Política Nacional de Educação Física e Desportos (artigo 5º da Lei 6251/75), que visava ao:

(...) aprimoramento da aptidão física da população, implantação e intensificação da prática dos desportos de massa e difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer (BRASIL, 1976, p.7).

Para Gonçalves Junior (2002), a política para o setor na Educação Física da época considera a melhoria da aptidão física da população com o claro “objetivo de melhorar o desempenho fabril e fazer crescer a produtividade, adequando o país à nova realidade industrial, além de desmobilizar a ação popular diante do regime imposto à força” (p.41).

Caminhando neste mesmo raciocínio, Brunhs (1997) observa que em relação ao lazer, desde o início das discussões a respeito do tema, tem-se adotado uma visão funcionalista, posicionando o homem em função do sistema vigente, buscando uma manutenção da ordem social presente, sendo considerado como recuperação da força de trabalho. Buscando romper com tal visão, a autora compreende o lazer “como expressão da cultura, podendo constituir-se num elemento de conformismo ou resistência à ordem social estabelecida” (p.33).

Um dos maiores estudiosos do lazer e cujos estudos tiveram grande repercussão, principalmente no Brasil, fundamentando inclusive a atuação de instituições como o SESC, foi o sociólogo francês Joffre Dumazedier.

Dumazedier (1974) entende o lazer como:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p.34).

Segundo categorização realizada pelo autor, o lazer teria, basicamente, três funções: descanso, divertimento e desenvolvimento.

A função de descanso traria o lazer como “reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas” (DUMAZEDIER, 1974, p.32). A função de divertimento compreende a recreação e o entretenimento, ou seja, a busca de atividades compensatórias e que provoquem prazer e satisfação.

Por sua vez, a função de desenvolvimento do lazer cria possibilidades de aprendizagem, suscitando no indivíduo “comportamentos livremente escolhidos e que visem ao completo desenvolvimento da personalidade” (DUMAZEDIER, 1974, p.34).

Além de tal categorização quanto à função, que fundamentou a maioria dos estudos do lazer realizados até então, o autor distingue cinco categorias de acordo com o conteúdo das atividades de lazer: interesses físicos ou físico-esportivos¹⁰, práticos ou manuais, artísticos, intelectuais e sociais.

Os interesses artísticos têm seu campo de domínio no imaginário, nas imagens, emoções e sentimentos. Seu conteúdo é estético e configura a busca da beleza e do encantamento. Nessa categoria encontram-se o teatro, a dança, a música, o cinema e as artes em geral.

Nos interesses intelectuais, o que se busca é o contato com o real, as informações objetivas e explicações racionais. A ênfase é dada ao conhecimento vivido, experimentado. A participação em cursos ou a leitura são exemplos.

¹⁰ Denominação usada por Marcellino (1999).

As práticas esportivas, passeios, pesca, ginástica e todas as atividades onde prevalece o movimento, ou o exercício físico, incluindo todas as modalidades esportivas, caracterizam os interesses físicos ou físico-esportivos.

Já os interesses manuais são delimitados pela capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou materiais, quer para lidar com a natureza. São exemplos o artesanato e o *bricolage*, e ainda a jardinagem e o cuidado com animais.

Finalmente, quando se procura o relacionamento, os contatos face a face, a predominância passa a ser social, manifestando-se os interesses sociais no lazer. A festa, os bailes, a frequência às associações são exemplos.

Mais recentemente foram propostos e adicionados outros dois conteúdos culturais do lazer, a saber: interesses turísticos (CAMARGO, 2003) e interesses virtuais (SCHWARTZ, 2003).

O interesse turístico refere-se à busca da quebra de rotina temporal ou espacial e o contato com novas paisagens, ritmos e costumes distintos daqueles vivenciados cotidianamente, sendo exemplos as viagens, os passeios e a visita à *shoppings centres*¹¹, parques, museus, a frequência a *shows* e restaurantes (CAMARGO, 1992, p.28).

O interesse virtual relaciona-se às formas de atividades de lazer que se utilizam de equipamentos de alta tecnologia, e os exemplos são a interatividade com o computador, com o videogame, com o telefone celular e com a televisão.

Vale ressaltar que tal classificação em categorias de interesses culturais, feita por Dumazedier e adotada e complementada por outros autores é adequada, pois situa atividades que buscam o atendimento das mais diversas necessidades do indivíduo, procurando abranger todos os aspectos que caracterizam o ser humano no seu processo de *vir*

¹¹ O autor considera a visita a lojas e aos *shopping centres* nos interesses turísticos do lazer independente do julgamento de seu valor cultural. Particularmente considero a visita ao espaço dos *shopping centres* enquanto lazer, e não o ato de fazer compras.

a ser, ou seja, contemplam a integralidade das necessidades humanas, sejam elas corporais, manuais, de sensibilidade ou de sociabilidade.

No entanto, a divisão deve ser apenas considerada para o entendimento do conceito de lazer do autor, não sendo possível classificar uma atividade de lazer num único interesse, pois eles compõem um todo interligado e não formado por partes estanques.

É importante salientar que a atuação do SESC na área do lazer tem sido pautada neste conceito proposto por Dumazedier, bem como busca contemplar todas as áreas de interesses descritas pelo autor.

Nas décadas de 1970 e 1980, a convite do SESC São Paulo, Dumazedier realizou fóruns de discussões e seminários internos sobre lazer para os técnicos e funcionários da entidade. Alguns pesquisadores do SESC realizaram, ainda, pós-graduação na Universidade Sorbonne, Paris, sob orientação direta do citado sociólogo. Na ocasião, eram funcionários do SESC: Nelson Carvalho Marcellino, Antonio Carlos Bramante, Renato Requixa, Paulo de Salles Oliveira, Luiz Octávio de Lima Camargo, entre outros.

Após os estudos com Dumazedier, os mesmos continuaram envolvidos com as questões do lazer, tornando-se pesquisadores de referência nacional e internacional na área, e até hoje, embora já em instituições diferentes, desenvolvem trabalhos e colaboram com a produção científica sobre o tema.

Bramante (1998), por exemplo, considera que:

o lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade (p.9).

Camargo (1998) entende as atividades de lazer como desinteressadas, liberatórias, de escolha pessoal e propiciadoras de algum prazer. O autor introduz nas suas

discussões a questão da qualidade lúdica do lazer, além de considerar o lazer como “campo privilegiado do exercício da distinção social” (p.36).

Para Reuix (1980), seguindo um mesmo referencial, o lazer deve ser entendido como “uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social” (p.35).

Além desses pesquisadores, outros vão propor conceitos e entendimentos sobre o lazer e suas possibilidades. É o caso de Pinto (1998), Werneck (1998), Magnani (2000), Padilha (2000), Marcellino (1998), entre outros.

Segundo Pinto (1998), tem sido crescente o entendimento do lazer enquanto espaço propício para a conquista e desenvolvimento da cidadania, reivindicações e busca da dignidade humana:

o lazer é o tempo presente, é o lugar dos nossos projetos e das nossas aventuras. Momento de expandirmo-nos em todo tipo de expressão criativa e de viver a unidade entre o que sentimos, pensamos e fazemos. (...) é uma rica oportunidade de experimentarmos desdobramentos da nossa compreensão sobre as coisas, o mundo e as relações, vivendo os requintes apaixonantes da nossa sensibilidade. Momento que engloba também nossas inquietudes diante dos limites que o contexto sociocultural nos impõe (p.24).

Para Werneck (1998) o lazer, enquanto prática social dialeticamente vinculada ao trabalho:

é concebido como uma possibilidade de produção de cultura, um espaço para a vivência lúdica de diferentes conteúdos que pode propiciar a leitura crítica e criativa de nosso contexto, estimulando-nos a lutar pela conquista de autonomia e pela garantia de um viver digno, ultrapassando as barreiras dos discursos opressores e injustos verificados em nosso meio (p. 49).

A autora alerta ainda que “freqüentemente entende-se o lazer como ‘não-trabalho’, ‘tempo livre’ ou ‘desocupado’ dedicado à diversão, recuperação de energias, à fuga

das tensões e ao esquecimento dos problemas que permeiam a vida cotidiana” (WERNECK, 2000, p.13).

Magnani (2000), entende o lazer como:

Um determinado conjunto de atividades – individuais ou coletivas, voltadas para a satisfação de uma série de interesses – no plano da criação, formação e aprimoramento pessoal, entretenimento, descanso, etc, realizadas no tempo liberado das obrigações impostas pelo trabalho profissional e por outras responsabilidades sociais (p.21).

O mesmo autor considera que a partir do lazer é possível pensar a sociedade e refletir sobre valores mais gerais, pois ele não está desvinculado dos demais planos da vida social: “além de ser bom para repor as forças depois de um período estafante de trabalho na visão do senso comum, é bom também para pensar os valores e a dinâmica da sociedade” (MAGNANI, 2000, p. 23).

Padilha (2000) discute o lazer enquanto ato político, apresentando a relação entre tempo livre e capitalismo:

É importante salientar que a sociedade capitalista atual, buscando maiores rendimentos com menores custos, acaba por eliminar milhares de trabalhadores do mercado de trabalho com o agravante de não lhes possibilitar uma ocupação do seu tempo liberado, de forma que a sua vida tenha mais sentido (p.17).

A autora ainda explicita seu entendimento de lazer enquanto possibilidade de emancipação da sociedade, entendendo emancipação como o processo de libertação dos homens em relação ao seu estado de sujeição ao sistema e aos imperativos econômicos oriundos do modo de produção:

Uma sociedade cujos membros são emancipados é uma sociedade que possibilita o livre desenvolvimento dos mesmos sem que eles tenham que sacrificar as próprias vidas em função de interesses que não são diretamente as necessidades humanas, coletivas e sociais. Na verdade, homens

emancipados são aqueles capazes de identificar os seus próprios interesses e alcançá-los, articulando atividades individuais com necessidades sociais. Uma sociedade emancipada, pode-se dizer, é uma sociedade tornada efetivamente humana e social (PADILHA, 2000, p.17).

Os estudos sobre lazer que buscam desmitificar sua visão funcionalista de recompensa ao trabalho têm-se baseado, também, no entendimento de Marcellino (1998).

Para o autor:

O lazer é entendido como a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. É importante, como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca (...) outra recompensa além da satisfação provocada pela própria situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (p.39).

Este entendimento traz uma outra discussão: o *tempo disponível*. Este tempo, segundo o autor, é aquele que o indivíduo dispõe, após livrar-se de suas obrigações profissionais - o trabalho; e pessoais - familiares, políticas e sociais; e dedica a si mesmo, chamando-o, então, de tempo *disponível* para o lazer, uma vez que, segundo o autor, não é possível falar em tempo livre. Para ele, “nenhum tempo pode ser visto como livre de coações ou normas de conduta social” (MARCELLINO,1999, p.13).

Ainda segundo o mesmo autor, durante o tempo destinado ao lazer, seria ideal:

que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses, procurando, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o relacionamento social, o intercâmbio cultural e a quebra da rotina (MARCELLINO, 1999, p.16).

Tempo e espaço disponíveis são condições necessárias mas não suficientes para o aproveitamento do lazer como elemento de contribuição para recuperar o humano na vida do ser. De acordo com Gonçalves Junior (2003), além das dimensões de tempo e de espaço, é indispensável considerar o elemento *atitude* na compreensão do lazer, ou seja, a

intencionalidade do indivíduo quanto ao que fazer em seu tempo disponível, ao assumir um espaço e/ou tempo distinto daquele do trabalho, inclusive não fragmentando tais dimensões da vida em espaços e/ou tempos estanques. Isto “implica, portanto, em uma escolha que depende do significado atribuído pelo indivíduo ao lazer (e ao trabalho!), não desconsiderando, no entanto, o contexto social, que envolve opressão (de uns sobre outros) e desigualdades (entre uns e outros)” (GONÇALVES JUNIOR, 2003, p.5).

Como é possível notar, os estudiosos do lazer não trazem, ainda, um consenso quanto ao “conceito de lazer”. Entretanto, é possível considerar o lazer visto sob duas óticas: uma, enquanto vivência do lúdico, ou seja, pela realização de experiências lúdicas e prazerosas¹², como eixo principal das experiências de lazer. Outra, enquanto espaço propício para o pensar a sociedade e seus grupos, suas possibilidades e seus conflitos.

Dessa forma, vejo o lazer enquanto tempo/espaço de vivências lúdicas, de expressão do indivíduo, de realização de vontades, enfim, de ser humano que idealiza, constrói e se desenvolve plenamente, acreditando que é possível o indivíduo educar-se – uma vez que a educação é permanente e o indivíduo protagonista deste processo - durante o desenvolvimento de suas experiências de lazer.

A seguir trago um breve histórico da educação no Brasil, com o intuito de contextualizar o atual momento da educação formal na realidade brasileira para, daí, introduzir os conceitos de educação não formal e educação pelo lazer.

2. Educação no Brasil: rupturas e mudanças no século XX e início do século XXI

A problemática educacional no Brasil assume traços específicos de acordo com o contexto histórico, social e político pelos quais passa o país. Em acordo, Freitag

¹² Atentemos ao fato de que nem toda experiência prazerosa pode ser considerada uma experiência de lazer. Entretanto, de acordo com Camargo (1886), toda atividade de lazer deve proporcionar prazer.

(1986), afirma que “as características da política da educação devem ser vistas sob a luz da economia e da formação social brasileira como um todo”. (p.45)

De acordo com Ghiraldelli Junior (2006), a educação escolar brasileira tem seu início no Período Colonial, mais propriamente ao término do regime das Capitânicas Hereditárias, em 1549, com predomínio e certo monopólio dos jesuítas.

Freitag (1986) divide a história da educação no Brasil em dois grandes períodos: um primeiro, que abrange o Brasil Colônia, Império e 1ª República, e um segundo, que compreende a Era Vargas (1930 – 1945), a Segunda República, ou República Nova (1946 a 1964), a Ditadura Militar (1964-1984), e o período da redemocratização do país (fins da década de 1970 a fins da década de 1980).

Neste item daremos ênfase da Era Vargas em diante, já que tal governo traz profundas mudanças no campo da educação do Brasil, bem como das relações de trabalho e de lazer. Outro aspecto relevante para delimitação de tal período é que em 1946, por impacto direto das mudanças provocadas pelo Governo Vargas nos citados campos, se efetiva a criação do SESC, instituição em que se desenvolve o Programa Curumim, foco desta dissertação.

O período do final do Império e início da República, até o momento que culminou com o início do Governo Provisório de Vargas, em 1930, assistiu a uma relativa urbanização de nosso país. Na ocasião, nasceram dois movimentos de idéias relacionados à educação: o “entusiasmo pela educação” e o “otimismo pedagógico”. O primeiro defendia a abertura de escolas e o segundo se preocupava com os métodos e conteúdos do ensino. Tais movimentos se alternaram durante a Primeira República, destacando-se o movimento do “entusiasmo pela educação” durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1917) e da crescente industrialização do país, que pedia nova forma de vida. Após a Primeira Guerra Mundial, o mundo conheceu o início da emergência dos Estados Unidos como potência

mundial, e a literatura pedagógica norte-americana passou a ser absorvida de modo mais intenso (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006).

Em 1924 é fundada a Associação Brasileira de Educação (ABE), tornando-se forte a influência do movimento escolanovista¹³, trazendo a esperança de democratização e transformação da sociedade por meio da escola. (GHIRALDELLI JUNIOR, 1992)

No final da década de 1920, a evolução da educação brasileira é caracterizada pelo fortalecimento das instituições, da sociedade política e do Estado, este enquanto direcionador da economia. A classe latifundiária, após a crise do mercado mundial em 1929, é obrigada a dividir o poder com uma nova classe emergente: a burguesia, que passa a exigir acesso à educação (GHIRALDELLI JUNIOR, 1992).

Apoiado por esta classe e por parte do setor militar, Getúlio Vargas assume o poder em 1930, e esta década fica marcada pela ampliação dos debates sobre educação, o desenvolvimento do ensino primário e secundário e pela criação do Ministério de Educação e Saúde.

De acordo com Ghiraldelli Junior (2006), em 1931, durante a Conferência Nacional de Educação, a Associação Brasileira de Educação decidiu pela formação de uma comissão para elaborar um estudo sobre as atribuições e responsabilidades dos governos federais, estaduais e municipais para com a educação. O estudo tornou-se posteriormente uma proposta do anteprojeto para o capítulo sobre educação na Constituição de 1934. Entre outras características, o texto previa que a educação nacional deveria ser “democrática, humana e geral, leiga e gratuita” (p.73). Além disso, à União coube a tarefa de elaborar um Plano Nacional de Educação, estabelecido posteriormente pela Constituição de 1934.

¹³ O movimento da Escola Nova, proposto por John Dewey, enfatizou “os métodos ativos de ensino-aprendizagem, deu importância substancial à liberdade da criança e ao interesse do educando, adotou métodos de trabalho em grupo e incentivou a prática de trabalhos manuais nas escolas; além disso, valorizou os estudos de psicologia experimental e, finalmente, procurou colocar a criança (e não mais o professor) no centro do processo educacional” (GHIRALDELLI JUNIOR, 1992, p.25).

O Plano Nacional da Educação viria coordenar e supervisionar as atividades de ensino em todos os níveis. Implantou-se ainda, pela Constituição, a gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006).

A Constituição de 1934 durou apenas até 1937, quando Getúlio Vargas implanta o regime ditatorial denominado Estado Novo, de forte influência nazi-facista. A sociedade política submete assim a sociedade civil ao seu controle.

Para Freitag (1986) a política educacional do Estado Novo (1937-1945) visava transformar o sistema educacional num eficaz instrumento de manipulação da população. Neste período o movimento renovador da educação entra em recesso, decorrente do forte controle estatal da educação formal e de seus objetivos. Houve um total descaso para com a educação primária e a formação de professores. O ensino profissionalizante, introduzido em 1937 com a nova Constituição, tinha como objetivo, nas palavras do então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, “criar um exército de trabalho para o bem da nação” (citado por FREITAG, 1986, p.51).

A Constituição de 1937 eximiu o Estado da responsabilidade com a educação pública, afirmando seu papel subsidiário, e não central, em relação ao ensino (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006).

Nesse contexto, o ministro Gustavo Capanema empreende reformas no ensino: as Leis Orgânicas do Ensino, que “ordenaram o ensino primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.80). Além disso, de acordo com Aranha (1989), foram forjadas nessa época algumas entidades que passaram a ter papel fundamental na Educação Formal do país: é criado, em 1942, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI - e, em 1946, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, provocando, então, dois tipos de ensino profissional: um mantido pelo Estado e outro, paralelo, mantido pelas empresas. Chamadas de Reforma Capanema, as Leis

Orgânicas do Ensino Secundário “organizavam um sistema de ensino bifurcado, com o ensino secundário público destinado às ‘elites condutoras’, e um ensino profissionalizante para outros setores da população” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.82).

Da mesma época é a Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT (1943), que organizou as relações de trabalho através de uma legislação que trazia algum benefício ao trabalhador, e a institucionalização do sindicalismo atrelado ao Estado, com a criação dos Sindicatos Estatais.

De acordo com Ghiraldelli Junior (2006) o Estado impôs ao sistema público de ensino uma legislação que procurou separar aqueles que poderiam estudar daqueles que deveriam se dirigir ao mercado de trabalho, oferecendo determinado percurso para os alunos provenientes das classes mais abastadas, e outro percurso para as crianças de setores menos favorecidos economicamente, que iam do ensino primário para os cursos profissionalizantes.

No plano da educação básica, a reforma do ensino primário só é regulamentada por lei no governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, primeiro presidente eleito pelo voto popular após o término do Estado Novo, com a deposição de Getúlio Vargas (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006).

Após a Assembléia Nacional Constituinte, o país buscou retomar à normalidade democrática com a promulgação da Constituição de 1946. A principal mudança proposta pela Constituição foi a elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O projeto foi remetido ao Congresso Nacional em 1948, mas arquivado em 1949. Dois anos depois houve uma tentativa de retomada do projeto, mas o Senado informou que o trabalho havia sido extraviado (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006).

Dutra governou de 1946 a 1950, quando novas eleições reconduziram Getúlio Vargas ao Palácio do Catete. O nacionalismo e o trabalhismo de Vargas, que, de acordo com Ghiraldelli Junior (2006) prometiam o desenvolvimento industrial de nosso país associado ao

bem-estar social de nosso povo mais pobre, “defendiam a tese de que o Estado deveria responsabilizar-se em maior grau diante da necessidade de distribuição de educação para as classes populares” (p.101). De fato, Vargas procurou aumentar as despesas públicas com o ensino, mas o ensino superior foi mais contemplado que o ensino primário.

O governo de Vargas não foi bem sucedido quanto à sua atuação no campo educacional, se considerarmos o contraste entre a política social verbalizada na oratória oficial, que acenava para a instalação de um estado do bem-estar social, e o resultado real de sua política social (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006).

Com o êxodo rural causado pela esperança de vagas no mercado de trabalho devido à instalação das grandes empresas nas cidades, surgem sérios problemas decorrentes da falta de condições de acolher a todos: pouca disponibilidade de moradias, falta de saneamento básico, ausência de escolas e transporte público, atendimento precário à saúde e mesmo “o tão sonhado emprego” (ARANHA, 1989, p.252).

No entanto, o suicídio de Vargas em 1954 não pôs fim ao “getulismo”. Ao contrário, perpetuou a difusão de um otimismo quanto ao desenvolvimento do país e levou a chapa de Juscelino Kubitschek (JK) e João Goulart (Jango) ao poder.

A fase que vai de 1945 a 1960 corresponde a um período de abertura ao capital estrangeiro, sobretudo no governo JK (1955 – 1960). Segundo GhiraldeLLi Junior (2006), o Programa de Metas do Presidente JK foi um projeto de dotação de infra-estrutura básica para o país, ou seja, de industrialização, modificando os rumos da economia brasileira no contexto internacional. “A última meta do programa, que falava da educação, fazia o problema do ensino dependente das necessidades de institucionalização de uma educação para o desenvolvimento, ou seja, o ensino técnico-profissionalizante” (p.103).

O curso secundário é novamente reestruturado, são definidas suas finalidades, mas mantinha-se “a velha tradição do ensino secundário acadêmico, propedêutico e

aristocrático” (ROMANELLI, 1987, p. 157). Quanto ao ensino profissionalizante, com o grande desenvolvimento industrial, o ensino público é colocado sob os desígnios do mercado de trabalho.

Nesse período, de acordo com Ghiraldelli Junior (2006), uma Comissão de Educação e Cultura do Congresso iniciou um trabalho para elaboração de um novo projeto de LDB, que durou seis anos. Em 1957, reiniciou-se a discussão do projeto e, em 1958, a Comissão recebeu um súbito substitutivo, que alterava todo o projeto original. Conhecido como substitutivo Lacerda¹⁴, por ter sido apresentado pelo deputado, o substitutivo trazia para dentro da legislação os interesses dos proprietários do ensino privado. O episódio que desencadeou o conflito entre os defensores do ensino público e os partidários da escola privada aconteceu em 1956, quando o padre deputado Fonseca e Silva, em discurso no Congresso, acusou os defensores do ensino público de serem “perigosamente comunistas”. A partir daí, o debate extrapolou os limites do Congresso e dos corredores das instituições governamentais, e várias entidades, como a Igreja Católica, os órgãos de imprensa, associações profissionais, entre outras, se envolveram no conflito.

Iniciava-se a Campanha da Escola Pública, pelos setores que sentiram que a aprovação de uma peça excessivamente privatista seria uma ameaça à escola pública que vários grupos, independentemente de filiação ideológica, viam como patrimônio necessário para as demandas sociais do país na época. (ARANHA, 1989).

Assim, em 1959, veio a público o Manifesto dos Educadores Mais Uma Vez Convocados, que era favorável à existência de duas redes, pública e particular, mas propunha

¹⁴ Carlos Lacerda, deputado federal antitetulista, como estudante da Faculdade de Direito aproximava-se dos comunistas e da Aliança Nacional Libertadora. Em 1945, rompeu com os comunistas e filiou-se à União Democrática Nacional. Jornalista, com o diário *Tribuna da Imprensa*, tornou-se o principal porta-voz da oposição durante o governo de Vargas. Após sobreviver a um atentado encomendado pelo Palácio do Catete, provocou o agravamento da crise político-militar que teria como desfecho o suicídio de Getúlio Vargas. Porta-voz da UDN contra a posse de Juscelino Kubitschek (JK) na presidência da República. Foi o primeiro governador do estado da Guanabara. Apoiou o golpe Militar de 1964, mas incompatibilizou-se com o Regime ao ver fracassado o seu plano de chegar à Presidência da República. Em 1966 articulou o movimento oposicionista da Frente Ampla, com os ex-presidentes JK e João Goulart. Teve seus direitos políticos cassados em 1968, e faleceu no Rio de Janeiro em 1977.

que as verbas públicas servissem somente à rede pública, e que as escolas particulares se submetessem à fiscalização oficial.

Enfim, em 1961, o projeto de LDB já aprovado pela Câmara, após receber mais de 200 emendas, foi aprovado pelo Senado, e sancionado pelo então presidente da República João Goulart. Conhecida como Lei 4.024/61, a nossa primeira LDB possuía grande caráter seletivo, uma vez que favorecia as elites e restringia a participação das massas, que via na escola um instrumento de ascensão social.

Em 1962 instituiu-se um novo Plano Nacional da Educação (PNE), seguindo as prescrições da LDB, que impunha ao Governo Federal a obrigação de investir no mínimo 12% dos recursos dos impostos arrecadados pela União para a educação. Tal plano, contendo metas quantitativas e qualitativas, era um instrumento claro e concreto de objetivos a serem cumpridos como, por exemplo, a matrícula de 100% da população entre 7 e 11 anos de idade no ensino primário, e 70% da população escolar de 12 a 14 anos nas séries subsequentes, além da matrícula de pelo menos 30% da população de 15 a 18 anos no ciclo colegial. Outras metas, relacionadas ao ensino superior e a questões que envolviam o trabalho docente também foram colocadas. O PNE foi extinto duas semanas após a Revolução de 1964¹⁵, que depôs João Goulart e instaurou a Ditadura Militar (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006).

O golpe militar de 1964 opta pelo aproveitamento do capital estrangeiro. A recuperação econômica subsequente gera um modelo que concentra a renda numa pequena parcela da população e submete os trabalhadores ao arrocho salarial.

O período ditatorial, que durou 21 anos, serviu de palco para o revezamento de cinco generais na Presidência da República, e foi marcado em termos educacionais, pela repressão, privatização de ensino, exclusão dos setores mais pobres do ensino elementar de

¹⁵ Falava-se em Revolução, mas não se tratou de uma revolução propriamente dita e, sim, de golpe militar (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.105).

boa qualidade, institucionalização do ensino profissionalizante na rede pública regular, tentativas variadas de desmobilização do magistério e confusões na legislação educacional.

Politicamente falando, o período é marcado pela perda do poder de participação e crítica da população, e ainda por repressões violentas a qualquer oposição ao regime ditatorial/militar.

Na educação, a reestruturação da representação estudantil é o reflexo à repressão. De acordo com Ghiraldelli Junior, o ano de 1968 é marcado mundialmente pela revolta estudantil. A universidade daquele período tornou-se um pólo de resistência ao regime ditatorial.

A reação da Ditadura é violenta: em novembro do mesmo ano, é apresentada a lei de reforma do ensino superior. Em dezembro, é baixado o AI-5¹⁶, retirando todas as garantias individuais, públicas ou privadas, e concedendo ao Presidente da República plenos poderes.

Em fevereiro de 1969, através do Decreto-Lei nº477, são proibidas toda e qualquer manifestação de caráter político aos professores, alunos e funcionários das escolas. (ARANHA, 1989)

Neste período, todos os problemas são “resolvidos” através das leis e decretos, característicos das ditaduras. Sobre as reformas da educação, leis publicadas em 68 e 71 não revogam totalmente a LDB de 1961, mas são impostas autoritariamente e, de acordo com Aranha (1989), “imprimem à educação uma tendência fortemente tecnicista” (p.254).

Na Lei número 5692/71, nossa segunda LDB, o ensino de primeiro e segundo graus possuía como objetivo formar os indivíduos para o desenvolvimento de suas potencialidades, qualificá-lo para o trabalho e exercício consciente da cidadania. Para tanto, a lei reestrutura o ensino ampliando a obrigatoriedade escolar para oito anos, aglutinando o

primário e o ginásio, eliminando os exames de admissão que anteriormente eram realizados entre as duas etapas. Além disso, é extinta a divisão entre escola secundária e técnica, sendo criada a escola única profissionalizante, e ainda é reestruturado o curso supletivo.

Aparentemente a reforma viria contribuir com o desenvolvimento da educação. No entanto, de acordo com Aranha (1989), a mesma trouxe prejuízos à educação brasileira, principalmente pelo seu caráter tecnocrático, segundo o qual eficiência e produtividade acabam se sobrepondo aos valores pedagógicos.

Tendo transformado todo o ensino secundário em profissionalizante, a Lei “quebra a espinha dorsal do ensino profissional existente, que até então funcionava bem” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p. 125). O curso de formação de professores, a Escola Normal, é desativada, e dá lugar ao “Magistério”, que na prática era freqüentado pelos alunos que, por suas notas baixas, não conseguiam vagas nas outras habilitações que poderiam encaminhar para o ensino superior. Este foi, talvez, um dos maiores golpes na política de formação de professores.

Até que, em 1982, pela Lei 7041/82, a “qualificação pelo trabalho” é substituída pela “preparação para o trabalho”, e as escolas são dispensadas da obrigatoriedade da profissionalização, voltando a ênfase para a formação geral (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.126).

A partir de 1985, a redemocratização do país após mais de vinte anos de governos ditatoriais, implicou na eleição de uma Assembléia Nacional Constituinte, o país ganhou uma nova Constituição, em 1988, mais generosa quanto a direitos sociais, se comparadas com as anteriores, tantas vezes emendadas autoritariamente para servir interesses momentâneos dos generais presidentes.

¹⁶ AI-5: baixado em dezembro 1968, o quinto Ato Institucional instaurava a censura à imprensa, cerceava a liberdade partidária e de expressão, censurava as artes e todo o tipo de manifestações contrárias ao governo. Lideranças políticas e estudantis foram perseguidas e exiladas - ou desapareceram misteriosamente. Deixou de vigorar somente em 1979.

Na Carta Magna de 1988, a educação não veio contemplada somente num local próprio, no tópico específico destinado a ela, mas apareceu também em outros tópicos. Assim, no título sobre direitos e garantias fundamentais (artigo 6º.), a Educação aparece como direito social, junto da saúde, do trabalho, do lazer, da segurança, da previdência social, da proteção à maternidade e à infância, da assistência aos desamparados. Também foi incluída no capítulo sobre a família, a criança, o adolescente e o idoso, ficando determinado ser dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente o direito à Educação como uma prioridade em relação a outros direitos, garantidos pelo incentivo e colaboração da sociedade. No lugar próprio da Educação (artigo 205), foi mencionada como algo que deveria visar ao pleno desenvolvimento do indivíduo, “seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1999, p. 116).

Além disso, o dever do Estado deve ser efetivado pela garantia ao ensino fundamental obrigatório e gratuito, progressiva universalização do ensino médio gratuito e acesso a níveis mais elevados de ensino, pesquisa e criação artística “de acordo com a capacidade de cada um” (idem *ibidem*).

A nova Constituição Federal, embora favorecesse velhos hábitos que desgostaram aqueles que almejavam uma maior proteção ao ensino público, gratuito, obrigatório e laico fornecido pelo Estado, pois permitia o deslocamento de verbas públicas para o ensino privado, não podia, por ela mesma, legislar no campo mais detalhado da educação. Para tal, a própria Constituição determinou que fosse elaborada uma nova LDB. Assim, as questões referentes à escola pública são retomadas.

A LDB resultou de uma intensa luta parlamentar e extra-parlamentar. Entidades da sociedade, com interesses convergentes em relação à defesa do ensino público e gratuito, se reuniram em vários momentos criando versões de uma LDB que fosse de seu

agrado. No entanto, a LDB resultante foi uma mescla entre projetos que ouviram setores da população e o projeto do Senador Darcy Ribeiro.

Em 1996, em meio a algumas satisfações e muitas insatisfações, como sugere Pedro Demo, a nova Lei de Diretrizes e Bases - Lei Darcy Ribeiro, foi sancionada. Embora não fosse totalmente inovadora, se “entendemos como inovação a superação pelo menos parcial, mas sempre *radical*, do paradigma educacional vigente, ou ainda se a entendemos como estratégia de renovação dos principais eixos norteadores” (DEMO, 1999, p.12), e ainda deixando lacunas sobretudo ao considerar a aprendizagem do aluno como resultado de uma atividade chamada ensino, a nova LDB contém dispositivos inovadores e flexibilizadores, permitindo avançar certos aspectos, como a extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino, a possibilidade de criar formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, a valorização do professorado e garantia do aprendizado do aluno, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pluralismo de idéias, o apreço à tolerância, a gestão democrática pública, etc.

De acordo com Demo (1999), a atual LDB não considera a aprendizagem legítima que supõe pesquisar, elaborar, reconstruir conhecimento, e ainda que aprender deve ser um processo lúdico, e a aprendizagem - do educador e do aluno - deve se dar com prazer.

Além da criação de uma nova LDB, a Constituição de 1988 iniciou o debate sobre a criação de um Plano Nacional de Educação em termos legais. Tal tarefa ficou instituída no artigo 214 da LDB, e responsabiliza a União de criar o novo Plano.

O PNE deveria conseguir:

(...) a elevação global do nível de escolaridade da população; a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; e a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública e a democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a

participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.193).

O Plano definiu ainda as diretrizes para a gestão e o financiamento da educação, as metas para cada nível e modalidade de ensino, além das diretrizes para formação e valorização do magistério e demais profissionais da educação.

Na década de 1990, foram gerados ainda dois tipos de diretrizes para a educação brasileira: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as Diretrizes Curriculares do Ensino.

Os PCNs foram publicados e ficaram em evidência em nossa sociedade. Constituídos de oito livros, indicam o que pode ser feito no âmbito de cada escola, e regulamentam o ensino, agora chamados Ensino Fundamental, constituído de quatro ciclos que compreendem as oito séries iniciais, e Ensino Médio, constituído pelo antigo colegial, com mais três séries.

As Diretrizes Curriculares do Ensino, que deveriam nutrir os PCNs por seu caráter teórico, por sua vez, de acordo com Ghiraldelli Junior (2006), não ganharam popularidade, por serem complexas do ponto de vista filosófico e pedagógico.

Assim é caracterizada a educação brasileira no final do século XX e início do século XXI, momento que passamos sob o governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, considerados “anos de proliferação de programas governamentais em educação” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.195), embora Freitag (1986) afirme que em nenhum momento da história da educação brasileira as iniciativas governamentais desenvolvidas no campo da educação tenham sido tão intensas quanto no período compreendido entre 1965 e 1975, período em que o Brasil se encontrava sob a Ditadura Militar (1964 – 1983).

No período destacado pela autora, intelectuais importantes, entre eles Paulo Freire, surgiram no cenário da educação brasileira, tendo se tornado protagonista de uma ação

posteriormente denominada “método Paulo Freire”, o qual se tratava de uma pedagogia libertadora, problematizadora, conscientizadora, popular, dialógica.

A partir da leitura de Paulo Freire (2005a, 2005b, 1997, 1996) podemos perceber a proposição de uma Educação Dialógica (ou Libertadora), entendendo o diálogo não como abrir espaço vez ou outra para os alunos e alunas falarem, mas que a mesma se inicia quando o educador ou educadora se pergunta com o que vai trabalhar, investiga a comunidade (pais, alunos, professores, funcionários, moradores...) onde vai trabalhar.

Podemos dizer que o método Paulo Freire possui os seguintes momentos:

- *Investigação temática (ler o mundo)* – descobrir o que a pessoa já sabe e, descobrindo o que sabe aprimorar seu conhecimento, ou seja, a construção do conhecimento a partir do “*saber de pura experiência feito*” (FREIRE, 1996, *passim*).

- *Tematização (compartilhar o conhecimento)* – o educador é aquele que incentiva/motiva a partir da palavra ou do “*tema gerador*”. O diálogo se faz necessário, pois posso me equivocar em minhas interpretações ou ter uma visão limitada.

- *Problematização (construir-reconstruir o mundo lido)* – momento do engajamento, do compromisso (emancipador solidário daquele conhecimento), da transformação das condições de vida.

Assim, o ato educativo deveria buscar problematizar as situações vividas pelos educandos, promovendo a sensibilização e reflexão para buscar a transformação da sociedade.

Neste sentido, a educação formal brasileira, institucionalizada, centrada na escola e na relação professor ensina – aluno aprende, está longe de desvelar a realidade através do pensar crítico, uma vez que a educação enquanto conscientização “só se efetivaria por completo quando educadores-educandos e educandos-educadores, juntos, conseguissem se engajar em um processo de transformação social” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p. 110).

Acreditando que o processo de conscientização para a transformação social deve ser dado não somente na instituição escolar, mas também em todas as demais instituições e práticas sociais que envolvam quaisquer processos de ensino-aprendizagem, introduzo a seguir uma breve reflexão sobre a educação não formal e a educação pelo lazer enquanto veículos de transformação e desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

3. Educação Não Formal e Educação pelo Lazer

O termo “educação”, de acordo com Ghiraldelli Junior (2006), tem sua origem em duas palavras do latim: *educere*, que significa conduzir de fora, dirigir exteriormente, e *educare*, que indica sustentar, alimentar, criar. Segundo o autor, o sentido comum é o de “instruir” e “ensinar”, com conotações que indicam diferentes posturas pedagógicas, ou dois caminhos da filosofia da educação no mundo ocidental: “por um lado, o ensino baseado em regras exteriores em relação ao aprendiz, por outro, o ensino dirigido no sentido de incentivar o aprendiz a forjar as suas próprias regras” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p.13).

A educação é vista ainda como um processo de formação do indivíduo, que começa no lar e se estende até o fim da vida (FREIRE, 1997), visando à transformação através da vivência e de experiências adquiridas pela interação com outros indivíduos, estimulando e desenvolvendo aspectos físicos, psíquicos e sociais.

Quanto à conceituação de educação e sua situação num dado contexto social, Freitag (1986) ressalta que “a educação sempre expressa uma doutrina pedagógica, a qual implícita ou explicitamente se baseia em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade” (p.15). Ainda segundo a autora, o processo educacional se dá através de instituições específicas, como a família, a igreja, a escola, a comunidade, entre outras, que se tornam porta-vozes dessa doutrina. Tais instituições assumiram, ao longo da história,

diferentes responsabilidades e se utilizaram de diferentes estratégias para cumprir seu papel educacional.

De acordo com Camargo (1998), a educação completa só é possível quando dada num tríptico campo educacional: a educação formal, a educação informal e a educação não formal.

Por educação formal entendemos a educação organizada com uma determinada seqüência, proporcionada pelas escolas, que obedece a um projeto pedagógico e busca uma certificação, enquanto a educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decorrer da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por sua vez, a educação não formal, embora obedeça a uma estrutura e a uma organização, divergindo, portanto, da educação informal, difere da educação formal no que diz respeito à não fixação, *a priori*, de tempos e espaços de aprendizagem, e à flexibilidade na adaptação de conteúdos de acordo com os interesses de cada grupo (JANELA, 1989, p.78).

Para Gohn (1999), a educação não formal aborda “processos educativos que ocorrem fora das escolas, organizados pela sociedade civil, ao redor de ações coletivas (...), abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social” (p.7).

Neste sentido, se relacionarmos os três campos educacionais com espaços para sua realização teremos a escola e instituições afins como campo de desenvolvimento da educação formal, a família, igreja e comunidade como campos de desenvolvimento da educação informal, e instituições diversas como clubes, associações, organizações não governamentais e entidades sociais como campo de desenvolvimento da educação não formal.

A educação não formal pode ser exemplificada por práticas em que o compromisso com questões que são importantes para um determinado grupo é considerado

como ponto fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Esse compromisso torna-se mais importante do que qualquer outro conteúdo pré-estabelecido por pessoas ou instituições.

De acordo com Camargo (1998), a educação não formal surgiu pela tentativa de intervenção profissional no campo da educação informal, através de métodos não formais, ou seja, aqueles que são planejados, mas contam com a participação voluntária dos sujeitos.

Enquanto estratégia de atuação, a educação não formal utiliza-se principalmente do jogo e outras atividades lúdicas: “(...) o papel psicossociológico do jogo fora do processo institucional está presente, garantindo a aprendizagem, mesmo que de maneira não formal” (SCHWARTZ, 1998, p.66).

De acordo com a autora, reflexões sobre a utilização do jogo ou de atividades lúdicas em geral têm evidenciado o surgimento de uma pedagogia pelo jogo ou do jogo, de sua utilização educativa e dos meios para seu emprego eficaz, tendo conservadas suas características essenciais, como a ludicidade e a participação voluntária, quando tomado no interior do processo educativo.

Sob este aspecto, Kishimoto (1995) apresenta duas funções para o jogo utilizado como elemento pedagógico na educação: uma lúdica, na qual este propicia diversão e prazer, e outra educativa, na qual o mesmo complementa o conhecimento do indivíduo.

De acordo com Schwartz (1998), a entrada do jogo no ambiente pedagógico delinea o esforço de algumas concepções educacionais em adaptar o ensino às necessidades atuais, levando em consideração a criança e a sociedade, sem distanciar dos objetivos de formação intelectual e sócio-afetiva. Além disso, a autora salienta que “por meio do brincar, permite-se o aprendizado nos diferentes domínios” (p.68).

Assim, compreendemos que a educação não formal surge pela negação de uma educação centrada apenas na escola, uma vez que a educação é permanente e ocorre ao longo de toda a existência, “em que o próprio espaço físico converte-se em espaço educativo, em

que as informações se multiplicam em todos os espaços e tempos do cotidiano” (CAMARGO, 1998, p.33).

De acordo com o mesmo autor, a educação não formal se constitui basicamente pela chamada animação sociocultural, realizada principalmente nas instituições de lazer e cultura, entre elas o SESC.

O autor compreende que os chamados animadores socioculturais são aqueles educadores que, através de sua intervenção no campo do lazer e da cultura, devem “melhorar a qualidade do entretenimento e reduzir as chances de usos patológicos individual e socialmente do tempo livre” (CAMARGO, 1998, p.33).

No meu entendimento, concordo com Marcellino (1998) quando o mesmo coloca que a animação sociocultural deve contribuir para a elevação do senso comum, numa perspectiva de transformação da realidade social, sempre em conjunto com outras esferas de atuação política.

Werneck (1998) sugere que os profissionais da animação sociocultural devem ser capazes de interrogar o significado de sua ação e resolver problemas coletivamente, questionando a realidade e assumindo uma atitude reflexiva face aos processos sociais e às contradições do nosso meio, fazendo do lazer “não um mero produto a ser consumido, mas uma possibilidade lúdica, crítica, criativa e significativa a ser vivenciada com autonomia e muita responsabilidade” (p. 59).

De acordo com Marcellino (1983), para minimizar os riscos das atitudes destrutivas e da passividade, e contribuir para a passagem do conformismo a níveis críticos e criativos, à justa distribuição do tempo e do espaço para o lazer para todos, deve-se “somar uma ação cultural democratizadora, atenta a seu duplo aspecto educativo: a educação pelo lazer e a educação para o lazer” (p.70).

Ainda de acordo com o autor, é fácil verificar “a aceitação das atividades levadas a efeito no tempo disponível, como veículos de educação (...) e as possibilidades de desenvolvimento pessoal e social que a prática do lazer oferece estão próximas ou se confundem com os objetivos mais gerais da educação” (MARCELLINO, 1983, p.70).

Desta forma é necessário conhecer um conceito de Educação que reflita o ser humano e sua realidade:

Educação é o processo que visa a levar o indivíduo, concomitantemente, a explicitar as suas virtualidades e a encontrar-se com a realidade para nela atuar de maneira consciente, eficiente e responsável, a fim de serem atendidas necessidades e aspirações pessoais e sociais (NÉRICI, 1977, p.15).

Assim, a educação não formal, quando vista como formação do indivíduo, toma muito mais o caráter de fenômeno humano do que propriamente o da transmissão de conteúdos, e é dada “de forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repreensão em caso de não-aprendizado, pois as pessoas estão envolvidas no e pelo processo de ensino e aprendizagem e têm uma relação prazerosa com o aprender” (VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p.10).

É importante que a proposta de educação não formal funcione como espaço de prática e vivência social, que reforce o trabalho coletivo, e que estabeleça laços de afetividade entre os sujeitos.

A partir deste entendimento, faço a seguir uma descrição do campo no qual este estudo se desenvolveu, ou seja, a instituição SESC, sua criação e percurso histórico, e mais especificamente o Programa Curumim, sua contextualização histórica e implantação em nível institucional, e ainda o Programa na unidade de Araraquara, sua criação e principais características.

CAPÍTULO II – O SESC E O PROGRAMA CURUMIM

1. O Serviço Social do Comércio - SESC

Desde a década de 30 já era possível visualizar os problemas da crescente industrialização, uma vez que as pessoas migravam do campo para as cidades em busca de trabalho nas indústrias. Porém, esses trabalhadores não possuíam qualquer qualificação profissional para ocupar os novos postos de trabalho. Além disso, as cidades não possuíam infra-estrutura suficiente para suportar um crescimento tão rápido, ficando a população prejudicada no acesso às necessidades básicas como moradia, educação e saúde (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2000, p.1).

Em meados dos anos 40, a classe empresarial articulou-se para decidir sua atuação econômica e social face às mudanças pelas quais passava o país. Com a queda do Estado Novo e de Getúlio Vargas, tinha início uma nova e agitada fase de redemocratização e legalidade, além do grande surto de industrialização e desenvolvimento econômico.

A promulgação das leis trabalhistas e a tomada de consciência das classes trabalhadoras em relação ao seu papel econômico e seus direitos também foram consequência das mudanças econômicas e políticas.

Durante a Conferência das Classes Produtoras, realizada em maio de 1945, na cidade de Teresópolis - RJ, o empresariado brasileiro decidiu acatar as recentes conquistas sociais dos trabalhadores, e tomou a iniciativa de fazer uma série de recomendações, divulgadas posteriormente num documento que recebeu o nome de “Carta da Paz Social”. A proposta dos empresários foi a de definir basicamente uma postura de justiça social, capaz de assegurar aos trabalhadores melhores condições de vida.

Levando em conta as intenções que norteavam a Carta da Paz Social, em 1946, o então presidente da República Eurico Gaspar Dutra, assinou o decreto lei nº 9853, cujo artigo 1º atribuía à Confederação Nacional do Comércio, presidida por João Daudt D'Oliveira, a tarefa de “criar o Serviço Social do Comércio - SESC, com a finalidade de planejar e executar medidas que contribuam para o bem estar e melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias e, bem assim para o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade” (OS CINQUENTA ANOS DO SESC, 1996, p.12)¹⁷.

A manutenção da Paz Social - entendida como conseqüência do desenvolvimento que deve ser alcançado através da aplicação de uma metodologia condizente com os valores intrínsecos da pessoa e suas responsabilidades na sociedade - a promoção do bem-estar social, a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias e a elevação do padrão cultural da coletividade, davam-se através da oferta de serviços a custo reduzidos (OS CINQUENTA ANOS DO SESC, 1996).

Prestar assistência ao comerciário era o objetivo do SESC, principalmente nos setores médico, odontológico, sanitário e hospitalar. Reconhecia-se também a necessidade de se construir “uma obra duradoura e de vulto que possa aproveitar também as gerações futuras” (OS CINQUENTA ANOS DO SESC, 1996, p.13). Como entidade de assistência social, o SESC desenvolvia um trabalho complementar àquele desenvolvido pelas agências governamentais no campo da prestação de serviços sociais, sobretudo no de saúde, destinados à população trabalhadora e assalariada do país, afetada por doenças infecto-contagiosas e outras produzidas pela desnutrição.

¹⁷ A Revista E é uma publicação mensal do SESC São Paulo, destinada aos comerciários e demais associados do SESC e à população em geral, que discute, em seus artigos, diversos assuntos relacionados ao cotidiano da entidade, sua programação de atividades e principais projetos, além de trazer entrevistas e reportagens com pessoas de destaque na comunidade científica, artística e cultural.

São criados os restaurantes populares e os serviços de Educação Sanitária e Nutricional, as maternidades, os ambulatórios pediátricos e a “Atenção Maternal”, em resposta às altas taxas de mortalidade infantil.

A necessidade de descanso do trabalhador dá origem às Colônias de Férias, e a necessidade de equacionar questões básicas de vestuário e alimentação dá origem aos cursos de arte culinária e formação doméstica, somando-se aos centros de recreação infantil voltados para a atenção à infância. Tais programas darão origem aos chamados Centros de Atividades.

Segundo o artigo OS CINQUENTA ANOS DO SESC (1996), os centros sociais foram-se ampliando e os trabalhos que inicialmente eram voltados inteiramente para as necessidades da área de saúde foram se diversificando, abrangendo áreas de interesses mais amplos. Em 1950 faziam sucesso nos centros sociais do SESC os cursos de inglês, português, corte e costura e balé infantil. Nos anos que se seguiram floresceram os grupos de teatro, música, dança, cinema, fotografia, artes plásticas e os grêmios e clubes de funcionários de empresas comerciais.

Todo esse processo levou a reflexões teóricas e técnicas quanto ao tipo de serviço social a ser desenvolvido pela entidade.

Na medida em que as Colônias de Férias são criadas para descanso e “recuperação” dos trabalhadores, elas propõem pela primeira vez, de acordo com Magalhães (1988), “a necessidade de entreter e divertir os comerciários e familiares em férias, surgindo as primeiras práticas de lazer dentro do SESC” (p.8).

No final da década de 1960 a discussão sobre a questão do lazer como instrumento e oportunidade de trabalho social volta à tona e o tempo de lazer é redescoberto como fonte de um grande potencial educativo aplicável ao desenvolvimento pessoal. A grande meta a ser alcançada pelo trabalho do SESC continuou sendo a educação social, a ênfase,

contudo, passou a ser o lazer do comerciário, isto é, começou a utilizar o “lazer como roteiro” (OS CINQUENTA ANOS DO SESC, 1996, p.18).

Sendo favorável às idéias de Dumazedier o SESC assume, nas suas atividades, o lazer enquanto vivência ligada ao tempo livre, que é limitado pelo tempo de trabalho profissional, pela duração do tempo consagrado a outras atividades improdutivas, pelo tempo destinado às obrigações domésticas e familiares.

Segundo o documento Diretrizes Gerais de Ação (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1983, p.8), “o lazer propicia o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, na medida em que o libera dos condicionamentos que lhe automatizam a ação e o pensamento”. Ou, como acena a Revista E, “o tempo livre do indivíduo é também tempo de aprimoramento” (ESCOLA DO TEMPO LIVRE, 1995, p.11).

Tais considerações podem ser tomadas como referências à “educação pelo lazer”, uma vez que “o lazer educativo amplia a imaginação criadora, estimula o aprimoramento do indivíduo e o desperta para a importância de sua participação e colaboração para o progresso social” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1983, p.8).

O SESC, enquanto prestador de serviços a trabalhadores do comércio, é uma entidade que lida, diretamente, com o suprimento das necessidades de lazer e entretenimento de tal segmento de trabalhadores e suas famílias, além de possuir um objetivo educativo e de desenvolvimento cultural dos que o freqüentam. A proposta de atuação e o espaço físico do SESC são priorizados enquanto promotores de descanso, divertimento e recreação e, sobretudo, do desenvolvimento social, cognitivo e motor (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1983).

No campo do lazer, a ação da entidade implica sempre no aproveitamento das horas livres da clientela, com atividades que possuam fins educacionais. Como indica o documento Diretrizes Gerais de Ação, o SESC “aproveitará o tempo livre e a disposição

psicológica do indivíduo para motivá-lo à autopromoção social, através do incentivo ao aprimoramento de sua formação e do estímulo à sua atualização em face das mudanças” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1983, p.8).

Segundo Silvestre Neto (2000), sociólogo e Gerente de Estudos e Desenvolvimento do SESC São Paulo, o tempo livre é “um tempo que libera de pensar e agir por delegação da necessidade, e que permite pensar por conta própria, sem compromisso com nada sério a não ser com a descoberta do sentido profundo das coisas” (p.37). Atualmente no SESC, o tempo livre do comerciário tem sido considerado como um tempo para ser dedicado a si próprio, com qualquer atividade que satisfaça seus desejos, mesmo que sejam consideradas futilidades. Para além do descanso, o lazer no SESC é visto como um espaço de divertimento e recreação orientados e, até mesmo, para a realização de atividades intelectuais visando ao desenvolvimento e crescimento cultural e social.

Dentro de um amplo campo de atuação, o SESC desenvolve um número expressivo de atividades e projetos voltados ao público infanto-juvenil, “a partir de uma concepção não-escolar, centrada fundamentalmente em atividades de lazer (...)” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.8).

Inicialmente oferecendo o serviço de pré-escola, com a ampliação da rede de estabelecimentos municipais nessa área, a ação social do SESC passou a ser relativa. Os centros infantis do SESC São Paulo haviam se nivelado ao padrão mediano do mercado, deixando de prestar serviço de qualidade diferenciada. Além disso, o número de crianças atendidas era pequeno, face à enorme população infanto-juvenil carente de atividades de lazer e cultura.

De acordo com documento do Serviço Social do Comércio (1985), uma nova perspectiva de ação técnica surgia, baseada em pressupostos como:

- o atendimento ao maior número de crianças possível;

- a diversificação de conteúdos;
- a quebra da estrutura escolar;
- a sazonalidade e irregularidade na oferta;
- a utilização de espaços alternativos, tais como espaços públicos e comunitários.

Fator significativo nesta etapa dos projetos voltados ao público infanto-juvenil do SESC diz respeito à disseminação de atividades voltadas para o cotidiano das crianças, envolvendo as mais diversas atividades: físicas, esportivas, artísticas e culturais.

No entanto, alguns problemas permaneceram, uma vez que as ações não possuíam o caráter regular como outrora as pré-escolas ofereciam aos pais e mães trabalhadores do comércio, que muitas vezes não tinham onde ou com quem deixar seus filhos.

Além disso, considere-se a necessidade de manter o atendimento às crianças carentes e a busca de sua formação global, sobretudo frente às transformações sociais, tecnológicas e culturais, as quais não poderiam ficar à margem de uma ação educativa.

Temas como meio ambiente, ciência e tecnologia, sociedade, economia, cultura e arte deveriam tornar-se tão importantes quanto às atividades físicas e desportivas, mais amplamente divulgadas e desenvolvidas nas atividades já realizadas.

Para responder às necessidades de ordenamento das atividades já existentes, uma comissão de técnicos - animadores culturais e instrutores de atividades - propôs a realização do Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil - PIDI, que procurava resgatar as formas de trabalho social com crianças já desenvolvidas pela entidade, mas introduzindo novos conteúdos mais condizentes com a realidade vivenciada pelo país na segunda metade da década de 1980. Nascia o Programa Curumim.

2. O Programa Curumim

Na década de 1980, a população infanto-juvenil compreendia uma grande porcentagem da população brasileira. E mais ainda, a preocupação da sociedade com a questão do menor¹⁸ passou a ser pauta das discussões políticas e sociais da época. Os investimentos de entidades, governamentais ou não, na formação dos “futuros cidadãos” cresciam, sobretudo nas áreas da educação, saúde e alimentação.

Neste período, perante o quadro da crescente preocupação com o menor, o SESC elaborou um programa para repensar totalmente a sua atuação junto ao público infanto-juvenil. O mesmo foi embasado num estudo cuidadoso da situação do menor, e optava por uma clientela prioritária: os filhos de comerciários de baixa renda e pelos menores carentes, ou seja, um público “marginalizado” socialmente.

Sua preocupação fundamental era o desenvolvimento integral da criança, “complementando e suprindo vazios que as agências formais de educação, malgrado seu empenho, não logram preencher” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.3).

O trabalho da entidade, segundo palavras do seu Presidente, Abram Szajman¹⁹, era, e ainda é, “(...) pautado por uma busca incessante de adaptação à realidade sociocultural de cada momento, procedimento indispensável a qualquer ação eficaz” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985. p.2).

De acordo com as necessidades da população comerciária - principalmente após o surgimento das discussões acerca do lazer no final da década de 1950 - a atuação da

¹⁸ O termo “menor” é utilizado referindo-se aos menores de idade, sobretudo “menores de rua”, que na década de 1980 surgiram como um problema social fruto da pobreza e da falta de condições das famílias pobres paulistanas de cuidarem de suas crianças, aumentando a quantidade de crianças carentes vivendo nas ruas da capital paulista, praticando pequenos furtos, envolvendo-se com drogas e causando preocupação aos comerciantes, que passaram a exigir das instâncias governamentais uma solução para o “problema”.

¹⁹ Abram Szajman é o atual presidente do SESC. No estado de São Paulo, a Diretoria Regional é exercida pelo Prof. Danilo Santos de Miranda.

entidade tomou novos rumos, intensificando seu trabalho na esfera do lazer do comerciário principalmente na década de 1970, com a vinda de Joffre Dumazedier ao Brasil.

Já na década de 1980, considerando o quadro social da época e as ações da entidade dirigidas ao público infanto-juvenil realizadas até o momento, tornou-se necessário assumir uma posição que tratasse da criança enquanto ser socialmente envolvido, vivenciando uma determinada realidade e carente de respeito à sua singularidade.

Assim, a nova atuação deveria basear-se em valores como a ludicidade, o direito à informação, o domínio do meio e o exercício da cidadania.

Estabeleceram-se algumas diretrizes operacionais para guiar o trabalho, respeitando-se as características de cada unidade operacional, flexibilizando também as atividades de acordo com as equipes técnicas disponíveis no quadro de funcionários da entidade.

Tais diretrizes relacionam-se à estruturação dos conteúdos e à metodologia para o desenvolvimento das atividades.

Quanto à estruturação dos conteúdos, o objetivo era a não reprodução da estrutura escolar, embora o Programa não devesse ser um simples rol de práticas aleatórias. Realizar atividades que pudessem atingir os objetivos propostos de forma integrada, facilitando o acesso, produção e consumo da Cultura era o desafio proposto pela nova necessidade (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985).

Para os idealizadores do Programa, a Cultura “não é apenas o que o passado nos legou ou as contribuições da produção letrada e científica” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.17). Algumas expressões culturais inibidas ou até desconsideradas pela educação escolar, tais como: “as relações face a face, as atividades corporais, atividades manuais, práticas de turismo, as atividades de sensibilização e criação artística (música, teatro, dança, pintura, etc), o uso da informática, as relações com os meios de comunicação de

massa (TV, revista, cinema, rádio, livros, etc), os contatos com a natureza e com os animais” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.17), são consideradas Cultura e envolvem linguagens e formas de expressão que devem ser priorizadas no trabalho com o Curumim.

Percebe-se que tais conteúdos perfazem os sete interesses culturais do lazer colocados anteriormente. Os mesmos deveriam ser desenvolvidos num conjunto de atividades permanentes e de apoio, bem como com o desenvolvimento de projetos especiais, contemplando os vários aspectos necessários ao desenvolvimento integral da criança.

As atividades permanentes eram divididas em três categorias, ou módulos, como ainda hoje são chamadas: Módulo de Expressão Sensível, Módulo de Expressão Física e Módulo de Relações com o Meio (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985).

O módulo de expressão sensível abrange as atividades relacionadas às artes, como artes plásticas, música, dança, expressão corporal, teatro, etc. O módulo de expressão física desenvolve suas atividades a partir de questões relacionadas aos esportes, aos jogos e à recreação. O módulo de domínio do meio aborda as relações com a sociedade, cidadania, ciência e tecnologia e ainda as relações com a natureza e a educação ambiental.

Além das atividades permanentes, atividades eventuais como a realização de projetos de férias, festivais, gincanas, excursões, passeios, visitas a museus, teatros, cinema e exposições devem ser realizadas enquanto complemento das atividades e temas desenvolvidos nas atividades permanentes.

Finalizando as sugestões operacionais e mantendo a característica de atividade assistencial, serviços como prevenção de problemas odontológicos e fornecimento de lanche diário gratuitamente são oferecidos enquanto atividades de apoio.

Além das questões envolvendo o conteúdo a ser abordado, algumas sugestões metodológicas foram delineadas, configurando cinco fundamentos a serem seguidos no Programa: priorizar o caráter lúdico, manter diferenciação etária nas atividades, buscar a

continuidade progressiva, desenvolver a autonomia e participação e a realização de ação grupal.

A ludicidade²⁰ deveria ser vista “quer em contraposição à escola, quer no sentido de respeitar a necessidade intrínseca da criança pelo jogo” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.18).

No entanto, dever-se-ia tomar o cuidado para não confundir a ludicidade “enquanto simples prática do gratuito e do efêmero” (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 1985, p.18), mas como potencial educativo a ser planejado e devidamente orientado para alcançar os objetivos propostos. Atrair a curiosidade da criança num trabalho pedagógico “em que os educadores não se colocassem como donos do saber, nem abdicassem de seu papel em nome da falsa democracia de se deixar a criança fazer o que bem entende” (idem). A proposta era realizar um trabalho *com* a criança.

Quanto à diferenciação etária, o objetivo era a melhor adequação dos processos pedagógicos a cada faixa etária contemplada pelo Programa. A busca pela continuidade progressiva, mesmo considerando a evasão natural e novas inclusões de crianças, era uma proposta metodológica uma vez que o Programa deveria se caracterizar por um processo gradativo de complexidade, e o ideal era que a criança permanecesse no Programa dos 7 aos 12 anos, permitindo-lhe em cada fase, obter respostas às suas reais necessidades.

Permitir aos participantes modificar e redefinir a ação realizada também era a proposta do Programa, além da preocupação com o estabelecimento de relações sociais, formação de grupos, intercâmbio de conhecimentos e a convivência entre diferentes.

Assim, ficaram definidos os principais fundamentos metodológicos para aplicação do Programa, que sugere ainda uma organização operacional que compreende:

²⁰ Alguns autores discutem o uso do termo ludicidade, uma vez a palavra não pertencia ao idioma Português. No entanto, a mesma já foi incorporada ao nosso vocabulário, conforme descrito no Dicionário Aurélio (versão eletrônica/2003).

- a estruturação do tempo, sendo que as atividades chamadas permanentes, em que um conteúdo específico é desenvolvido, são permeadas por horários livres, nos quais as crianças podem optar pela atividade que desejam participar, além de ser garantido um horário para a realização do lanche;

- a estruturação dos grupos de crianças, sendo recomendado que cada Instrutor de Atividades acompanhe no máximo vinte e cinco crianças, e a divisão etária seja feita de acordo com as necessidades de cada unidade, não sendo obrigatória a divisão por idade, desde que as peculiaridades de cada faixa sejam respeitadas durante a realização das atividades;

- os recursos humanos especializados para o desenvolvimento das atividades, uma vez que as equipes operacionais são diferentes, e cada unidade possui autonomia para adequar os conteúdos a serem desenvolvidos de acordo com a especificidade do corpo técnico;

- os critérios de matrícula e inscrição, que devem respeitar a idade mínima para ingresso no Programa, que é de sete anos, a idade máxima para permanência no Programa, que é de doze anos, a prioridade de filhos de comerciários de baixa renda; e sobretudo

- a dinâmica de funcionamento do Programa, horários de início e término das atividades, dias da semana, período de realização das atividades, entre outros fatores que devem ser adaptados às necessidades e condições estruturais e de pessoal de cada Unidade Operacional.

Neste sentido, farei a seguir um recorte para descrever o Programa na unidade de Araraquara, uma vez que a mesma é o foco deste trabalho.

3. Trajetória e Características do Curumim em Araraquara

O Programa Curumim foi implantado na Unidade de Araraquara em agosto de 2001, após passar por um período de elaboração e estudo frente às reais necessidades

da comunidade local, assim como das estratégias para a manutenção dos fundamentos teóricos que regiam o Programa na entidade.

A equipe responsável pela implantação do Programa era formada por quatro jovens profissionais recém contratados pelo SESC, selecionados através de concurso exclusivo para a formação da equipe de Araraquara, no qual fiz parte da banca de seleção.

O processo de seleção desses profissionais compreende uma criteriosa análise do *curriculum vitae*, a realização de uma avaliação teórica sobre conhecimentos gerais a respeito da realidade brasileira e conhecimentos específicos a respeito da educação, do lazer e da cultura, uma avaliação prática a partir da elaboração de projetos temáticos que devem ser desenvolvidos por cada um dos candidatos, além de uma avaliação psicológica dos futuros profissionais.

As áreas de formação dos profissionais contratados após a seleção para comporem a equipe do Programa Curumim do SESC Araraquara eram pedagogia (duas instrutoras), educação física (um instrutor) e psicologia (uma instrutora), seguindo a característica fundamental das equipes que trabalham com o Curumim: a pluridisciplinaridade.

Foram praticamente quatro meses de planejamento antes da abertura das inscrições para o Programa, processo no qual foram realizadas leituras e discussões sobre a fundamentação teórica do Programa, elaboradas as grades de atividades de acordo com as especificidades e aspirações profissionais de cada um dos instrutores, e discutidos os rumos da educação não formal no SESC e no cenário da educação brasileira. Vale ressaltar que, atualmente, o texto de fundamentação do Programa, o PIDI, bem como suas orientações operacionais, estão passando por uma reformulação, visto que a realidade histórica em que o Programa foi criado possuía características

diferentes das quais atualmente encontram-se o país, a educação e a instituição SESC. Tal reformulação tem sido orientada pelo Instituto Paulo Freire, uma vez que acredita-se que a teoria dialógica proposta por este autor tem muito a contribuir com o Programa.

Inicialmente o Curumim de Araraquara contou com a participação de 22 crianças, com idade entre sete e dez anos, sendo 10 meninas e 12 meninos, e as atividades eram desenvolvidas nos módulos de Expressão Sensível, com Artes Plásticas e Expressão Corporal, Expressão Física, com Jogos Cooperativos, e Relações com a Sociedade e Cidadania, com atividades nas áreas de Literatura e Comunicação.

Ao final do primeiro semestre de atividades, e devido à procura de novas crianças pelo Programa, a grade foi reformulada e mais 41 crianças inscreveram-se e passaram a freqüentar as atividades. Durante todo o ano de 2002, 63 crianças fizeram parte do Programa em Araraquara.

A equipe de instrutores permaneceu a mesma mas, já em janeiro de 2002, passou a contar com uma estagiária do curso de pedagogia da UNESP, *campus* de Araraquara.

Ao final de 2002, o instrutor de atividades responsável pelo módulo de Expressão Física transferiu-se para outra unidade do SESC, e uma nova profissional de Educação Física passou a fazer parte da equipe.

Novamente as atividades foram reformuladas, uma vez que tal contratação não ocorreu de imediato. Em março de 2003 novas crianças entraram no Programa, e agora já somavam 105 participantes.

Este número perdurou durante todo o ano de 2003, assim como a equipe reestruturada.

No ano de 2004 passamos a atender 120 crianças, e novamente a equipe passou por mudanças, com a transferência de instrutores para outra Unidade, que não

foram as últimas. Ao final do mesmo ano, uma das profissionais que integrava a equipe desde sua formação inicial transferiu-se também, gerando a necessidade da reformulação tanto da grade de atividades quanto da equipe.

É importante salientar que todos os profissionais da formação inicial da equipe continuaram atuando como instrutores de atividades do Curumim, embora em unidades diferentes. Em Araraquara, da formação inicial, permaneceram duas pedagogas, que adiante terão seus depoimentos analisados.

Quanto aos conteúdos, mesmo com as mudanças no quadro de instrutores, mantiveram-se as atividades nas áreas de literatura, artes plásticas, jogos cooperativos e expressão corporal, uma vez que os instrutores contratados estruturaram suas atividades nos mesmos princípios que norteavam as atividades anteriores.

Permitir o desenvolvimento e expressão da criatividade e imaginação, dando oportunidade à criança para conhecer a si mesma e ao mundo em que vive, estimular a habilidade da leitura e escrita, e desenvolver a capacidade de escolha, crítica e organização de informações eram os principais objetivos da área de literatura.

Nas artes plásticas, os objetivos eram sensibilizar os órgãos dos sentidos, desenvolvimento da consciência ecológica, livre expressão de idéias e sentimentos através da arte, autoconhecimento, concentração e relaxamento, além da manipulação, experimentação, vivência e acesso à informação.

As atividades físicas, realizadas principalmente pelos jogos cooperativos, buscavam o desenvolvimento da integração, afetividade, espírito de equipe, cooperação e companheirismo.

E nas atividades de expressão corporal, os principais objetivos eram a sensibilização e conscientização de atitudes, gestos e ações cotidianas, o conhecimento

do corpo como veículo de comunicação com o mundo e o trabalho com as emoções e sensações.

Anualmente, no Programa como um todo, são eleitos temas norteadores dos trabalhos em cada uma das atividades. Geralmente há um tema geral que permeia as realizações, que é sugerido pelas próprias crianças e posteriormente discutido na equipe.

Além disso, regras de convivência são estabelecidas pelas crianças participantes, para organizar os trabalhos do grupo. As questões da cidadania e do respeito às diferenças e individualidades é predominante nas atividades.

Os materiais utilizados na realização das atividades geralmente são reaproveitados, trabalha-se muito com sucata e material reciclável. Além disso, assuntos como desperdício e consciência ecológica são freqüentemente discutidos.

A grade diária do Curumim em Araraquara conta com um horário inicial, chamado de “horário livre”, no qual as crianças podem optar por qual atividade desejam realizar, além de ser possível sua utilização para realizar as tarefas escolares. No horário livre são oferecidas atividades de recreação nas quadras, como jogos e esportes, oficinas de pintura e desenho, são proporcionados o acesso à biblioteca e sala de jogos.

A seguir, são realizadas as atividades permanentes de cada módulo, para as quais as crianças são divididas de acordo com a faixa etária, de forma que cada grupo vivencie uma determinada atividade com seu respectivo instrutor uma vez por semana. Além das atividades propriamente ditas, diariamente é servido um lanche gratuitamente aos participantes, e todos os dias são encerrados com uma “roda”, para avaliação das atividades, discussão dos acontecimentos e sugestões para novas realizações.

Também são realizadas atividades complementares, como os Encontros Pais e Filhos, as Viagens, Festas de Aniversariantes do Mês e as Reuniões de Pais.

Os Encontros Pais e Filhos são realizados geralmente aos sábados, para possibilitar a participação maciça dos pais das crianças participantes. O mesmo consiste num dia de realização de atividades em conjunto, ou seja, os pais participam de um “Dia de Curumim” junto com seus filhos. É importante ressaltar que são as próprias crianças que escolhem, elaboram e ministram as atividades aos pais. O encontro é encerrado com um lanche para os participantes.

As viagens são sempre realizadas em complemento às atividades permanentes, ou seja, são utilizadas como complementação e vivência dos temas aprendidos durante as atividades diárias. Exemplos como a viagem à cidade de Brodósqui, ao Museu Casa de Portinari, após o estudo das obras do pintor brasileiro Cândido Portinari, ou a visita ao Museu de Paleontologia de Monte Alto, cidade próxima à Araraquara, após estudo das origens da vida animal no planeta, são citados nos discursos dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa.

Outras atividades complementares, como as Festas de Aniversariantes do Mês, além das Reuniões de Pais também são citadas nos discursos analisados.

Especificamente sobre as Reuniões de Pais, é importante salientar que as mesmas são realizadas bimestralmente, e além de serem um caminho de aproximação das famílias com o trabalho diário do Curumim, são sempre realizadas com o intuito de auxiliar os pais no entendimento e na discussão de assuntos pertinentes à educação de seus filhos. Geralmente contrata-se um profissional da área de educação especializado em temáticas pertinentes, como Prevenção às Drogas, Sexualidade Infantil, Relacionamento Pais e Filhos, entre outros assuntos, para ministrar palestras e vivências aos pais. Os temas são escolhidos pelos próprios pais, no momento da inscrição da criança, ou sugeridos pela equipe de Instrutores, quando nota-se alguma necessidade específica para determinado acontecimento.

Assim é caracterizado o Curumim no SESC Araraquara, embora no dia a dia do Programa haja outras atividades sendo realizadas, como o Jornal Mundo Curumim, um jornal semestral elaborado e diagramado pelas próprias crianças, cujo conteúdo apresenta as principais realizações do semestre; as atividades na Sala de Internet Livre onde, com o auxílio de uma Instrutora de Atividades Multimídia, as crianças tomam contato com os recursos do computador enquanto meio de comunicação, mandam e recebem *e-mails*, aprendem a navegação em rede para efetuarem pesquisas e a utilização de diversas outras ferramentas; a participação em espetáculos de teatro para crianças, visita às exposições e a participação na programação infanto-juvenil da unidade como um todo.

A seguir apresento o percurso metodológico por mim percorrido na busca do entendimento dos processos educativos na prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara.

CAPÍTULO III - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Procurando entender o processo de educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara, esta pesquisa investigou a interface entre o lazer e a educação, privilegiando as questões que envolvem os processos educativos que se dão dentro do referido programa, da perspectiva de seus sujeitos: curumins participantes, responsáveis (mães) e instrutoras de atividades, bem como as concepções das práticas sociais lazer e educação nas quais o mesmo se baseia.

No presente estudo é adotada a perspectiva da investigação qualitativa, por compreender, assim como Ludke e André (1986), que a mesma implica no contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação estudados, os dados coletados são predominantemente descritivos, o interesse fixa-se no processo e na perspectiva dos participantes, e a análise dos dados coletados tende a seguir um processo indutivo. Além disso, e concordando com Martins e Bicudo (1989), nas pesquisas de cunho qualitativo o pesquisador deve perceber a si e a realidade que o cerca em termos de possibilidades.

Nas abordagens qualitativas, o termo *pesquisa* ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória em torno daquilo que se deseja compreender, voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o investigador (GARNICA, 1997). Assim, nesta modalidade de pesquisa, como em qualquer outra, não há total neutralidade do investigador, uma vez que o mesmo atribui significados, seleciona o que do mundo quer conhecer, interage com o conhecimento e se dispõe a comunicá-lo. No caso particular da abordagem qualitativa fenômeno situado, a qual inspira este estudo, não haverá conclusões, mas uma construção de resultados, “posto que compreensões, não sendo encerráveis, nunca serão definitivas” (GARNICA, 1997, p.111).

Os critérios de seleção dos sujeitos são de compreensão, de pertinência, e não de representatividade estatística. Sendo assim, a “amostra” tem a intenção de ilustrar o fenômeno em estudo e de modo algum tem a pretensão de generalização dos resultados, mas um aprofundamento no conhecimento desta realidade, “cuja singularidade é, por si, significativa” (PAIS, 2001, p.110). Neste trabalho, a seleção dos sujeitos foi feita a partir da importância que estes têm na trajetória do Programa Curumim do SESC Araraquara, por terem-na vivenciado desde o início.

Foram entrevistadas as instrutoras de atividades da Unidade de Araraquara que permaneceram atuando no Programa desde a sua implantação até o final de 2004, para entender sobre suas concepções de lazer e educação, assim como cinco crianças participantes do Programa desde o seu início, e suas respectivas responsáveis (mães), para conhecer a perspectiva dos sujeitos sobre o processo de educação pelo lazer investigado.

A metodologia adotada na análise possui inspiração fenomenológica, modalidade fenômeno situado (MARTINS e BICUDO, 1989; MERLEAU-PONTY, 1996, GONÇALVES JUNIOR, 2003).

O fenômeno situado é uma modalidade de pesquisa qualitativa cujo objetivo é buscar a essência ou a estrutura do fenômeno, que deve se mostrar nos discursos (descrições) dos sujeitos. As percepções que os sujeitos têm da sua experiência vivida passam a constituir os dados da pesquisa (MACHADO, 1994, p.45).

Dirigindo-se a *fenômenos*, a fenomenologia se opõe de modo direto ao positivismo, que explica *fatos*, com padrões de rigor em termos de objetividade e neutralidade.

Fatos nos remetem a relações causais, mecânicas, mensuráveis, enquanto *fenômenos* (do grego *phainoumenon*: luz que ilumina aquilo que está oculto) àquilo que se mostra, que se desvela, que se manifesta para uma consciência, e cuja peculiaridade é a

imanência (compreendida na própria essência do todo) e a capacidade de outorgar significado às coisas (TÁPIA, 1984).

Originada com o filósofo Husserl, a fenomenologia toma como máxima o *ir às coisas mesmas*, visando à compreensão, ao conhecimento do mundo. “O homem percebe-se e torna-se humano no contato com outros humanos, afetado pelo que desse convívio descortina” (GARNICA, 1997, p.113).

Fenômenos não são compreendidos sem que sejam interrogados, e são sempre vistos contextualizadamente. O pesquisador busca apreender aspectos do fenômeno por meio do que dele dizem os sujeitos que o vivenciam e, portanto, que podem descrevê-lo da maneira como o percebem.

Na coleta dos discursos foi proposta uma única interrogação: ***O que é o Curumim para você?*** deixando que os sujeitos falassem livremente, gravando suas descrições em fitas cassete magnéticas, para posterior identificação das unidades de significado, redução fenomenológica e organização das categorias temáticas na matriz nomotética, analisadas na construção dos resultados.

Para a análise do fenômeno situado estabelece-se um contato direto com o fenômeno vivido, através de uma leitura cuidadosa de todas as descrições. Esta análise envolve dois momentos: a análise ideográfica e a análise nomotética.

Na análise ideográfica, o pesquisador descobre e atribui significados ao discurso dos sujeitos, buscando acesso ao seu mundo-vida e ao seu pensar. Após realizar várias vezes a leitura do discurso de cada sujeito, através do levantamento de asserções significativas ao pesquisador, no que se refere à interrogação empreendida, apreendem-se as unidades de significado, enquanto aspectos pertinentes para chegar à evidências das experiências. As unidades de significado aparecem sublinhadas nas descrições dos sujeitos (MACHADO, 1994).

Em seguida, é feita a redução fenomenológica, “uma síntese das proposições constituintes apresentadas nas expressões reveladoras do pensar do sujeito, constituindo agrupamentos por temas, entendidos como categorias abertas” (MACHADO, 1994, p.41).

As categorias temáticas são organizadas pelo pesquisador “a posteriori”, a partir dos dados que emergem das descrições dos sujeitos interrogados e que dizem respeito à interrogação empreendida. Os agrupamentos das unidades de significado dos diversos depoentes em categorias se dá com base na similaridade ou divergência referente a uma mesma temática. Neste estudo, as categorias foram formuladas a partir da similaridade dos discursos das crianças, mães e instrutoras de atividades entrevistadas.

A essência ou a estrutura do fenômeno não é o fim da análise, mas o meio para se trazer à tona o que as relações vividas apresentam. A partir daí, realiza-se a análise nomotética para equacionar outros aspectos.

A análise nomotética caracteriza o movimento de passagem do nível individual para o geral. Os significados provenientes de uma descrição não estão limitados à experiência do indivíduo, mas de vários, sem que isso implique pertencer a todos os sujeitos. Assim, não se têm proposições de ordem universais, mas gerais. Cabe ao pesquisador determinar, então, quais aspectos das estruturas individuais manifestam uma generalidade sem, no entanto, pretender generalizações para outras realidades, grupos, comunidades e contextos. As convergências passam a caracterizar a estrutura geral do fenômeno. As divergências, quando ocorrem, contrapõem as demais descrições. Pode haver ainda as chamadas idiosincrasias, ou seja, percepções distintas de todos os demais discursos. Neste estudo, porém, não foram observadas divergências ou idiosincrasias.

As categorias são organizadas na chamada Matriz Nomotética, ou Quadro de Análise Nomotética, e se compõe de uma coluna à esquerda, onde se expõe as categorias provenientes dos discursos dos sujeitos interrogados, uma identificação dos discursos dos

sujeitos, que pode ser realizada através da numeração das descrições com algarismos romanos, dispostos na parte superior da matriz em uma seqüência horizontal, além do estabelecimento de caselas, abaixo da seqüência dos discursos identificados e do lado direito das categorias, onde números ordinais arábicos são estabelecidos, identificando a unidade de redução fenomenológica correspondente àquela categoria e discurso, não se perdendo assim, a origem da referida unidade. Quando observarmos vacância em casela, significa que aquele sujeito não expressou asserção correspondente àquela categoria (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

A última fase da pesquisa, em que se busca uma compreensão do fenômeno, baseando-se diretamente nos dados da matriz nomotética, é a Construção dos Resultados, que trago adiante.

CAPÍTULO IV – CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

A principal preocupação da trajetória de pesquisa fenomenológica se dá com o ato de compreender, e não de explicar os fenômenos em estudo.

A fenomenologia utiliza a descrição como elemento básico da pesquisa, e a mesma deve expressar a experiência do sujeito. Assim, os discursos apresentados podem possuir erros do ponto de vista da língua portuguesa culta, pois foram mantidas as falas originais dos depoentes, conforme suas pronúncias, ou seja, foi mantido “o discurso ingênuo, entendido como dado original primário ou verbatim” (GONÇALVES JUNIOR, 2003). Além disso, os discursos coletados neste trabalho, transcritos na íntegra, são colocados em anexo, uma vez que o objetivo do método fenomenológico é, de acordo com Martins (1992), descrever a estrutura total da experiência vivida, os significados que a experiência tem para os sujeitos que a vivenciam.

Na coleta de dados desta pesquisa, realizou-se interrogação dos sujeitos que experienciaram a educação pelo lazer na vida cotidiana, no caso, durante a participação no Programa Curumim.

A seguir, apresentam-se as matrizes nomotéticas formuladas a partir das unidades de significado selecionadas nos discursos coletados das crianças entrevistadas (Quadro 1), suas respectivas mães (Quadro 2) e instrutoras de atividades (Quadro 3) participantes desta pesquisa. Após os quadros apresentados, serão feitas as análises de cada uma das categorias, permeadas por trechos dos discursos dos entrevistados, que desvelam suas perspectivas sobre o fenômeno *prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara*.

É importante ressaltar que, nas matrizes, os discursos das mães foram analisados e colocados na mesma seqüência que os discursos de seus filhos respeitando,

inclusive, a ordem na qual foram tomadas as entrevistas: Quadro 1 – Discurso 1 (Giovana), Quadro 2 – Discurso 1 (Ana Paula – mãe da Giovana), Quadro 1 – Discurso 2 (Taíse), Quadro 2 – Discurso 2 (Rose – mãe da Taíse), e assim por diante.

Além disso, algumas das categorias que compõem a matriz nomotética formulada a partir dos discursos das crianças foram encontradas também nos demais discursos (das mães e instrutoras de atividades entrevistadas). Assim, as análises de tais categorias foram realizadas em conjunto, sendo feitas separadamente as análises das categorias construídas que se diferenciaram nos discursos das mães e das instrutoras de atividades.

QUADRO 1 – Matriz Nomotética – Curumins participantes

Discursos Categorias	I Giovana	II Taíse	III Gabriel	IV William	V Kauan
A) Brincando e aprendendo no Curumim de Araraquara	1	3, 7, 8, 13, 15, 17, 21	1, 5, 8, 17, 20, 22, 24, 28, 29, 34	1, 3, 5, 7, 10	1, 3
B) Compartilhando as aprendizagens do Curumim em outros espaços (escolares ou não) e com outras pessoas (família, professores e colegas)	3, 5, 7	2, 11, 12, 24	2, 6, 27, 32	6	
C) Respeitando o outro e convivendo com as diferenças		9, 18	3, 7, 13, 15, 19, 30, 31, 33, 35, 36	9, 12	
D) Fazendo amizade e criando vínculos	2, 8	1, 4, 6, 10, 16, 20, 23	10, 26	2, 4, 8, 11	2, 5
E) Desenvolvendo os conteúdos culturais do lazer	4, 6	5, 14, 19, 22, 25	4, 9, 11, 12, 14, 16, 18, 21, 23, 25		4, 6, 7

QUADRO 2 – Matriz Nomotética – Mães dos participantes entrevistados

Discursos / Categorias	I Ana Paula	II Rose	III Walderez	IV Ana Lúcia	V Patrícia
A) Brincando e aprendendo no Curumim de Araraquara	5, 7, 10, 13, 19, 20	3, 9, 11, 13, 16	2, 4, 6, 7, 10, 12, 15, 17, 22	3, 12	2, 4, 6
B) Compartilhando as aprendizagens do Curumim em outros espaços (escolares ou não) e com outras pessoas (família, professores e colegas)	6	1, 7, 19	5, 20	13	
C) Respeitando o outro e convivendo com as diferenças	8, 11				3
D) Fazendo amizade e criando vínculos	3, 15	4	1, 8, 11	2, 7, 10	5
E) Desenvolvendo os conteúdos culturais do lazer	14, 18	12, 14	9, 18	4, 5	
F) Deixando a timidez de lado	2, 9, 16	10	3, 13	1, 11, 14	7
G) Acreditando no Programa e nos educadores	1, 4, 12, 17	2, 5, 6, 8, 15, 17, 18	14, 16, 19, 21, 23	6, 8, 9, 15	1, 8, 9

QUADRO 3 – Matriz Nomotética – Instrutoras de atividades

Discursos / Categorias	I	II
A) Brincando e aprendendo no Curumim de Araraquara	2, 4, 5, 7, 11, 13, 15	6, 7, 8, 9, 13, 16, 18, 19, 21, 24, 28, 30, 32, 34, 36
B) Contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional	1, 3, 18	1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 17, 23, 26, 27, 33, 35, 37, 38
C) Respeitando o outro e convivendo com as diferenças	10, 12, 14, 16	12, 20, 25
D) Fazendo amizade e criando vínculos	8, 17	14, 15, 22
E) Desenvolvendo os conteúdos culturais do lazer	6, 9	29, 31

1 Brincando e Aprendendo no Curumim

Todo os entrevistados fazem asserções convergentes na formação desta categoria, observando que o brincar e o aprender no Curumim estão sempre relacionados.

Nos discursos das crianças, a entrevistada Giovana relaciona praticamente todas as atividades realizadas no Curumim como uma experiência de aprendizado ou uma experiência educativa, mediada pela ação dos Instrutores de Atividades:

“Ah, aí a gente aprende lá muita coisa, muito legal! Ah... aí tem casos... foi muito legal o Curumim, que você aprende: eles te ajudam na hora de fazer a tarefa... hã... tem os instrutores que aprende... que te ensina a fazê as brincadeiras, cê aprende amigos novos... hã... tem as oficinas, tem os filmes que a gente assiste... hã... quando tem palestra, as festas do curumim, os aniversariantes do mês. Ah, tudo é legal lá no Curumim, tudo, tudo, tudo. Os instrutores, os curumins... também tem as pessoas, né? Que brigam lá no curumim, que fazem bagunça, mas isso é o de menos. Os instrutores ajudam a você tá fazendo tarefa, eles te ensinam, se tiver alguma dúvida na atividade eles também ensinam. Tem todo aquele... aquele... aquela educação com a criança, tudo...” (Giovana, Categoria A, Unidade 1).

E esta característica de se aprender brincando no Curumim é citada pelas demais crianças entrevistadas:

“o que eu gostei mesmo dos curumins é que eu aprendi várias coisas, eh ... ah, como ‘se alimentar’, como aprender mais com a escovação de dentes, mais, é... que nem, benefícios mas...” (Taíse, Categoria A, Unidade 3)

“Ah, o Curumim foi um programa que mostra tudo sobre, brincadeiras, é... artes plásticas, outras coisas, e a gente aprende muita coisa com isso que, vai nos ajudar no futuro também, e eles também dão umas viagens muito interessantes, pra lugares muito importantes pra gente. E isso que a gente aprendeu tem tudo a ver as coisas que a gente pode aprender ainda, mais, já, conhecer mais ainda.” (Gabriel, Categoria A, Unidade 1)

“Ah, o Curumim foi uma... foi um projeto bem legal, tanto pra mim quanto pra Lillian né?, e... que lá eu aprendi bastante atividade nova, coisa que eu nem imaginava que existia né? É, as atividades, brincadeiras, bastante coisa bem interessante, né? As comida que a Andréia ensinava a fazer, né? Dia de festa de aniversariante, aprendi, é, fazer novos amigos, né? Também... os teatros também, de final de ano, que era bem legal, né? Eu adorava fazer os teatros, as danças, a festa junina também, né?” (William, Categoria A, Unidade 1)

“Ah, o Curumim pra mim é um programa muito legal, onde eu fazia muitas atividades, fiz muitos amigos, é... e eu, quando eu não tinha nada pra fazer eu passava o maior tempo lá, brincando, onde eu tomava lanche, é... fazia atividades e tinha o horário livre ainda. É tinha os instrutores, é... que mais que eu posso falar, lá era um lugar que tinha regras, e quem não cumpria regras infelizmente tomava uma... Ai, como é, esqueci o nome... consequência, tomava uma consequência.” (Kauan, Categoria A, Unidade 1)

Ainda sobre o aspecto Brincar e Aprender no Curumim, a segunda criança entrevistada, Taíse, coloca suas experiências como importantes para seu desenvolvimento:

“Ah!, aprendi várias coisas, né? Antes eu não sabia jogar futebol, eu chutava as canela do meu primo, agora eu aprendi. Aprendi as regras do basquete, o vôlei, o handebol. Assim, eu gostei muito de ficar no Curumim porque sempre você vai aprendendo mais. Porque cada fase você vai passando um obstáculo. Então eu gostei por causa, por causa disso. Que cada, cada barreira que eu encontrava eu conseguia derrubar, eu conseguia passar.” (Taíse, Categoria A, Unidade 7)

E relata o Curumim como uma experiência tão significativa em sua vida, a ponto de compará-la à escola:

“Até que eu cheguei numa conclusão, eu falei assim: o Curumim tá sendo mais importante pra mim do que se ficar na escola, sem você ter aquela informação tudo. Mas o Curumim acrescenta mais um pouco na minha vida. O Curumim é tudo. Tudo, tudo. Eu esqueci, o Curumim pra mim foi... eu aprendi um monte, várias coisas assim.” (Taíse, Categoria A, Unidade 16)

As mães entrevistadas também se remetem à aprendizagem dada por meio da brincadeira durante as atividades do Programa:

“A possibilidade das viagens também, né? Pras crianças esse contato, enfim, quando... hã... eles foram pra Brodowski, né? Viram as obras do Portinari, tudo, aí chegou é... nesse ano, o primeiro desenho no caderno dela um assim... ééé... inspirado no cubismo... aí (risos) a professora: ‘Nossa!’... ‘Ah porque eu já fui, eu já vi a exposição do Portinari’... então, assim... ééé... toda experiência você carrega pra sua vida toda, né? E eu acho que isso sim é muito importante, o que o SESC oferece, né?... né? Que é uma forma de lazer sim, mas é o prazer associado com o conhecimento... e que hoje a gente sabe que tem que ser assim, né?” (Ana Paula, Categoria A, Unidade 6)

“Porque ela já tinha falado: ‘mãe, se correr, nós vamos de trem. Se não’... Mas assim, ‘mas vai aonde de trem, né?’ Não é? Até então, né? Ela disse: ‘mãe, sabe aquele que a gente vai assim, no ombro do amigo?’ Eu falei assim, ‘Ah!, porque então, porque começa a correr e não pode correr.’ Eu falei assim, ‘ah’, eu vejo mesmo, porque quando a gente... viu: não corre, não corre. ‘Mas vocês, entra por aqui e sai por aqui’... ‘Então acho que tem que ser todo dia de trem. Até vocês ficarem bem grandes, assim’... (risos). Mas também o que é que tem andar de trem? Pelo menos toca o companheiro, põe a mão nas costas do companheiro, assim... ‘Ah, não mãe! Más dá vergonha mãe. Todo mundo fica olhando (risos)... Eu falei isso aí. Eu acho que tá mais é certo. Até vocês aprenderem a andar como gente civilizada, assim, bem do ladinho, conversando, batendo papo. Não correndo, gritando daquele jeito. É, criançaada...” (Rose, Categoria A, Unidade 14)

“Então lá foi... que ele foi gostando, né? Que ele foi falando o que ele podia fazer, aprender, muita coisa de comer, né?, que ele não comia, aí ele veio me falando que comia, que... ‘Mãe, hoje eu comi, eu tomei suco de couve com laranja, hoje eu comi isso’, umas coisas todas, totalmente, sabe, assim, que assim pra gente é bom mas pra criança, eu ia dar pra ele ele virava a cara, então, foi umas coisas assim que foi... ‘Nossa’!, eu fiz isso, mãe, eu mexi na internet, aprendi isso’... A educação na, na assim, no dá licença, por favor, obrigado, dá um espirro: saúde! Sabe essas coisinhas que.. é importante, né? que às vezes, assim, passa despercebido mas aí eu ... espirrou, falou assim – ‘cê não vai falar saúde?’...” (Walderez, Categoria A, Unidade 2)

“E ele aprendeu muita coisa, até hoje ele adora fazer os desenhos que a Andréia ensinou no papel, em... ele vive arrumando essas tábuas pra poder fazer desenho, sabe? A vida dele é fazer isso. E ele tá sempre falando. Eu acho que não tem um dia que ele não, não lembra do Curumim, sabe? Parece que é uma coisa. Todo dia: Ah, mãe, lembra que a Andréia não sei que, que a Alessandra...” (Ana Lúcia, Categoria A, Unidade 3)

“Ele tem, ele guarda os trabalhinhos dele desde o primeiro ano, o jornalzinho, é, artesanato, ele tem muita coisa guardada do Curumim, de todos esses anos, cartinhas, cartinhas que eles mandavam uns pros outros, é uma questão muito importante, porque é difícil pra uma criança, pra um menino ainda, tá escrevendo pra uma menina, tá escrevendo pra uma pessoa mais velha...” (Patrícia, Categoria A, Unidade 6)

As instrutoras de atividades entrevistadas relatam o Brincar e Aprender no Curumim de Araraquara destacando o papel da criança enquanto protagonista do processo educativo, consciente de seu papel de cidadão:

“É, relacionado ao programa, assim, enquanto estruturação, conteúdo, ele tem uma... assim, gama de conhecimentos em que a criança, ela deixa o conteúdo escolar, a gente, é..., trabalha nesse sentido, que a vivência, o dia-a-dia hoje em dia, né? O aspecto educacional, no Curumim, ele sempre esteve em alta, mas de que forma, é... através de atividades em que a gente utilize a opinião da criança, enquanto que a escola não trabalha muito com essa opinião. É muito conteudista.

E aí o programa ele serve para mostrar para a criança o quanto ela tem de valor guardado e que ela deveria estar expondo sem medo de repressões, sem medo de, de repente ser questionada, fazer um questionamento e não saber estar respondendo. Esse programa, ele é muito rico para a criança por quê? Porque a criança vai tá expondo suas opiniões, ela vai tá falando a respeito de algo que ela não tinha oportunidade dentro da escola. Por exemplo, nós, aqui no Programa, nós trabalhamos com vários temas, desde que o programa existiu, e cada tema, é..., foram propostos, a última experiência que nós tivemos ano passado, é, são assuntos que partiram da própria criança. E pra que isso acontecesse nós acabamos utilizando assim, uma forma muito democrática, é, sendo que a criança opinou por um tema desejado e, esse ano principalmente a gente, nós percebemos que isso é muito rico pra própria criança e pra nós instrutores e... e que acabou ocasionando essa nova descoberta, né?, esse tema... porque o Programa, ele fica muito aberto então assim, dependendo da Unidade, a unidade trabalha é, aspectos educacionais voltados para o interesse da, do próprio grupo do Curumim, é...” (Alessandra, Categoria A, Unidade 4)

“E aí, de repente, você vê, né?, essas coisas acontecendo: a criança ser curiosa, mas ao mesmo tempo não quebrar regras, respeitar um patrimônio que é do mundo, tal... eu falava: acho que tô conseguindo passar isso... Que na vida a gente pode ter afeto, mas um afeto não é, a gente pode ser impulsivo nas paixões que a gente tem, querer aprender um monte de coisas, mas ser uma pessoa centrada, né?” (Andréia, Categoria A, Unidade 30)

É possível observar, após a leitura dos discursos, que todas as crianças entrevistadas consideram a experiência de aprender brincando no Curumim como algo de importância em suas vidas, algo que gostam ou gostaram muito. Além disso, as mães destacam que o aprendizado através das experiências vivenciadas no Curumim será utilizado durante toda a vida.

A seguir apresenta-se uma categoria formulada a partir dos discursos das crianças, que foi possível identificar também após a leitura dos discursos das mães, mas não encontra-se nos discursos das instrutoras de atividades entrevistadas.

2 Compartilhando as aprendizagens do Curumim em outros espaços (escolares ou não) e com outras pessoas (família, professores e colegas)

Durante a leitura dos discursos das crianças e mães, e do estabelecimento das categorias, foi possível observar que os conhecimentos que os participantes adquirem no Curumim são compartilhados em outros espaços, principalmente na escola, com colegas e

professores, bem como com outras pessoas: familiares (pai, mãe e irmãos), colegas do condomínio ou da rua:

“Tem as atividades que aprende com a Andréia, com a Alessandra, que dá pra gente fazê aqui em casa também... ee... tem as brincadeiras que dá pra fazê na rua, que o Diogo e o Everton* ensinam (...)” (Giovana, Categoria B, Unidade 3).*

*“O que mais importava mesmo era ‘se divertir’. Eu gostava das brincadeiras. Eu ensinei um monte de gente brincar de fugi-fugi**, é, pique-queimada**...” (Taíse, Categoria B, Unidade 2)*

“E essas brincadeiras aí que a gente aprendeu dá pra passar pra outras pessoas e também passar pra outras pessoas fazer o Curumim também, e aí fica mais interessante, vai ser mais populoso assim. Todo mundo vai conhecer mais.” (Gabriel, Categoria B, Unidade 2)

As mães reforçam essa característica ao citarem experiências que as crianças trazem para casa:

“Chegam a... a me ensinar: ‘Mãe, olha, tem essa brincadeira que você num sabe!’ né? Elas falam às vezes: ‘Olha, vai lá ensiná pra suas crianças!’ (risos) ‘Olha, essa ela realmente não conhecia’, ‘Essa sim’ e tal... ee...” (Ana Paula, Categoria B, Unidade 6)

“Ele falou assim, ‘mãe, uma cocada que fizeram, vamo, mãe, vamo fazê aqui em casa, vou te ensinar como que faz’.” (Walderez, Categoria B, Unidade 5)

E na escola:

“Foi tudo de bom, eu gostei muito. Serviu, né? prá várias coisas: a educação, o aprendizado, as coisas que aprendeu lá ela assessorava na escola, que as professoras também faziam assim, trabalhos dos temas que usavam lá, né? Aí ela já chegava lá e já tinha tudo... fresquinho. Aproveitava e ajudava a professora, explicava. Mas foi... é ótimo...” (Rose, Categoria B, Unidade 1)

* Instrutores recém contratados no Curumim de Araraquara.

** Brincadeiras do tipo *pega-pega*. A primeira possui um pegador que corre para pegar os demais participantes. Já na segunda, a maneira de pegar o participante é como num jogo de queimada, em que corre-se e joga-se a bola tentando queimar o adversário.

A primeira criança entrevistada, Giovana, também enfatiza as situações nas quais transmitiu o que aprendeu com suas experiências no Curumim durante atividades na escola:

“Igual lá no... lá na viagem que a gente ficou no museu do Pablo Picass... Picasso, eu tava estudando isso na escola, então eu tive que explicá tudo pra escola, foi muito legal! Eu “se puis” num lugar de professora na minha escola aquele dia... tive que ensina tudo que... a gent... aprendia lá no... lá no... lá no museu do Pablo Picasso.” (Giovana, Categoria B, Unidade 5)

E noutra situação:

“Ah, teve uma vez que na minha escola meu professor de educação física não tinha nada, né? Não tinha planejado nada. Aí, eu virei pro professor e falei assim: ‘Professor, eu sei uma brincadeira que uma vez eu aprendi lá no Curumim’. Aí eu fui lá e ensinei pros meus amigos e todos eles gostaram. Igual, oficina de teatro, o professor lá, o Ângelo lá, de matemática, ele... ele faz teatro, né? Ele já... fez teatro em outros países. Então o profess... eu falei pro professor, né? que eu tava fazendo oficina de teatro lá no SESC, aí ele achou muito legal, né? Porque a gente ia tá aprendendo a parte de teatro lá na escola. Aí... ee... quando ele foi ensinar, as coisa, né? As posições... ee... o professor gostou muito de saber que eu já sabia, né? As coisas, os passos que tem que ir pra lá, ir pra cá, muito legal!” (Giovana, Categoria B, Unidade 7)

Compartilhar aprendizagens realizadas no Curumim na aula de Educação Física e com amigos do condomínio onde mora (andares de baixo) é citado também por outra entrevistada, Taíse:

“As brincadeiras: o fugi-fugi, o pique-queimada, o pique-bandeira, um monte de brincadeira que eu não sabia assim eu fui ensinando pra todo mundo assim, pros meus coleguinhas de baixo, pra todo mundo, até mesmo lá na escola. Um dia de educação física fui eu que tive que dá aula porque eu sabia um monte de brincadeira e a professora não sabia quase nenhuma. Então eu passei um monte de brincadeira, é... o que mais pediram pra mim pra fazer era o... fugi-fugi, porque era o que mais corria e eu sempre era a pegadora, então sempre eles pediam o fugi-fugi porque... sempre eu que catava.” (Taíse, Categoria B, Unidade 11)

3 Respeitando o outro e convivendo com as diferenças

Uma questão observada na leitura dos discursos, descrita não somente pelas crianças, mas também pelas mães entrevistadas e pelas instrutoras de atividades, é o aprendizado da convivência.

Conforme citado no decorrer deste trabalho, o Curumim procura, a cada ano, trabalhar com um tema gerador para reflexões e discussões. Em determinado momento, a equipe de instrutores do SESC Araraquara notou que algumas crianças tinham dificuldade de aceitar as diferenças de cada um, o que freqüentemente gerava brigas e discussões, situações de preconceito e desrespeito entre os participantes.

Na busca de sanar o problema, foi proposto ao grupo de crianças daquele ano que o tema a ser desenvolvido seria: “Ninguém é igual a ninguém”.

Durante as atividades, eram discutidas questões referentes à formação dos povos, das etnias, das religiões e outras, buscando trabalhar as questões cotidianas geradoras de preconceitos, fossem eles raciais, religiosos, estéticos, etários ou sócio-econômicos.

Acredita-se que exercitar o respeito à diferença tenha sido importante na formação e desenvolvimento da cidadania dos participantes, o que pode ser exemplificado pelos discursos de duas das crianças entrevistadas nesta pesquisa, Gabriel e William, respectivamente:

“É, o Curumim, não tem muita, muito preconceito assim, de alguém ficar brigando assim porque quer alguma coisa. Lá eles dividem bem as turmas e todo dia todo mundo se diverte lá, ninguém fica, ninguém sai de lá chateado. Lá todo mundo gosta de fazer as coisas.” (Gabriel, Categoria C, Unidade 3)

“Lá também as brincadeiras, também não só por causa que um moleque é ruim ou bom mas também por causa da idade, né? Só porque a pessoa é pequena assim, que não pode jogar também. Mas também é muito bom pra gente brincar com crianças que também querem aprender, que vieram pra aprender também não só eles que querem brincar,

que acham que eles é dono da quadra. Mas nunca teve isso. Isso nunca teve.” (Gabriel, Categoria C, Unidade 33)

“Aprendi também as... bastante as brincadeiras, e o mais importante que eles também ensinaram também é a fazer novos amigos, né? Sempre tá fazendo mais amigos, é... ter amizade com todo mundo, é..., se, em vez, a gente quando tá bravo com alguém em vez de já ir xingando, já brigando, querendo bater, não, pra gente sentar, conversar, é, dá alguma assim, como é que eles falam lá no Curumim, é... como é que eles falam? Acho que é... esqueci como é que eles falam... quando a gente faz alguma coisa errada que, que eles falam? É... consequência! É isso! Não, aí, dá alguma consequência pra eles. E foi também que eu aprendi bastante. Porque antes já... eu ficava bravo já ia brigando, já ia querendo bater. Não. Agora, agora é assim, vai lá, conversar, e, também respeitar as pessoas, né? As pessoas mais velhas, as pessoas mais jovens também.” (William, Categoria C, Unidade 9)

Além deles, as mães ressaltaram tal aspecto principalmente refletido no comportamento das crianças em casa, com irmãos, ou com outras crianças:

“E, assim, essa convivência, né? Da... das duas... em alguns momentos eu sei que elas não ficam juntas, né? Mas em alguns momentos propiciar isso também, né? Porque são irmãs, tem que conviver, tem que vê o outro lado, em casa a gente, né? Faz uma mediação, mas, eu acho que isso também acontece lá... eu acho, eu tenho certeza que também tem isso, né? Avaliar o quanto uma criança é menor, num grupo que você tá participando, o que significa isso, respeitar o interesse do outro, que ele pode tá precisando naquele momento... né? E isso também aqui em casa, hoje... ‘Olha, quantos anos a sua irmã tem, né?’, ‘Você também era assim!’, porquê que eles vão esquecendo... e agora com onze anos tem toda uma questão aí de puberdade e tal... hã... acho que é... acho que é isso.” (Ana Paula, Categoria C, Unidade 8)

“Muito importante, muito importante na questão da socialização, de tá se relacionando com outras crianças, e com adultos também, de respeito, é, são coisas que eu não sei se a gente conseguiria instalar dentro dele realmente sem o Curumim.” (Patrícia, Categoria C, Unidade 3)

4 Fazendo amizade e criando vínculos

Todas as crianças entrevistadas citaram que aprenderam a fazer amigos no Curumim:

“Ah, a Giovana de antes lá do Curumim era uma pessoa meio triste, que não tinha amigos... agora... agora, eu sou uma pessoa muito mais feliz do que antes, porque todo mundo gosta lá de mim, lá no Curumim. Eu tenho vários amigos, vários... várias pessoas que

gostam de mim, mesmo. E a pessoa de antes é uma pessoa solitária, que não gostava de ficar com os amigos, agora, quanto mais amigos que eu quero mais eu ganho. Igual, a saída da Maiara do Curumim foi muito chato, né? Que ela era uma amiga muito legal! Mas mesmo assim a gente se fala, e a semana passada a gente foi no cinema com ela, mesmo eu indo na casa dela, ela vem em casa. Então, mesmo que ela não 'teja' no Curumim, eu fiz uma amizade muito grande com a Maiara. Então, vira e mexe, eu vou na casa dela, ela vem na minha, e foi referente ao Curumim, né? Porque do Curumim eu... eu... eu conheci ela, nossa amizade tá até hoje..." (Giovana, Categoria D, Unidade 8)

"Ah, aí eu não conhecia muita pessoa assim no SESC assim, do Curumim, assim, eu não conhecia muita gente então eu só escolhia ele. Eu sentava com ele na hora do lanche. Ficava só conversando com ele porque eu não conhecia. Mas agora que eu tenho, fiz bastante amizade no Curumim. Que que acontece, eu tô, tô aprendendo mais a conversar com as pessoas assim pra fazer mais amizades." (Taíse, Categoria D, Unidade 4)

"Lá quando os instrutores, os instrutores que foram embora, quando eles foram embora aí depois eles, quando tem alguma coisa assim, eles voltam também pra... voltam pra ver as crianças como que tão, eles nunca se esquecem das crianças que teve lá e falam pra outras crianças de outros projetos Curumins das outras cidades." (Gabriel, Categoria D, Unidade 26)

"As pessoas, também, de lá, também, bem legal, os curumins, né? Todos... Eu acho que todos foram minha amiga, meus amigos, né? Mesmo aqueles que gostavam de bagunçar um pouquinho eu falava, conversava, nunca tive inveja por ninguém lá, e... por isso que eu acho que todo mundo acha gostoso de ir lá, né?"

Eu fiquei com muita saudade quando eu saí de lá, né? No começo eu fiquei meio triste, assim, depois foi indo, eu ia lá de vez em quando, quando não tinha aula, ou tava de férias, e quando eu ficar de férias eu vou lá, aí de vez em quando eu via os instrutores lá, eu ia lá, falava oi, conversava, e..., e aí já matava um pouquinho a saudade." (William, Categoria D, Unidade 4)

"Ah, eu lembro mais ou menos, eu aprendi fazer mais amigos, agora é mais fácil de fazer amigos." (Kauan, Categoria D, Unidade 5)

Nos discursos das mães, foi possível observar que o Curumim é um espaço propício para a criação e o desenvolvimento de vínculos afetivos:

"... a questão das amizades, os vínculos a... maior amiga dela, hoje, né? é uma, não está mais no Curumim, mas a gente ainda tem uma ligação, a gente conhece a família, e ela encontrou essa amiga lá, né? Foi alguém com... com quem ela se identificou muito, e assim mesmo, né?"

Ela vai de transporte escolar, os amigos da perua também, né? Mo... moram aqui perto e... eu acho que são momentos importantes pra eles, né?" (Ana Paula, Categoria D, Unidade 3)

“Quando um dos professor foi embora, ele falou: ‘putz! ele foi embora, agora nós vamos ficar sem ele, né? Eu falei, ‘mas vai chegar outro, e vai ser a mesma coisa, assim, você vai curtir o outro, você vai ver’. Aos poucos, assim, devagarzinho você vai, né?... e ele falou assim, ‘ah’, então, aí, aí chegou outro, aí, eu disse a mesma coisa: ‘eu não falei pra você?’ Mas a Andréia, assim, na parte assim da Andréia, que mexia muito, que ele gosta muito dessa parte, né? Ele falava muito dela, falava...” (Walderez, Categoria D, Unidade 8)

“A roda também eles adoravam. Quando ia na piscina, né? Os amigos também, que ele sempre fala das crianças que fazia amizade, e hoje também quando ele vai lá, quando não tinha aula, que a Lílian tava lá e ele ia lá no SESC: ah mãe, eu fiquei lá um pouquinho. Lá com o Curumim... E a molecada que ele conhece chegava: - Ah, Willian, Willian, não sei que... Então, pra ele foi... foi muito bom mesmo...” (Ana Lúcia, Categoria D, Unidade 7)

E para as instrutoras de atividades, o estabelecimento de tais vínculos de amizade e respeito são destacados como importantes para o desenvolvimento da personalidade das crianças e exercício do convívio:

“O convívio é muito rico também, a gente trabalha com crianças de 7 a 12 anos e isso faz com que as crianças maiores dêem exemplos pras menores, ou vice-versa, de repente uma criança de 7 anos fala alguma coisa que surpreende uma criança de 12 anos, é, então essa questão da idade também ela é muito rica pro desenvolvimento infantil também.” (Alessandra, Categoria D, Unidade 8)

“Ele... a amizade também que eles acabam construindo né?, os próprios Curumins, nós percebemos que é algo que vai até prá... prá eternidade mesmo, né? De Curumins que ainda se encontram, que não participam mais do programa e que acabam voltando pro SESC prá visitar as crianças que ficaram, é..., que acabam levando assim essa amizade pro resto da vida e que isso é que acaba interessando também.” (Alessandra, Categoria D, Unidade 17)

“Então eu sinto assim, que as pessoas têm boa vontade em relação ao programa, as crianças se sentem muito queridas aqui dentro. Se tem que levar bronca e seguir as normas, que todo mundo segue, elas também seguem, mas... tem a coisa do dia-a-dia, de criar um vínculo com o espaço, com as pessoas, que eu acho que é importante.” (Andréia, Categoria D, Unidade 15)

5 Desenvolvendo os conteúdos culturais do lazer

Como já descrito neste trabalho, o lazer pode ser classificado, em termos de seu conteúdo, em sete áreas de interesses: os interesses artísticos, manuais, intelectuais, físico-

esportivos, sociais, turísticos e virtuais. Nos discursos coletados, podemos perceber que todas as áreas são contempladas no desenvolvimento das atividades do Curumim.

Numa única unidade de significado, a entrevistada Giovana descreve praticamente todos os conteúdos do lazer sendo desenvolvidos durante as atividades:

“Muito legal aquela oficina que a gente teve com a Elaine, né? De tirá foto, que a gente leva recordações, né? Foi muito legal! A gente ganhô as instruções... muito legal! A piscina que eles levam, a gente faz exame... aí eles levam aqueles monte de negócio pra gente fazê... pra gente fazê brincadeiras. Ah, mudou um negócio também... que... todas as festas juninas lá do Curumim a gente sempre fazia uma dança, tudo, folclórica... agora, dessa vez, a gente fez uma quadrilha, foi bem mais legal! Tipo, a gente de vestido de quadrilha mesmo, um monte de pintinha, foi muito legal!

O Curumim tá bem animado agora, do que antes. As oficinas de agora tá bem mais legais do que no ano passado, agora tem teatro, é muito legal na parte de teatro, a gente faz o... faz teatro mesmo, né? Pra apresentar pros curumins... aí a gente tamo fazendo um teatro muito legal, agora, porque antes tinha bastante gente, aí o pessoal foi que ia saindo, saindo... a gente fez uma história bem pequenininha, mas ficou muito legal! A oficina da Internet cê aprende a mexê na Internet e tudo, em alguns sites, muito legal!. Tem o ‘dia do desafio’ que o Curumim participa, dee... a gente fica fazendo desafio mesmo, que Araraquara compete com as outras cidades... muito legal também! A gente participa com o SESC Curumim. Tem a parte da biblioteca que o Curumim vai lá de vez em quando nos... nos horários livres. Tem a semana do meio ambiente que alguns instrutores, né? de... diversos lugares, foi lá ensinar algumas coisas, faziam oficina com a gente... várias oficinas... e... e referente ao meio ambiente.” (Giovana, Categoria E, Unidade 6)

Mas é possível observar que os interesses turísticos, manuais, físico-esportivos e sociais são os mais citados, tanto pelas crianças quanto pelas mães:

“Ah, o diferente é as brincadeiras que tem na escola. É... que nem, no SESC tinha vôlei, futebol e basquete. Na minha escola só tem o vôlei e o futebol. Porque basquete não tem as tabelas, porque as tabelas eles tiraram porque não tinha como pôr rede e as tabelas tavam entortadas. Aí não tem como...” (Taíse, Categoria E, Unidade 25)

“E no fim do ano também eles fazem um teatro. E depois do meio do anos eles começam a ensaiar, já, já falando o personagem de todo mundo e já ensaiando como que é. E isso, os teatros são muito bons, ninguém erra quando vai falar, ninguém, e quando os pais vão ver todo mundo gosta, e é uma alegria lá na festa de fim de ano, que todo mundo tá reunido, e fazer, aí os adultos vão lá pra conhecer todas as brincadeiras e brincam, e é muito divertido pra gente mostrar pros pais como que é o programa Curumim.” (Gabriel, Categoria E, Unidade 9)

“As viagens, nós brincávamos no ônibus... Aí, nós viajamos pra um monte de lugares. Nós íamos a Museus, é... museus, nós íamos em outros SESCOs, em outra cidade, e era legal porque nós brincávamos bastante. E eu aprendi várias brincadeiras.” (Kauan, Categoria E, Unidade 7)

“A questão das festas, né? As festas dos aniversariantes, e aí, tem assim no dia anterior: ‘Ah, que roupa que eu vou amanhã, porque amanhã é dia de festa’, né?” (Ana Paula, Categoria E, Unidade 18)

“E parte de, parte de futebol, parte de, das gincanas que tem lá que é demais, com pais, então, que é muito bom a gente participar junto, que a gente se diverte tanto com eles, que Nossa Senhora! Acha, é tudo, o Encontro de Pais e Filhos é muito bom.” (Walderez, Categoria E, Unidade 18)

“É que tinha também as atividades que eles mais gostavam, também, quando ia na piscina também, que ele adorava dia de ir na piscina. A roda também que ele gostava, a parte melhor que ele gostava que é a hora do lanche, né?, que é a parte que ele mais gostava... e as atividades, todas elas... Ah, aquela vez que eles fizeram, ah, não é acampamento, como que é que eles fizeram lá no SESCO? Acantonamento... É, acantonamento! Ah, que eles iam... Eu em casa fiquei preocupada por que eles nunca tinham, a Lillian né?, nunca tinha dormido fora. Ele já não. Mas... Eu acho que eles fizeram bagunça a noite inteira, brincaram... No outro dia, o dia todo: mãe, não sei que... contaram tudinho. Eu ficava lá escutando as histórias. Eles esqueciam... Ah, mãe, nós fizemos tal coisa, passava. Ah mãe, eu lembrei não sei do que. Pra eles foi a festa...”

Quando viajava também eles contavam tudo, não esquecia um detalhe. Às vezes eles contavam uma coisa e daqui a pouco: ah, mãe eu lembrei de tal coisa, não sei que... Então, pra eles, foi tudo...” (Ana Lúcia, Categoria E, Unidade 5)

Nos discursos das instrutoras de atividades, é visível a preocupação em desenvolver outros conteúdos além dos já citados, principalmente o interesse intelectual, além da identificação do lazer como veículo de educação:

“A questão do teatro, a questão da música também a gente acaba trabalhando. A leitura esse ano é a gente tá trabalhando com a questão dos contos, então a criança vai tá elaborando seu próprio conto, vai tá conhecendo contos novos, esse ano nós acrescentamos também o xadrez, então assim, o programa ele é um programa muito importante pro próprio desenvolvimento não só cultural da criança, mas assim, enquanto um cidadão, que vive numa sociedade e que pode modificar essa sociedade.” (Alessandra, Categoria E, Unidade 6)

“(...) é, tudo é direcionado assim de uma forma bastante prazerosa, então a criança no próprio momento do lanche, então, assim, o programa ele não fica só na parte educacional, ele vai pra parte também é, alimentar, onde a própria criança aprende a comer, a questão cultural quando nós fazemos excursões, apresentações de peças de teatro, é, visitas à museu, ou então até a própria parte lúdica, mesmo, passeios em outras unidades do SESCO,

ou que a criança, é, sinta o prazer né?, de tá fazendo parte de um programa em que acaba enriquecendo a vida do próprio, da própria criança.” (Alessandra, Categoria E, Unidade 9)

“E aí eu acho que o Programa, que a paixão é essa, né? Você consegue fazer isso o tempo todo porque ele permite. E eu acho que pro cotidiano das crianças, o que mais fica, é isso. É importante o conteúdo que eu passo? É, mas a escola também passa, a televisão também passa. Agora, se eu passo paixão, se eu passo mostrando que aquilo vai ter uma relevância na vida deles, que aquilo não é tão distante. A gente acha que é tão distante, pra que saber isso? E, de repente, a gente vê um grupo... Aquela vez que as crianças cantaram com aquele grupo, aquela coreógrafa húngara, o Stagium (balé Stagium), né? Uma coreógrafa húngara. E aí vem falar de uma problemática brasileira, que é da violência, e tal, e aí, uma tarde, numa tarde ela veio, as crianças nunca tinham cantado, ou, se canta, canta no banheiro, como a gente brinca, ela foi lá, fez um trabalho com as crianças, e as crianças pegaram e participaram de um espetáculo de teatro, fizeram o encerramento de uma peça de teatro, ficaram na coxia, ficaram quietinhos, fizeram aquecimento de voz e conheceram o coreógrafo, e participaram, e foram aplaudidos. Então eu falo: ‘gente, quando que na minha vida eu sonhei que iria passar por isso?’ Então, é... acho que o cotidiano tá aí, a crítica social, a cidadania, não é porque eu sou pobre e porque moro perto do SESC e eu posso ir no Curumim, porque eu não vou ter nem que pagar um ônibus, que eu não vou poder ter acesso a uma boa música, a uma boa peça de teatro, né? A um passeio cultural, a brincar, né?” (Andréia, Categoria E, Unidade 31)

Além dessas cinco categorias identificadas nos discursos das crianças, mães e instrutoras de atividades, mais duas categorias foram identificadas durante a leitura dos discursos das mães participantes da pesquisa, as quais são descritas abaixo.

6 Deixando a timidez de lado

Todas as mães entrevistadas destacam uma característica importante do Curumim, enquanto capaz de modificar o comportamento de seus filhos, principalmente no que se refere à timidez dos mesmos. Alegam que, antes da frequência ao Programa, seus filhos eram crianças tímidas e, em alguns casos, retraídas, e, com a participação nas atividades, tornaram-se crianças mais soltas, extrovertidas e expressivas:

“e... e tem um enriquecimento, né? A gente percebe isso, a questão de... por a Giovana ser muito tímida, eu acho que ela... ela se soltou mais (...)” (Ana Paula, Categoria F, Unidade 2)

“E lá... a participação dela, ainda... a própria pediatra falou prá mim: ‘nossa, ela tá bem mais, assim’... porque ela ia na pediatra, ela não falava nem um ‘a’; então ela ia lá, entrava muda e saía calada. Aí, depois, não, ela começou a se soltar, chegava lá ela falava: ‘deixa que eu falo o que eu tenho’ (risos). A primeira vez, a pediatra falou assim: ‘Parabéns! Quê que tá acontecendo?’” (Rose, Categoria F, Unidade 10)

“E aí assim, em relação do comportamento o Gabriel ele é, muito reservado, muito tímido, não fala quase, pra tirar alguma coisa dele tem que cutucar, cutucar... E aí ele falou que tinha uma roda no Curumim, né? que tinha uma roda que você tinha que falar alguma coisa. Aí eu falei assim, ‘e aí, cê falava alguma coisa?’ Porque ele é difícil de falar. Ele falou: ‘ah, de vez em quando’... Aí, eu falei assim, ‘Nossa! É importante porque ele não fala nada, né? ele é tímido’. Aí foi que a gente foi que viu ele se expressando um pouco mais, sabe, pouco, devagarzinho, mas foi o que a gente entendeu.” (Walderez, Categoria F, Unidade 3)

“O Curumim, tanto pra mim quanto pro William foi muito bom, né? Principalmente pro William porque ele tinha um pouco de... ele era um pouco tímido, era uma criança que não... ele não se envolvia muito com outras crianças, porque quando ele era pequenininho ele teve problema de fala, teve que ir em fono, então ele, como as outras crianças não entendiam o que que ele falavam então ele começou... ele se fechou, né? Então quando teve o... quando foi começar o Curumim foi uma chance que eu vi que era bom pra ele, pra ele poder se misturar mais, tem mais amizade, que mesmo na escola as professoras sempre falavam dessa dificuldade dele, dele fazer amizade, dele ter... ter convivência com outras crianças, e o Curumim eu achei que fosse... que ia ser uma coisa que ele podia se soltar mais e, e foi do jeito que eu imaginei.” (Ana Lúcia, Categoria F, Unidade 1)

“Ainda mais que o Kauan é uma criança meio tímida, meio retraída, e... ele desenvolveu isso muito bem. Ele, ele recebeu carta em inglês, da instrutora, depois traduzimos pra ele, tudo, e ele guarda tudo isso numa pastinha, com todo o cuidado, com todo carinho. Com certeza pra mostrar pra alguém, né? Sei lá. Tá tudo guardadinho. E é isso, acho que é isso.” (Patrícia, Categoria F, Unidade 7)

7 Acreditando no Programa e nos Educadores

Outra categoria identificada apenas nos discursos das mães participantes da pesquisa diz respeito à confiança que estas depositam no Programa e nos educadores que nele trabalham, e com os quais compartilham da educação de seus filhos:

“Bom... eu gosto muito, acredito nas pessoas, nas atividades, coloquei um pouco daa... do desenvolvimento dela, né? As atividades que chegam, a possibilidade das reuniões, né? E mesmo dos encontros pais e filhos que a gente conhece um pouco da rotina, e aí... essa... metodologia mais democrática que é muito importante, né? Que a gente percebe a

transparência disso, né? E isso é muito legal mesmo, né? À medida que as crianças organizam, né? os encontros, definem as atividades, né?” (Ana Paula, Categoria G, Unidade 4)

“Eu gostei e continuo querendo que tenha continuidade porque agora que eu acho que precisa bastante. Porque assim, pelo menos ajuda, assessora a gente a criar, na educação. Porque a gente ensina, a gente fala, mas uma outra pessoa mais estranha, vamos dizer, assim que a gente diz, estranha de fora de casa, ouve mais do que a gente. Mas foi bom, eu gostei.” (Rose, Categoria G, Unidade 2)

“E, e fora as pessoas que trabalham, né? os monitores que trabalham, de cada um monitor que trabalha, e cada, e ele, e os conhecimentos, muitos conhecimentos que ele não tinha, conhecimentos às vezes, é...” (Walderez, Categoria G, Unidade 14)

“E eu falei que o Curumim é um projeto excelente, né? Se tivesse... se todo lugar tivesse um projeto que nem o Curumim muitas crianças não tariam na rua, né? Não... que ali eles aprendem muita coisa, principalmente assim, coisa de droga, essas coisas, que é uma informação que eles tão aprendendo bastante coisa. Então acho que se todo lugar tivesse eu acho que muita crianças não iam se perder do jeito que tão se perdendo, porque eles tão ali, eles tem consciência, eles aprendem bastante coisa, eles fazem amizade com bastante crianças, de bastante nível, né?, do nível deles, do mais alto, do mais baixo, crianças de tudo quanto é... né? E eu acho que é um projeto muito bom. Foi e continua sendo, né?” (Ana Lúcia, Categoria G, Unidade 9)

“Não sei se todo SESC costuma ser assim, esse... o programa, mas aqui, assim... tanto é que o meu, faço questão que o mais novo vá. E... e falo que fique lá no Curumim todos os anos, até sair, e que com certeza ajuda. Com certeza, o apoio que eles dão pra família é muito bom. Só...”

O Lesath, o pequeno, sempre teve muita vontade de ir. De ver o irmão, cê sabe, que as meninas também dão atenção pra ele também, chega lá, não vai, não é esse ano ainda... Só espero que quando ele vai seja a mesma turminha, pra cuidar dele também.” (Patrícia, Categoria G, Unidade 9)

8 Agregando valores e contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional

E, finalmente, uma última categoria, identificada apenas nos discursos das instrutoras de atividades participantes da pesquisa, nos remete à reflexão do aprendizado dado não somente pelas crianças, mas também pelos profissionais. Tal categoria diz respeito ao desenvolvimento pessoal e profissional, o aprendizado que elas, enquanto educadoras, têm no desenvolvimento das atividades do Programa:

“Então, quanto ao aspecto profissional, eu acho que foi e está sendo uma experiência riquíssima. Eu tive vivências maravilhosas nessa área que pra mim era nova. Que eu sou pedagoga e eu estou trabalhando com a área de expressão corporal, a descoberta do corpo, o respeito, então pra mim, assim, ele tá sendo maravilhoso enquanto profissional.” (Alessandra, Categoria B, Unidade 3)

“Mas eu brinco: ao mesmo tempo que eu tenho esse lado, assim, de ser apaixonada, de ser deslumbrada, eu sou bem racional, bem organizada, estudo bastante; acho que se a paixão continua é porque eu tô no lugar certo, na hora certa, aprendendo, ensinando, acho que o grande... eu nunca vou prá casa com a sensação de que eu não aprendi nada. Sempre alguma coisa eu aprendi. De repente é porque... eu aprendi alguma coisa sobre uma tomada...ah, que deu errado porque você enfiou a tomada errada, mas eu aprendi que aquela tomada não era daquele jeito... na minha casa não tinha. Aqui tinha, e eu vi que era diferente. Se eu for em qualquer outro lugar que tiver aquela tomada, eu vou lembrar que naquele dia eu aprendi isso. Então acho isso muito gostoso, né?” (Andréia, Categoria B, Unidade 23)

“Então é... é isso, não sei se tem algum ponto... uma coisa que eu falo, também você entra aqui sabendo... todo mundo, ninguém é obrigado a saber tudo. Mas tudo o que você entra, cada ponto da sua vida, você sai sabendo um pouquinho mais... eu sabia um pouco de meio-ambiente. Aí fui lá... eu falei: ‘eu quero dar uma oficina de meio-ambiente’. Porque eu gosto e porque eu sei pouco, assim eu estudo um pouco mais. Ah, agora eu quero dar uma oficina de desenho. Aí vou e faço dez cursos de desenho prá dar oficina de desenho. Então acho que isso também é legal, né? Eu falo, a hora que você sai daqui, você sai sempre maior do que quando você entrou, se é o seu propósito seguir a filosofia do programa, né?” (Andréia, Categoria B, Unidade 27)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais neste estudo foram tecidas a partir da bibliografia consultada, das análises dos discursos dos depoentes, colaboradores imprescindíveis deste estudo, além das reflexões sobre minha experiência profissional no Programa Curumim.

Entendendo ser fundamental, na pesquisa fenomenológica, colocar inicialmente o fenômeno estudado em suspensão, para poder compreendê-lo livre de preconceitos, neste momento algumas considerações adicionais serão realizadas, a partir de mudanças por mim observadas nesta minha recente vivência como pesquisadora junto aos depoentes, inclusive para apontar possibilidades trazidas à tona pela pesquisa.

Pretendemos, além de destacar aspectos que se apresentaram como significativos pelos depoentes, apontar compreensões que possam contribuir para o desvelar das relações entre as áreas do lazer e da educação, sobretudo, da prática social da educação pelo lazer.

De acordo com Silva et al (2005), e conforme já discutido no início deste trabalho, as práticas sociais se estendem em espaço/tempo construído por aqueles que delas participam seja compulsoriamente, seja por escolha política ou de outra natureza. Estão presentes em toda a história da humanidade, são próprias da sociedade e implicam em relações que estão inseridas em culturas; elas permitem que a pessoa e a coletividade se construam.

Acreditando que o *educar-se* se dá nas relações humanas, o Programa Curumim, da maneira como é realizado, possibilita a construção coletiva dos valores, sendo possível apontar que, além da escola, há outras práticas sociais nas quais as pessoas se educam. De acordo com Freire (2005a) ninguém educa ninguém. O indivíduo se educa, mediado pelo mundo.

Para Freire (1996) “ensinar é um ato de re-conhecer o que já foi aprendido, ou seja, reconhecer em seu conhecimento o conhecimento dos educandos” (p.81), assim, ensinar deve ser um ato criador, crítico e não mecânico, pois se expressa na curiosidade de educadores e educandos em ação.

Observamos, principalmente a partir dos discursos dos entrevistados, que muitos elementos estão presentes nos processos educativos da prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara. Sobretudo, o desvelar da relação entre Lazer e Educação pode ser exemplificado pela associação do prazer e do caráter lúdico às situações de aprendizagem e/ou ensino de novos conhecimentos, o que é afirmado pelos entrevistados, como aponta o discurso de Ana Paula, mãe da Giovana:

...é muito importante, o que o SESC oferece (...) Que é uma forma de lazer sim, mas é o prazer associado com o conhecimento... e que hoje a gente sabe que tem que ser assim. (Ana Paula, Unidade 6).

Como o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) ressalta, toda criança tem o direito de brincar. E ainda, toda criança tem o direito à educação. Ora, então, porque não favorecer a ocorrência de processos educativos prazerosos, dialogados e significativos?

Conforme nos lembra Chauí (1999) o termo ócio²¹, do grego *scholé* era proclamado pelos filósofos da Grécia Antiga como primordial para o cultivo da cultura, da arte, do corpo, ou seja, para a realização de uma vida humana plena e feliz. *Scholé* também origina a palavra “escola”.

Segundo Gonçalves Junior (2004), no entanto, temos presenciado uma educação extremamente formal e maçante no ambiente escolar, a qual nos induz à preparação

²¹ A expressão *ócio* está com o sentido de *lazer*. Explicita-se, no entanto, que no Brasil é mais corrente o uso da segunda, enquanto na Espanha, por exemplo, é mais freqüente o uso da primeira.

profissional e ao trabalho, nos fazendo acreditar que toda atividade deve ser exercida em favor de alguma causa “séria” (em oposição à lúdica), nunca por si própria.

Em acordo, Marcellino (1997) escreve: “raramente a atividade lúdica é considerada pela escola e, quando isso ocorre, as propostas são tão carregadas do adjetivo ‘educativo’ que perdem as possibilidades de realização do brincar, da alegria, da espontaneidade, da festa” (p.85).

Como apontam Olivier e Marcellino (1996), quando inicia a vida escolar, a criança é levada para uma vida pré-determinada, com valores já prontos, na construção dos quais ela não teve nem terá participação. A principal idéia disseminada é: *primeiro a obrigação, depois a diversão*.

No Curumim, de acordo com as crianças entrevistadas, eles aprendem várias coisas, mas o principal é se divertir:

O que mais importava mesmo era se divertir. Eu gostava das brincadeiras. Eu ensinei um monte de gente brincar de fugi-fugi, é, pique-queimada; o que eu gostei mesmo dos curumins é que eu aprendi várias coisas. (Taíse, Unidades 2 e 3).

E o aprendizado não se dá apenas entre os curumins, mas também entre os educadores que trabalham no Programa:

...eu nunca vou prá casa com a sensação de que eu não aprendi nada. Sempre alguma coisa eu aprendi. (Andréia, Unidade 23).

Considerando os discursos das mães entrevistadas, observamos que os processos educativos que se dão no Curumim extrapolam o aprendizado de um ou outro conteúdo, pois se percebe que as crianças acabam também incentivadas a se tornarem mais

extrovertidas e participativas, compartilhando, inclusive, seus novos saberes com outros, tais como professores e colegas de escola.

A educação, o aprendizado, as coisas que aprendeu lá ela assessorava na escola, que as professoras também faziam assim, trabalhos dos temas que usavam lá (...). Aí ela já chegava lá e já tinha tudo... fresquinho. Aproveitava e ajudava a professora, explicava. (Rose, Unidade 1).

A leitura dos discursos identificou que muitos assuntos trabalhados no Curumim são relacionados a conteúdos abordados em algumas disciplinas no espaço escolar (Matemática, Educação Artística e Educação Física), possibilitando-nos reflexões sobre a interação de tais assuntos e a maneira como se processam nestes distintos ambientes. Particularmente no caso da Educação Física, disciplina em que tenho formação em nível de graduação, é possível destacar duas questões relativamente problemáticas no ambiente escolar.

A primeira diz respeito à “esportivização”, ou a prática repetitiva de conteúdos esportivos exacerbadamente competitivos durante as aulas, da forma como tal disciplina tem sido desenvolvida em grande parte das escolas, ocasionando, não raro, tanto a citada “esportivização” da Educação Física Escolar, como ainda, a popularidade de algumas modalidades esportivas em detrimento de outras.

Concordando com Betti (2001), da maneira como tem sido disseminado no mundo dos negócios e da mídia, ou seja, como tele-espetáculo, o esporte assume cada vez mais a forma hegemônica da cultura corporal.

Tal constatação é feita no dia-a-dia de Taíse, por exemplo, na escola em que frequenta:

...diferente é as brincadeiras (...) que nem no SESC tinha vôlei, futebol e basquete. Na minha escola só tem o vôlei e o futebol (...). (Unidade 25)

Afirma Betti (1995) que a Educação Física Escolar tem utilizado o esporte como principal veículo de difusão do movimento corporal, desenvolvendo em seu conteúdo apenas algumas modalidades esportivas, em geral os esportes coletivos de quadra (como o futebol e o voleibol).

Acreditando que a Educação Física pode ser muito mais rica e desenvolver outros conteúdos, a autora alerta, porém, que:

É impossível, atualmente, negar aos alunos nas aulas de Educação Física (...) o aprendizado de esportes. Mais do que isto, temos que aceitar que este é um fenômeno da cultura corporal de movimento e trabalhar adequadamente com ele. O que não podemos aceitar é que a forma como este conteúdo é transmitido não passe pela compreensão e transformação do aluno. Falta, portanto, construir uma nova forma didática de utilização dos esportes na escola (...) (BETTI, 1995, p.30).

A segunda questão apontada diz respeito à atuação dos profissionais envolvidos na Educação Física Escolar:

...teve uma vez que na minha escola meu professor de educação física não (...) tinha planejado nada. (Giovana, Unidade 7).

Um dia de educação física fui eu que tive que dá aula porque eu sabia um monte de brincadeira e a professora não sabia quase nenhuma. Então eu passei um monte de brincadeira. (Taise, Unidade 11)

Se analisarmos as diretrizes que os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002) apresentam para a Educação Física Escolar, veremos que se considera de fundamental importância que os conteúdos ampliem as possibilidades de lazer, abordando os conhecimentos que favoreçam uma melhor organização do tempo livre. Além disso, tais Parâmetros sugerem que se opte por conteúdos relacionados a temas transversais, tais como convívio social, ética, cidadania, entre outros.

Certamente, pela brincadeira também é possível transmitir conteúdos

esportivos, sem, no entanto, a exacerbação do elemento competitivo. Assim, por que não considerar-se a estratégia do Curumim como uma contribuição à Educação Física Escolar?

Aí, eu virei pro professor e falei assim: 'Professor, eu sei uma brincadeira que uma vez eu aprendi lá no Curumim. Aí eu fui lá e ensinei pros meus amigos e todos eles gostaram. (Giovana, Unidade 7)

No Curumim, as atividades procuram diversificar não somente as modalidades esportivas vivenciadas, mas incluir outros tipos de jogos e, principalmente, o brinquedo. Os discursos trazem a idéia do *brincar de*:

O Curumim também ensina esportes (...), você pode brincar de tênis, futebol, basquete, ping pong. Lá tem também jogo da memória, tem. É... mesa de jogo de botão, tem vários brinquedos lá pra se divertir, e lá tem um espaço tão enorme que a gente corre, se diverte muito (...). (Gabriel, Unidade 20).

Acredito que os discursos reforçam as discussões para que a Educação Física Escolar seja mais voltada às atividades lúdicas do que às atividades “esportivizadas”²².

Assim, faz-se necessário repensar a atuação e o conteúdo desta disciplina, e ainda, da instituição escolar como um todo, uma vez que a escola, enquanto “lugar privilegiado para promover educação, o extrair de si mesmo, o cultivo do ser, a criação e a recriação, com espontaneidade, alegria e prazer” (GONÇALVES JUNIOR, 2004, p.130), é também espaço propício para a vivência da cultura, a busca das tão sonhadas autonomia e transformação social.

Quanto ao desenvolvimento dos conteúdos culturais do lazer, acredita-se que a citação freqüente, nos discursos, dos interesses físico-esportivos, culturais e turísticos, além

²² Queremos nos referir ao desenvolvimento de práticas esportivas sistematizadas enquanto conteúdos quase exclusivos de algumas aulas de Educação Física Escolar e mesmo a exacerbação do caráter competitivo nestas. Salientamos que nos discursos das crianças entrevistadas no Projeto Curumim elas próprias diferenciam o jogo lúdico, realizado no citado Projeto, ao esporte exacerbadamente competitivo, realizado em algumas aulas de Educação Física.

do interesse virtual, desenvolvido nas atividades realizadas na Internet Livre, é devida ao PIDI dividir as atividades em módulos de expressão física, sensível, relação com o meio e ciência e tecnologia, provocando um direcionamento das atividades para tais interesses.

Porém, é possível identificar que os demais interesses culturais do lazer – intelectuais, sociais e manuais – se fazem presentes:

Lá também, quem não gosta (...), que não tá num dia muito bom pra correr,(...) lá tem um, pra descansar, pra relaxar, assim, tem o espaço da biblioteca, que fica, pode ficar, tem um monte de revista, jornal, história em quadrinho, pode ficar lá, ficar lendo as coisas, ficar lá relaxando, e não se preocupando com a vida. (Gabriel, Unidade 16).

...e quando os pais vão ver todo mundo gosta, e é uma alegria lá na festa de fim de ano, que todo mundo tá reunido (...), aí os adultos vão lá pra conhecer todas as brincadeiras e brincam, e é muito divertido pra gente mostrar pros pais como que é o programa Curumim. (Gabriel, Unidade 9).

Aprendi a fazer a cestinha com a Déia, um monte, artesanato (...), até fiz a pintura. (Taíse, Unidade 21)

É fundamental que se perceba que, embora a estrutura e a fundamentação teórica do Programa Curumim permitam um diálogo constante entre Instrutores de Atividades e Crianças, ainda há, na atuação dos profissionais, certo direcionamento da forma de transmissão do conteúdo, bem como da escolha do conteúdo das atividades propriamente ditas.

Tal observação pode ser feita a partir da leitura de um dos discursos da instrutora de atividades:

Aí fui lá... eu falei: 'eu quero dar uma oficina de meio-ambiente'. Porque eu gosto e porque eu sei pouco, assim eu estudo um pouco mais. Ah, agora eu quero dar uma oficina de desenho. Aí vou e faço dez cursos de desenho prá dar oficina de desenho. (Andréia, Unidade 27).

Acreditamos que tal posicionamento é dado pelo histórico da formação dos profissionais e, principalmente, pelos vícios de uma educação centrada na figura do professor, com a exigência de desenvolvimento de um conteúdo pré-definido.

Ressaltamos que a mesma instrutora coloca, no seu discurso, uma angústia relativa a essa situação durante sua formação:

Mas acho que o medo era isso: de fazer uma coisa que não foi definida por mim, que caiu de pára-quedas, que um autor de livro escreveu, que o Governo Federal falou que tem que ensinar, que o PCN obriga naquela série fazer daquele jeito, então eu achava que eu não ia ter muita liberdade se eu fosse ser professora. (Andréia, Unidade 5).

E posteriormente, quando iniciava seu trabalho na Instituição SESC, se depara com outra realidade:

E sendo instrutora, a experiência que eu tenho é assim, exige planejamento, existe uma estrutura, um tema, existe toda uma estrutura que eu preciso respeitar, mas eu me sinto muito livre pra transitar dentro daquilo que eu me proponho a fazer. (Andréia, Unidade 5).

Assim, entendemos necessário que os profissionais repensem e se auto-avaliem frequentemente, adequando sua atuação às necessidades do grupo de crianças e do contexto vivenciado a cada momento. Destacamos, ainda, a necessidade premente da readequação da fundamentação teórica do Programa, de acordo com a atual realidade social e educacional brasileira.

Ressaltamos que a fundamentação teórica do Programa está passando por avaliação e readequação, tendo como assessoria técnica o Instituto Paulo Freire, o que acredito que venha a contribuir fundamentalmente para a melhoria na atuação dos profissionais envolvidos, permitindo uma aproximação do que Freire (2005a) chama de ação dialógica, ou seja, baseada no diálogo educador-educando e educando-educador, para recolher

os aspectos da realidade vivida pela comunidade (o saber de experiência feito) e fundamentar as ações educativas.

Freire (1996) alerta que o bom senso do educador deve orientá-lo a “*respeitar a autonomia*” (construindo conhecimentos e deles desfrutando), a “*dignidade*” (na autenticidade de seu saber) e a “*identidade do educando*” (seu mundo vivido é o pano de fundo interativo, de seu conhecimento adquirido) desenvolvida com criticidade e criatividade.

Neste sentido, na tentativa da compreensão de como se dão os processos educativos na prática social da educação pelo lazer no Programa Curumim do SESC Araraquara, é possível associar, ainda, a indagação de como se dá o processo de educação pelo lazer num contexto maior, o da educação como um todo:

Só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social (MARCELLINO, 1987, p.63).

O significado que cada depoente, por meio dos relatos de suas experiências, atribui ao Programa Curumim, revela que a educação pelo lazer muito tem a contribuir para com a educação formal e, mais ainda, para a formação do cidadão consciente de suas possibilidades.

Então acho que o Curumim ele (...) é uma aprendizagem tanto pros instrutores, que a cada dia acaba descobrindo o poder dele em momentos assim, surpreendentes, e, pras crianças que acabam vendo que (...) é muito mais do que uma brincadeira, que ele é algo sério que ele é algo prazeroso, pros pais (...). Que acabam confiando em nós instrutores, de toda à tarde tá deixando as crianças com a gente e sabendo que (...) é alguma coisa que tem um envolvimento. (Alessandra, Unidade 18).

O que que as grandes escolas sonham? Que um dia o ensinar vai ser uma coisa gratificante pro professor e vai ser gratificante pro aluno. O aluno vai gostar de aprender, o professor vai gostar de ensinar. Todo mundo vai ser aprendente, todo mundo vai ser ensinante, e isso a escola ainda tá buscando, e eu trabalho num espaço, num programa que isso já acontece. (Andréia, Unidade 34).

Ou seja, como aponta Freire (2005b), o ato de *educar* envolve necessariamente o de *educar-se*, sendo necessária a afetividade, a humildade, o gosto pelo ensinar e aprender, a busca incansável pela competência e pela esperança engajada na transformação nossa (somos seres inconclusos), da educação e do mundo.

Esperamos que este estudo possa trazer contribuições para as áreas da educação e do lazer, sabendo que o ser humano “não pode libertar-se se ele mesmo não protagoniza sua história, se não toma sua existência em suas mãos” (FIORI, 1986, p.3).

Assim, observamos que o educador deve estimular a curiosidade, participação e autonomia *com* (e não *para* ou *sobre*) os educandos, pois dessa forma desenvolverá a sua própria curiosidade, educando-se também. Compartilhar é fundamental para o desenvolvimento pessoal e do grupo, possibilitando-se o contínuo *vir a ser*, já que somos seres incompletos e inconclusos, conforme nos aponta Freire (2005a, 2005b), Merleau-Ponty (1996) e Sérgio (1999).

Observamos também que a prática social da educação pelo lazer pode ser uma alternativa ao aprendizado e à recuperação do lúdico nos processos educativos presentes não somente fora da instituição escolar, mas também na escola, e aponta-se que cabe a nós, educadores, conscientizar para a busca autônoma do conhecimento, como diria Freire (2005a) educando e educando-se uns com os outros para a liberdade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Tempo Livre. In: _____. **Palavras e sinais: modelos críticos**. 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p.70-82.
- ARANHA, Maria L. A. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BETTI, Irene. R. Esporte na escola, mas é só isso professor? **Motriz**. v.1, nº1, 1995, p.25-31.
- BETTI, Mauro. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In CARVALHO, Yara M. e RUBIO, Kátia (org). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001, p.155–169.
- BRAMANTE, Antônio C. Lazer: concepções e significados. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.1, nº1, 1998, p.9-17.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 22^aed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental Educação Física**. Brasília, 2002.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº 6251/75. **Plano Nacional de Educação Física e Desportos**, 1976.
- _____. **ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90, 1990.
- BRUHNS, Heloísa T. Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.1, nº1, 1998, p.77-94.
- _____. (org). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- CAMARGO, Luiz O. de L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 2003.
- _____, Lazer: concepções e significados. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.1, nº1, 1998, p.28-36.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1999.
- De DECCA, Edgar S. Tempo e lazer nas sociedades modernas. In BRUHNS, Heloísa T. **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002, p.59-73.
- DEMO, Pedro. **A nova LDB: ranços e avanços**. 8^aed. Campinas: Papyrus, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ESCOLA DO TEMPO LIVRE. **Revista E**: Publicação Periódica do SESC São Paulo, ano 1, nº 8, 1995, p.10-18.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 12ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.

_____. **Educação e política**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FIORI, Ernane M. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11 (1), 1986, p.3-10.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. 6ªed. São Paulo: Moraes, 1986.

GAELZER, Lenea. O compromisso social da educação para o tempo livre. **Reflexão**. Lazer e trabalho. Campinas: PUC. nº35. 1986. p.42-54.

GARNICA, Antonio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**: comunicação, saúde, educação. v.1, nº1, 1997, p.109-122.

GOHN, Maria da G. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2005. Coleção Questões da Nossa Época. v.71.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LIMA, Mônica dos S.; SANTOS, Matheus O.; MAIA, Maria A.; SILVA JUNIOR, José A. da. Lazer e processos educativos no Jardim Gonzaga – São Carlos/SP. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER – ÉTICA E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UCDB, 2005. (CD-ROM)

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Atividade recreativa na escola: uma educação fundamental (de prazer). In Schwartz, Gisele M. **Educação física no ensino superior**: atividades recreativas. São Paulo: Guanabara Koogan, 2004, p.130-136.

_____. **Lazer e novas relações de trabalho em tempos de globalização**: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal. Tese (Pós-Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal), 2003.

_____. Lazer no período da ditadura militar: o desvelar de depoimentos de sindicalistas da Grande São Paulo - Brasil. **Corpoconsciência**. nº10, 2002, p.35-55.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **História da educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

JANELA, Afonso A. Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In ESTEVES, J. e STOER, S. R. (Orgs). **A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Porto: Afrontamento, 1989, p.81-96.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ozeneide V. de M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In BICUDO, M. A. V. e ESPOSITO, V. H. C. (org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994. p.35-46.

MAGALHÃES, Dirceu N. Cultura e história do SESC. **Intercâmbio**, v.1, nº 2, 1988, p.5-14.

MAGNANI, José G. C. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, Heloísa T. e GUTIERREZ, Gustavo L. (org). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Autores Associados, Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2000, p.19-33.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e ação comunitária**. Belo Horizonte, IV Curso de Especialização em Lazer, UFMG. 1999. Apostila.

_____. Lazer: concepções e significados. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.1, nº1, 1998, p.37-46.

_____. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

_____. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poiésis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NÉRICI, I. G. **Didática geral dinâmica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Científica, 1977.

OLIVEIRA, Paulo de S. Trabalho, não-trabalho e contradições sociais. In: BRUHNS, Heloísa T. (org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. p.47-63.

OLIVIER, Giovanina G. F.; Marcellino, Nelson C. Sobre dinossauros, carteiras e pássaros-lira: do lúdico na vida ao lúdico na escola. **Motrivivência**, Florianópolis, nº 9, 1996, p.118-135.

OS CINQUENTA ANOS DO SESC. **Revista E: Publicação Periódica do SESC São Paulo**, ano 3, nº 3, 1996, p.10-21.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas: Alínea. 2000.

PAIS, José M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbaar, 2001.

PINTO, Leila M. S. M. Lazer: concepções e significados. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.1, nº1, 1998, p.18-27.

REQUIXA, Renato. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da educação no Brasil: 1930/1973**. 9ªed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANT'ANNA, Denise B. **História e lazer: o prazer justificado**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SÉRGIO, Manuel. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **SESC São Paulo**, Gerência de Recursos Humanos. 2000. Apostila.

_____. **Programa integrado de desenvolvimento infantil/PIDI**. Administração Regional no Estado de São Paulo, São Paulo, 1985. Apostila.

_____. **Diretrizes gerais de ação do SESC**. Departamento Nacional, Rio de Janeiro, 1983.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 22ªed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Petronilha B. G., GARCIA-MONTRONE, Aínda V. GONÇALVES JUNIOR, Luiz, OLIVEIRA, Maria W., MELLO, Roseli, R., JOLY, Ilza Z. **Práticas sociais, o que são?** São Carlos: UFSCar/Programa de Pós-graduação em Educação, 2005. Apostila.

SILVESTRE NETO, Dante. Um tempo de desfrute e resistência. **Revista E**. ano 6, nº 12, 2000.

SCHWARTZ, Gisele M. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.2, nº6, 2003, p.23-31.

_____. O processo educacional em jogo: algumas reflexões sobre a sublimação do lúdico. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.1, nº1, 1998, p.66-76.

TÁPIA, Luiz E. R. Método em fenomenologia. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria F. S. F. **Temas fundamentais da fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984. p.69-74.

VON SIMSON, Olga R. de M.; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (Orgs). **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas: Ed. UNICAMP/Centro de Memória, 2001.

WERNECK, Christianne. L. G. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: UFMG/CELAR – DEF/UFMG, 2000.

_____. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **LICERE: Revista do CELAR/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v.1, nº 1, 1998, p.47-65.

ANEXOS

DISCURSOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

1) DISCURSOS DAS CRIANÇAS

1.1) Discurso I – Giovana

“Ah, eu acho que o Curumim é um programa muito legal, porque você aprende várias coisas... hã... teve algumas mudanças desde o começo até agora, porque começô a mudar... mudá de crianças, comportamentos dos curumins... hã... foram mudando os instrutores... cada vez foi melhorando, né? Ah, aí a gente aprende lá muita coisa, muito legal! Ah... aí tem casos... foi muito legal o Curumim, que você aprende: eles te ajudam na hora de fazer a tarefa... hã... tem os instrutores que aprende... que te ensina a fazê as brincadeiras, cê aprende amigos novos... hã... tem as oficinas, tem os filmes que a gente assiste... hã... quando tem palestra, as festas do curumim, os aniversariantes do mês. Ah, tudo é legal lá no Curumim, tudo, tudo, tudo. Os instrutores, os curumins... também tem as pessoas, né? Que brigam lá no curumim, que fazem bagunça, mas isso é o de menos. Os instrutores ajudam a você tá fazendo tarefa, eles te ensinam, se tiver alguma dúvida na atividade eles também ensinam. Tem todo aquele... aquele... aquela educação com a criança, tudo...

Ah, eu gosto... hã... é muito legal todas as partes do Curumim. É legal a parte do horário livre que cê pode fazer as oficinas... oficinas de internet, tem todas as oficinas. Aí também tem a hora das atividades, que você aprende a fazê algumas coisas. Aí tem a hora do lanche e hora da roda que aí a gente discute sobre o dia. Teve algumas modificações na hora da roda, igual, em 2001 a gente fazia brincadeiras, agora não dá mais, porque os instrutores ficam dando bronca na gente, porque tem alguns curumins que aprontam, então eles ficam falando e falando... e agora tem regras, né? Mas regras, que não pode ir de calça jeans, não pode ir mais de sandália, essas coisas. (1)

Ah, agora o Curumim ficou bem mais legal porque agora tem bastante gente, então aí, cê pode fazer as brincadeiras com bastante gente, antes era aquele pinguin... poquinho de gente... agora tem bastante gente, agora você tem mais amigos (2).

Tem as atividades que aprende com a Andréia, com a Alessandra, que dá pra gente fazê aqui em casa também... ee... tem as brincadeiras que dá pra fazê na rua, que o Diogo* e o Everton* ensinam, (3) os filmes que eles passam, é sempre... os filmes podem até ser chatos, mas é... é educando a gente, né? Que tem filme que é... hum... relacionado ao que a gente faz. As viagens também, né? São muito legais... principalmente essa última viagem que a gente foi pro SESC Itaquera, cheio de brinquedos, muito legal. Porque antes, a gente ia a museu, via aqueles quadros, tudo, então a gente brincou, tudo, então foi uma viagem bem divertida. Mesmo assim as viagens que a gente foi, né? Ficava ouvindo fala da obra, essas coisas... (4)

Igual lá no... lá na viagem que a gente ficou no museu do Pablo Picass... Picasso, eu tava estudando isso na escola, então eu tive que explicá tudo pra escola, foi muito legal! Eu “se puis” num lugar de professora na minha escola aquele dia... tive que ensiná tudo que... a gent... aprendia lá no... lá no... lá no museu do Pablo Picasso.(5)

Muito legal aquela oficina que a gente teve com a Elaine, né? De tirá foto, que a gente leva recordações, né? Foi muito legal! A gente ganhô as instruções... muito legal! A piscina que eles levam, a gente faz exame... aí eles levam aqueles monte de negócio pra gente fazê... pra gente fazê brincadeiras. Ah, mudou um negócio também... que... todas as festas juninas lá

* Instrutores recém-contratados no Curumim de Araraquara.

do Curumim a gente sempre fazia uma dança, tudo, folclórica... agora, dessa vez, a gente fez uma quadrilha, foi bem mais legal! Tipo, a gente de vestido de quadrilha mesmo, um monte de pintinha, foi muito legal!

O Curumim tá bem animado agora, do que antes. As oficinas de agora tá bem mais legais do que no ano passado, agora tem teatro, é muito legal na parte de teatro, a gente faz o... faz teatro mesmo, né? Pra apresentar pros curumins... aí a gente tá fazendo um teatro muito legal, agora, porque antes tinha bastante gente, aí o pessoal foi que ia saindo, saindo... a gente fez uma história bem pequenininha, mas ficou muito legal! A oficina da Internet cê aprende a mexê na Internet e tudo, em alguns sites, muito legal!. Tem o ‘dia do desafio’ que o Curumim participa, dee... a gente fica fazendo desafio mesmo, que Araraquara compete com as outras cidades... muito legal também! A gente participa com o SESC Curumim. Tem a parte da biblioteca que o Curumim vai lá de vez em quando nos... nos horários livres. Tem a semana do meio ambiente que alguns instrutores, né? de... diversos lugares, foi lá ensinar algumas coisas, faziam oficina com a gente... várias oficinas... e... e referente ao meio ambiente”. (6)

(Pausa)

“Ah, teve uma vez que na minha escola meu professor de educação física não tinha nada, né? Não tinha planejado nada. Aí, eu virei pro professor e falei assim: ‘Professor, eu sei uma brincadeira que uma vez eu aprendi lá no Curumim’. Aí eu fui lá e ensinei pros meus amigos e todos eles gostaram. Igual, oficina de teatro, o professor lá, o Ângelo lá, de matemática, ele... ele faz teatro, né? Ele já... fez teatro em outros países. Então o profess... eu falei pro professor, né? que eu tava fazendo oficina de teatro lá no SESC, aí ele achou muito legal, né? Porque a gente ia tá aprendendo a parte de teatro lá na escola. Aí... ee... quando ele foi ensinar, as coisa, né? As posições... ee... o professor gostou muito de saber que eu já sabia, né? As coisas, os passos que tem que ir pra lá, ir pra cá, muito legal!” (7)

OBS 1: Após uma longa pausa, e não tendo nenhum movimento da criança no sentido de continuar a narrativa, perguntei: “Como que é a Giovana de hoje e a Giovana de antes do Curumim?”

Giovana:

“Ah, a Giovana de antes lá do Curumim era uma pessoa meio triste, que não tinha amigos... agora... agora, eu sou uma pessoa muito mais feliz do que antes, porque todo mundo gosta lá de mim, lá no Curumim. Eu tenho vários amigos, vários... várias pessoas que gostam de mim, mesmo. E a pessoa de antes é uma pessoa solitária, que não gostava de ficar com os amigos, agora, quanto mais amigos que eu quero mais eu ganho. Igual, a saída da Maiara do Curumim foi muito chato, né? Que ela era uma amiga muito legal! Mas mesmo assim a gente se fala, e a semana passada a gente foi no cinema com ela, mesmo eu indo na casa dela, ela vem em casa. Então, mesmo que ela não ‘teja’ no Curumim, eu fiz uma amizade muito grande com a Maiara. Então, vira e mexe, eu vou na casa dela, ela vem na minha, e foi referente ao Curumim, né? Porque do Curumim eu... eu... eu conheci ela, nossa amizade tá até hoje...” (8)

1.2) Discurso II – Taíse

“Ah!. O Curumim prá mim foi legal, assim, eu conheci um monte de gente, fiz muitas amizades, (1) mas o que eu não gostava muito é quando a Alê gritava demais. A Alê, quando ela dava aqueles berrinhos dela lá, eu não gostava muito não, e às vezes doía até meu ouvido, assim, mas, tudo bem, dava pra considerar. O que mais importava mesmo era ‘se divertir’. Eu

gostava das brincadeiras. Eu ensinei um monte de gente brincar de fugi-fugi**, é, pique-queimada** ; (2) o que eu gostei mesmo dos curumins é que eu aprendi várias coisas, eh ... ah, como 'se alimentar', como aprender mais com a escovação de dentes, mais, é... que nem benefícios mas... (3) É precisar... que nem, minha mãe pôs eu no dentista sem eu precisar pagar porque aí eu tinha que entrar na fila de espera, o Curumim tem uma vantagem que em vez de você ficar na fila de espera você passa pra frente.

Então eu gostei por causa disso. Quando eu tinha que fazer alguma coisa, atividade, viajar, essas coisas é muito legal. Gostava por causa disso. Gostava. Gostava às vezes, os lanche que eu não comia direito, gostava de um monte de coisa do SESC. Só que agora não dá mais pra mim ir. Não dá...

Ah, eu fiquei 4 anos no Curumim assim, eu entrei. Ainda que... que tinha entrado eu e mais o Tiago, que ele fez só dois anos. Ah, aí eu não conhecia muita pessoa assim no SESC assim, do Curumim, assim, eu não conhecia muita gente então eu só escolhia ele. Eu sentava com ele na hora do lanche. Ficava só conversando com ele porque eu não conhecia. Mas agora que eu tenho, fiz bastante amizade no Curumim. Que que acontece, eu tô, tô aprendendo mais a conversar com as pessoas assim pra fazer mais amizades. (4) Mas o que eu mais gostei no SESC, no Curumim foi o dia que nós fomos pra viagem, que até que tava a Elaine, o Daniel, um monte de gente que agora já passou pros outros SESC's, na... mesmo na piscina ia a Elaine, a Alê, a Déia falava que não gostava, que tinha medo. (5)

O Fabiano mesmo, quando foi embora, no acantonamento. Então, é, foi passando, assim, cada um foi deixando seu pedacinho lá no Curumim. Ah!, foi o dia da apresentação... no dia do... quando o Fabiano foi embora. Aquilo lá foi uma choradeira, e tanto, todo mundo chorou, todo mundo abraçou, beijou, todo o mundo fez a festa com ele, porque último dia, né? Fazer o quê? Tinha que aproveitar. Enquanto tem, tem. Quando não tem, não tem. Ah, mas agora quando a Elaine foi embora, assim, todo mundo chorou, sentimos muita falta. Agora que o professor... (6)

Agora nesses 4 anos que eu fiquei no SESC... eu queria ir esse ano também, só que não dá. Eu queria conhecer a estagiária nova, eu queria fazer as atividades que o Everton dá, eu queria fazer um monte de coisas mas não tem... não dá porque eu agora tô indo na escola à tarde, porque se desse eu ia.

Ah!, aprendi várias coisas, né? Antes eu não sabia jogar futebol, eu chutava as canela do meu primo, agora eu aprendi. Aprendi as regras do basquete, o vôlei, o handebol. Assim, eu gostei muito de ficar no Curumim porque sempre você vai aprendendo mais. Porque cada fase você vai passando um obstáculo. Então eu gostei por causa, por causa disso. Que cada, cada barreira que eu encontrava eu conseguia derrubar, eu conseguia passar. (7)

Ah, e também não gostava quando me chamavam de dedo-duro, porque quando começou o Curumim eu era um dedo-duro. Agora meu dedo amoleceu (risos). Agora o dedo amoleceu.

Lá eu aprendi a comer bastante, como quando eu não gostava de suco de uva eu aprendi, é, agora eu tô bebendo suco de uva. Eu aprendi um monte de coisa - pra quê que serve um alimento, pra quê que serve outro. É... como aconteceu, é os negócios do livro que a Alessandra, dos cantos que fizeram no final do ano... um monte de coisas assim.(8) Mas o que me interessou mais foi o dia que eu cheguei molhada e queria ir pra capoeira só que não tinha jeito porque a Alessandra pegou uma roupa lá emprestada que tinha, pegou e fez um pano de saia, então não tinha como. Eu fiquei na atividade dela. No meu grupo mesmo tinha bastante gente que eu conhecia, estudei na escola de um monte gente que já saiu, fiz um monte de coisas. Aprendi várias coisas com todo mundo. Aprendi que nunca você deve mandar nos

** Brincadeiras do tipo *pega-pega*. A primeira possui um pegador que corre para pegar os demais participantes. Já na segunda, a maneira de pegar o participante é como num jogo de queimada, em que corre-se e joga-se a bola tentando queimar o adversário.

outros e sim obedecer o que os mais velhos falam. (9)

E o que mais me chamou a atenção mesmo no SESC foi a... a amizade de todo mundo. Porque todo mundo lá é amigo e amiga. Amigo de todo mundo. Todo mundo é amigo, todo mundo faz, brinca todo mundo junto. Todo mundo faz esporte todo mundo junto. Só que agora teve que dividir porque chegou muita gente, teve que dividir porque no primeiro ano era todo mundo junto numa sala só. (10)

Ah! Lembrei duma coisa importante agora. O dia que teve que...entregar a carta pros que trabalhavam no SESC e teve uma pessoa que escreveu pro gerente umas três vezes assim, que escreveu bastante. Eu entreguei três cartas. Só duas que retornaram a carta que eu tinha mandado. Porque uma falava que ia responder a carta num dia, não respondia. Falava no outro dia, não respondia. Só que aí eu... numa carta dela escreveram meu nome errado: em vez de escrever Taise escreveram Laise. Aí eu cheguei aqui com meu pai e eu falei de tudo, e ele falou que meu T era muito... que eu puxava o T assim, fazia perninha e ele achou que era um L, e a pessoa achou que era um L.(11) Eu falei: o que posso fazer, né?, se não entendem minha letra.

Ah! Pra mim eu gostei tanto, brincava, me divertia, um monte de coisas. Até que nesse dia que foi entregar as cartas, ah! Até que você não tava lá pra receber. Até que tinha uma pessoa que tinha que te entregar e você não tava... Aí todo mundo: ‘cadê a Regiane? Cadê a Regiane?’ E ninguém achava. Aí quando foi achar, entregaram no outro dia pra você, procê responder pra essa pessoa.

Um monte de gente... a Maiara mesmo falava assim: ah, o ano passado eu não vou poder vir vai...o ano que vem vai ser o mais chato possível porque eu adoro ir no Curumim. Eu falava: eu também. Agora vai ser um...vai ser uma chatice agora à tarde porque agora eu tenho que ficar na escola, a professora apita no seu ouvido, a professora faz não sei o quê, a professora vai fazer não sei o quê. Só que de manhã, falei assim, podia fazer de manhã, também, né? Mas o SESC não abre, o que posso fazer? Falei assim, eu não sou dona do SESC também, né? prá fazer tudo o que eu quiser. Eu pensei comigo mesmo, né?

Mas queria que tivesse de manhã ou fazer o espaço jovem de 12 a 17 anos. Só que em vez de fazer de final de semana, fazer de terça e quarta, que é os dias que eu saio mais cedo da escola. Porque de quinta e sexta e segunda, de quinta e sexta eu saio mais tarde. Eu saio seis e vinte. Então não ia dar pra aproveitar. Também eu gostei, eu queria ir no SESC fazer era uma escolinha ou de basquete de vôlei, ou de futebol, porque eu quero me, eu quero fazer alguma coisa na minha vida. Eu quero crescer, eu quero, eu quero mostrar tudo aquilo que eu aprendi no Curumim, eu quero mostrar pra, pra todo mundo o que eu aprendi. Ou um dia até mesmo trabalhar no SESC. É o sonho que eu mais quero é trabalhar no SESC.

As brincadeiras: o fugi-fugi, o pique-queimada, o pique-bandeira, um monte de brincadeira que eu não sabia assim eu fui ensinando pra todo mundo assim, pros meus coleguinhas de baixo, pra todo mundo, até mesmo lá na escola. Um dia de educação física fui eu que tive que dá aula porque eu sabia um monte de brincadeira e a professora não sabia quase nenhuma. Então eu passei um monte de brincadeira, é... o que mais pediram pra mim pra fazer era o ... fugi-fugi, porque era o que mais corria e eu sempre era a pegadora, então sempre eles pediam o fugi-fugi porque... sempre eu que catava. (12)

Então ali o fugi-fugi foi extremo. Vai passando de geração em geração. Aí tem uma lá que outro dia nós não conseguimos resolver no Curumim que foi um negócio do navio e você tinha que passar até na outra ilha, na ilha de jornal com o jornal assim no pé. Você não podia quebrar o jornal. Então você não podia ir andando e o jornal quebrar. Cê sempre tinha que voltar no início, quem quebrasse o jornal tinha que voltar no início. Ninguém conseguiu passar porque todo mundo que chegava quase no final quebrava o jornal. Todo mundo dava risada, fazia brincadeira. E se... é... aprendemos a fazer peteca, tirar foto em lata, revelar foto, fazer uma porção de coisas. (13)

Mas o que me marcou mesmo assim foi a viagem. O... quando nós fomos pro museu do Portinari. Aí até que eu cheguei na escola contei tudo pra professora, a professora adorou, falou que é um bom trabalho o Curumim que dá prá ensinar mais as crianças assim a fazer várias coisas assim, que nem, eu não sabia que o Portinari tinha pintado o quadro que minha professora tinha dado na semana passada, eu não sabia. A professora nunca passava os quadros e nunca falava de quem era o pintor e mandava a gente descobrir, então quê que acontece: eu descobri que o quadro que a professora tinha passado era do Portinari, o outro do Van Gogh, um monte de coisas. (14)

Ainda que eu aprendi com a Déia a fazer... a desenhar que eu não sabia direito, aprendi várias coisas, até que um dia que chegou na expressão corporal que era a parte da Alessandra, chegou um dia assim que eu não sabia o que significava e eu tinha que imitar um índio. Eu falei, eu falei assim, eu não sei como imitar um índio. Um índio. Quê que aconteceu, eu bati na boca, eu sabia o que eu via assim, ele dançando, pescando, um monte de gente fazia e não podia ser, tinha vez que não podia ser repetido.

Na capoeira mesmo, eu não sabia jogar, aprendi; mexer na internet eu não sabia, aprendi; um monte de coisas. Até que nós fomos na natação, assim, andar naqueles tapetes, andar assim, escorregar, que até que ficava assim balançando pra pessoa cair.

O dia que nós fomos lá em São Carlos também... que... nós... no SESC, nós ficamos lá, teve uma parte que ficou na piscina outra ficou brincando, aí chegou na hora do lanche eu não comi... eu não comi. Aí na hora de voltar me deu fome. (15)

Aí até que a... tava a Lílian^{***}, que também foi embora, tava um monte de gente, ainda que, até que no ano passado, no ano retrasado entrou a Josi^{****} que ninguém conhecia. Todo mundo achou ela muito legal, ela fazia um monte de coisa, brincadeira, trapalhada que nem só ela, um monte de coisas. (16) Até que eu cheguei numa conclusão, eu falei assim: o Curumim tá sendo mais importante pra mim do que se ficar na escola, sem você ter aquela informação tudo. Mas o Curumim acrescenta mais um pouco na minha vida. O Curumim é tudo. Tudo, tudo. Eu esqueci, o Curumim pra mim foi... eu aprendi um monte, várias coisas assim (17); que nem, eu era - eu era CDF da professora - assim, eu chegava, assim, eu era CDF da professora na primeira série, eu sempre fui CDF da professora. Só, o quê que acontece, eu aprendi, porque eu era a mais dedo-duro da sala, eu aprendi, assim, que você nunca pode falar dos outros o que você não quer que fale de você pros outros, pra, que nem, pros monitores, que nem, eu falava da pessoa e tinha dia que eu fazia, e a pessoa que eu acusei ia lá e falava. Eu falei que eu não quero o que que aconteça comigo, que nem, eu, você faz o mal pra pessoa que, se você quer que não faça prá você; então o Curumim foi tudo na minha vida, eu aprendi a não ser dedo-duro, um monte de coisas assim. (18)

O que eu mais gostei mesmo foi das viagens. A viagem era sempre mais legal, parava assim, que era pra comprar alguma coisa... Sempre quando o Jayme levava o violão assim, e tocava dentro do ônibus, só o, a pena era que nós não caía sempre no mesmo ônibus, nós caía em ônibus separado. (19)

A Priscila, mesmo, a Priscila ficava conversando, a Camila, o Felipe, um monte de gente ficava tudo conversando, assim, todo mundo na hora do lanche conversava, eu levei até uma blusa pra assinar e todo mundo assinou, eu levei um monte de coisas assim. (20)

Aprendi a fazer a cestinha com a Déia, um monte, artesanato, assim, com a Déia, eu aprendi de bastante, até fiz a pintura que... a Maiara tava no mesmo grupo que eu, é... fizemos a mesma pintura e você tinha que fazer igualzinho à pintura do outro, não podia mudar nada, então você tinha que fazer um quadro de Portinari; fazer você na folha, o colega. O meu e o da Maiara quase saiu idêntico, só por causa de um tracinho que ela fez, saiu errado.

*** Estagiária do curso de Pedagogia durante o ano de 2002.

**** Estagiária do curso de Pedagogia durante os anos de 2003 e 2004.

Quando a gente fizemos aquele... quando a Lílian foi ensinar a fazer o Tsuru****, que aí todo mundo ficava fingindo que tava espirrando falando Atchussuru, tsuru, fazendo o passarinho. O passarinho mais difícil de fazer. Só que conseguiram fazer em casa o Vinícius Pena e o Kauan. Só eles prestavam bastante atenção assim pra fazer. (21)

Eu cheguei em casa pegava folha, fazia e tentava fazer não conseguia. Nunca consegui fazer um passarinho daquele. E ainda que a Lílian fez aquele grandão - eu falei assim: 'como ela pode fazer?'. Eu tinha que fazer um pequenininho assim e ela faz aquele grandão assim. O pequenininho eu já não consigo fazer, como pode? Quero fazer um grandão também'... Não consegui. Amassei as folhas, jogava tudo fora. Só tinha... quase outro dia deu um punhado de papel assim, pra mim jogar fora, que eu tentava fazer o tsuru, nunca consegui fazer.

Aí, até que eu queria aprender mesmo no Curumim era fazer balão. Nunca aprendi fazer balão e queria aprender assim. Ter mais oficinas assim, que nem, de sábado tem os monitores que dão oficina sábado, só que não dava pra mim ir porque eu fazia catequese, só que que acontecia: eu falava pra minha mãe assim: 'eu queria faltar da catequese só pra mim ir lá pra fazer', só que agora... agora eu não posso porque... eu tenho que avisar minha mãe, eu tenho que chegar cedo em casa e agora eu tô, eu tô indo na escola assim pra fazer aprender a fazer guardanapo, e', hum, biscuit, biscuit, é, que fazer muito na escola. No SESC também, a Déia outro dia deu massinha de biscuit, os fantoches que a Alê dava pra fazer teatro; você tinha que criar assim uma história. Você tinha que contar. Até que teve, quando a Elaine fazia o jornal dela, que teve que apresentar, teve várias coisas. Até que a Talita**** teve... o Daniel filmava e o Nicolas saía perguntando assim... até que a Talita - entrevistaram a Talita - a Talita fez um monte de brincadeiras assim...

O que mais que fez assim pra mim foi as viagens porque as viagens eu cada vez mais eu estava aprendendo. E cada pessoa assim, que... pessoa que fazia assim que... procurava pra mostrar a viagem, era a Andréia, porque a Andréia sabia um monte de lugar assim, a casa de Portinari... várias coisas assim. Até que nós fomos lá na igreja em... como fala?... Batatais. Nossa! A igreja, aquelas árvores assim, tudo desenhada... Eu falei assim: isso aqui é uma verdadeira obra de arte, não precisa nem de moldura... (22)

OBS 1: Fêz-se uma longa pausa. Após um tempo, sinalizou com as mãos que havia terminado seu discurso. Perguntei então: "Quer completar alguma coisa?" Ela consentiu:

"Lá no Curumim foi... todo mundo pra mim é especial, porque foi tudo... a amizade lá era grande, todo mundo se divertia, todo mundo era alegre. Cê nunca via cara de triste em ninguém. Todo mundo se divertindo. Até que o, as minhas melhores amigas eram a Gigi, era a Maiara, os meninos, os meus melhores amigos eram o Luquinha, o Luís Fernando, o Biel, um monte de gente assim... Agora, as minhas amizades assim que eu era mais... conversava bastante, assim, era o Gabriel, a Giovana e a Maiara e o Nicolas. (23) Porque o resto era 'oi, oi', 'tchau e tchau' e nunca mais, e depois não via mais.

Eu já disse tudo...

Eu aprendi um monte de coisas e vou levar pro resto da minha vida. Até que eu ficar velhinha assim... passar tudo pros meus netos, pros meus filhos, um monte, até mesmo pro meu marido, pra minha mãe, pro meu pai, um monte de coisas."(24)

OBS 2: Nova pausa e novo sinal de que havia acabado. Perguntei: Doeu?

"Não. Doer não dói.

O que é diferente é assim, que é a hora do lanche. Que na escola é mais cedo, assim.

**** Pássaro em dobradura japonesa. Significa paz e amizade.

**** Instrutora de atividades da Internet Livre do SESC Araraquara.

No Curumim era mais, era 4:30 e na escola é 3:30.

Ah, o diferente é as brincadeiras que tem na escola. É... que nem, no SESC tinha vôlei, futebol e basquete. Na minha escola só tem o vôlei e o futebol. Porque basquete não tem as tabelas, porque as tabelas eles tiraram porque não tinha como pôr rede e as tabelas tavam entortadas. Aí não tem como... (25)

Muda tudo, assim, quando você muda pra quinta série muda tudo, muda o horário, muda os colegas, mudou tudo, tudo, tudo...

Até que teve uma amiga minha assim, que estudou comigo aqui no predinho assim que aí, que nós não se vimos da primeira até a quarta série.

Agora nós se reencontramos assim, nós falamos assim "nossa! como você cresceu! como cê cresceu!" ficava uma elogiando a outra. Até que agora ela tá, tá fazendo aula de inglês, conheço a mãe dela, o pai dela, conheço um monte de coisa assim, (?), até no Curumim, assim que, tinha pessoas que estudou comigo no prezinho, assim, que eu conhecia..."

1.3) Discurso III – Gabriel

Ah, o Curumim foi um programa que mostra tudo sobre, brincadeiras, é... artes plásticas, outras coisas, e a gente aprende muita coisa com isso que, vai nos ajudar no futuro também, e eles também dão umas viagens muito interessantes, pra lugares muito importantes pra gente. E isso que a gente aprendeu tem tudo a ver as coisas que a gente pode aprender ainda, mais, já, conhecer mais ainda. (1)

E essas brincadeiras aí que a gente aprendeu dá pra passar pra outras pessoas e também passar pra outras pessoas fazer o Curumim também, e aí fica mais interessante vai ser mais populoso assim. Todo mundo vai conhecer mais. (2)

É, o Curumim, não tem muita, muito preconceito assim, de alguém ficar brigando assim porque quer alguma coisa. Lá eles dividem bem as turmas e todo dia todo mundo se diverte lá, ninguém fica, ninguém sai de lá chateado. Lá todo mundo gosta de fazer as coisas. (3)

E... Lá também tem... tem, lá é bom também porque tem vários espaços pra fazer as coisas, lá. E lá fica uma monte de exposição no SESC e dá pra gente brincar bastante. (4)

Então é assim que o Curumim vai mostrando a todo mundo que é muito bom fazer... Curumim.

O SESC, também, é um lugar que às vezes tem pessoas que, que sai assim do programa Curumim, pra não ir pra outro lugar, no Curumim, vai pra outras coisas dentro do SESC. Aí, lá tem bastante criança que quer entrar lá e eles não podem faltar muito, assim do Curumim, se não eles podem tirar a pessoa e pôr a pessoa que quer participar e quer aprender mais, e não a pessoa que veio só pra fazer bagunça, essas coisas.

E o programa Curumim eles, os instrutores são muito bons, dão coisas muito boas, que a gente sempre aprende e todo mundo gosta de fazer, lá, todo mundo. E essas, os instrutores, eles, quando eu tava lá, eles eram, eles incentivavam as crianças a fazerem as coisas. Não era obrigado a fazer, mas eles incentivaram a gente fazer. Mas agora não sei como que tá lá. Eu acho que continua assim, E se continua assim o Curumim vai render mais e as crianças vão gostar mais ainda.

O... o Curumim tem também, eles fazem, tem uma atividade lá que é sobre jornal. E a gente faz, todo mundo dá tipo, uma opinião assim, faz brincadeira, é, charadas, essas coisas. Aí, no fim do ano, eles fazem um jornal mesmo, e o jornal chama, é Curumim, né? E aí, dá pra todo mundo, dá pra conhecer mais sobre programa Curumim, fala tudo sobre o Curumim, sobre as brincadeiras, tudo, fala tudo lá. E o que eu mais gosto lá também é as brincadeiras de

se movimentar. E lá também, nunca, sempre gostei de tudo lá. Nunca foi, nunca não gostei de nada, assim, sempre eu gostei de tudo que tinha lá. (5)

E todo dia tem... todo mundo tem vontade de sair da sua casa e de ir lá brincar.

Mesmo assim, outras pessoas que não fazem Curumim, eles ficam vindo pra falar assim, pra mãe que quer fazer também, que é muito bom pra gente aprender.

O programa Curumim, é... também, ele tem o objetivo de ensinar os adultos, as crianças, pras crianças ensinar os adultos também, pros adultos também, se não a pessoa, a criança vai lá fazer o Curumim e não fala o que aconteceu lá? Pra mãe também saber como que foi, como que é lá, se foi bom, se foi ruim, então isso também faz os adultos se interessarem também mais para o projeto Curumim. (6)

O, e também esse projeto aí também, faz acho que 5 ou 6 anos que tá fazendo sucesso, né? E aí, de, nenhum momento, no SESC, é, alguém não, desrespeitou o instrutor. Ninguém. Todo mundo se, se tem que fazer uma ou outra, eles sempre escolhem uma. Eles nunca falam: ah, não vou fazer, não quero fazer. Quando eu tava nunca teve isso e foi muito bom ter conhecido o projeto Curumim. (7)

E sobre, lá tem um, também, um programa sobre artes plásticas lá. E a instrutora também, lá, ela ensina cada coisa que a gente nem imagina que ela vai passar. E a gente aprende. E aí quando a gente quer fazer de novo ela dá outra coisa mais legal ainda, que a gente gosta muito mais e a gente nunca perde o prazer de fazer artes plásticas. (8)

E no fim do ano também eles fazem um teatro. E depois do meio do ano eles começam a ensaiar, já, já falando o personagem de todo mundo e já ensaiando como que é. E isso, os teatros são muito bons, ninguém erra quando vai falar, ninguém, e quando os pais vão ver todo mundo gosta, e é uma alegria lá na festa de fim de ano, que todo mundo tá reunido, e fazer, aí os adultos vão lá pra conhecer todas as brincadeiras e brincam, e é muito divertido pra gente mostrar pros pais como que é o programa Curumim. (9)

Lá passaram já vários instrutores. Lá passaram vários instrutores. E desde que começou, acho que só dois, dois ou três continuam ainda. Desde que começou só dois ou três continuam ainda aqui no projeto Curumim de Araraquara. Mas todo que sai, que entra no lugar do que saiu, sempre mostra que tem o mesmo potencial e vai fazer, tenta fazer igual ou até mais ainda do que o outro passou pra gente. (10)

E, também lá a gente nunca perde o prazer de ficar brincando assim, nunca, a gente não quer para de, tipo quando começa não quer parar. (11)

No final do Curumim, assim, lá eles também dão lanche, eles,... quando a pessoa parece que tá meio cansada, ou brinca, tudo, eles dão lanche. E quando termina essa refeição, assim, a gente faz um conjunto, assim, uma roda, e fala como que foi o dia, o que gostou, o que não gostou, fala o seu comentário. Dá notícia se vai viajar, se vai nadar também, porque lá tem piscina e a gente nada também, lá. Eles dão notícia, falam tudo sobre o Curumim.

É... E a maioria das, dessas viagens que a gente fez foi pra São Paulo. E São Paulo é uma cidade tão grande, né?, que agente fica surpreso de ter, de ver essa cidade tão grande que a gente nem imagina, é que, quando vai pela primeira vez, assim. Fomos conhecer vários artistas que passaram pelo Brasil deixando suas, seus, nasceram no Brasil e conquistaram o mundo com suas belezas.

E as viagens, também, eles fazem de ônibus. E os ônibus são muito bons, né? Bons para viajar, ninguém... quando no ônibus agente brinca, a gente canta. (12) E quando a gente tá meio cansado, às vezes outras pessoas dormem no ônibus, quando a gente vai viajar de noite, a gente dorme no ônibus e... aí, depois da brincadeira fica tudo um silêncio. Ninguém, ninguém fica gritando quando a pessoa tá dormindo, quando tá a maioria dormindo. (13) Ninguém cansa de, de ficar, se a viagem ser tão longa, ninguém cansa de ficar viajando, viajando, ficar conhecendo. Lá pode levar câmera pra tira foto de tudo lá, fomos em museus, um monte de coisa, fomos visitar outros SESC's, lá em São Paulo, e foi muito bom ter visitado

essas cidades, que agora eles fazem muitas viagens e pra outros lugares. (14) E lá no Curumim todo mundo é unido, lá. Ninguém se, é, briga assim por causa de negocinho. Todo mundo é unido lá. Todo mundo gosta um do outro, ninguém fica brigando com o outro por causa de alguma coisa. (15) E lá quem, quem quiser fazer atividade vai pra uma. E quem não quiser, não faz e aí, vai, sai do programa Curumim. Mas todo mundo, acho que todo mundo gosta de fazer isso e que, lá todo mundo, se diverte, não cansa de ficar brincando. E lá é muito interessante pra, principalmente os idosos que vão muito no SESC, vê como que é, a, como as crianças são bem recebidas pelo programa Curumim. Lá também, quem não gosta também de, que não tá num dia muito bom pra correr, assim, lá tem um, pra descansar, pra relaxar, assim, tem o espaço da biblioteca, que fica, pode ficar, tem um monte de revista, jornal, história em quadrinho, pode ficar lá, ficar lendo as coisas, ficar lá relaxando, e não se preocupando com a vida. Ficar só lendo, é, concentrado na história, e ninguém perde o gosto de ficar lendo, todo mundo gosta de ler lá no Curumim. (16)

Lá no SESC tem também, tem pessoas que, como a gente não gosta de participar do Projeto Curumim, tem pessoas que moram muito longe assim do SESC, e falam pra mãe que querem participar de qualquer jeito, que é muito legal, que não é só ficar aqui dentro de casa sem fazer nada, é, ficar, assistindo televisão, fazendo só essas coisas aí e sim aprender as coisas que vai ajudar no futuro, pra gente se quiser um futuro melhor. (17)

E lá quando a pessoa, e lá, teve um ano que a gente fez o acampamento lá no SESC. A gente dormiu lá no SESC e fizemos várias brincadeiras. De noite assim. Bem na madrugada assim. Aí, como todo mundo é esperto, ninguém se perdeu lá, ninguém se perdeu. Todo mundo ficou dividido em 4 grupos. Teve uma brincadeira lá - caça ao tesouro. Tinha que procurar um monte de pista no SESC inteiro. Aquele dia foi muito divertido. Foi muito legal. A gente passou o dia no SESC. O dia quase inteiro, assim. E foi muito bom ter feito o acampamento no SESC. E... (18)

No Curumim, lá também, não tem... é... quando a pessoa, quando a pessoa quer desenhar, assim. A pessoa quer desenhar e a outra, só porque a outra não sabe, o outro é bom pra desenhar e o outro não sabe desenhar, não é por isso que ele não pode desenhar também. Lá, lá, nunca teve isso de uma pessoa falar assim, ah, você não pode desenhar porque você vai desenhar negócio feio, você não pode desenhar. Nunca teve isso.

Se uma pessoa falasse isso, ia ser, advertido assim, ser advertido com, falar também, ou se a pessoa ia ser advertido com, ou não ia desenhar mais, ia deixar a pessoa que não sabe desenhar desenhar, ou ia tomar uma advertência e ia continuar desenhando. Mas nunca teve isso. Ninguém teve preconceito de ninguém lá. Só porque um é bom no basquete o outro quer jogar não vai jogar porque você é ruim. Cê não pode jogar porque você não sabe arremessar, cê não sabe fazer nada. Então cê não pode jogar. Nunca teve isso. Todo mundo que quis jogar sempre jogou. Sempre jogou e sempre participou das atividades do Curumim. (19)

O Curumim também ensina esportes, lá. Eles ensinam esportes. Eles fazem, é, você pode brincar de tênis, futebol, basquete, ping pong. Lá tem também jogo da memória, tem. É... mesa de jogo de botão, tem vários brinquedos lá pra se divertir, e lá tem um espaço tão enorme que a gente, corre, se diverte muito, sobre tudo, sobre esportes a gente aprende, quando a gente aprende a gente não quer, quando a gente aprende essas coisas que o Curumim dá pra gente aprender a gente nunca desiste, assim. Quando tá bem no começo, só porque você foi, foi, por exemplo, como o pega-pega, se você foi pego você vai para de brincar. Aí, aí não tem motivo pra brincar. (20)

No Curumim também eles dão a piscina pra gente nadar. Lá não é... é quase uma vez por mês ou duas vezes por mês. E lá sempre a gente vai numa piscina. A gente brinca na piscina sem muita violência assim, deixa a gente brincar um pouco. Depois eles... depois eles dão umas atividades na piscina, pra gente ficar brincando e ninguém briga um com o outro

também, na piscina, sempre muito legal ficar na piscina. Depois eles dão mais um tempo livre pra gente, é..., mas ainda livremente. (21)

E também, lá na piscina, tem muita gente que, e quem não quiser nadar no dia da piscina, fica fazendo outras coisas, né? Ficam lá com a Andréia, né? e ela passa outras coisas pra pessoa que não quer nadar. Mas as duas coisas é muito interessante. Dá... era bom fazer os dois, né? na mesma hora. E é muito bom. A criançada gosta mais de nadar, né? Então aí fica poucas pessoas também pra fazer essa atividade.(22)

No Curumim também tem a festa dos aniversariantes. Lá todo mês tem a festa dos aniversariantes. Todo mundo que faz aniversário neste mês é, ganha, faz a festa, né? Faz uma festa. Todo mês faz. E a gente que prepara as... os preparativos pra festa, as comidas pra festa. Tem várias coisas, bebidas, bolo, tem muitas coisas e a gente gosta muito dessa festa dos aniversariantes, que, é muito importante pra, por exemplo uma pessoa que não tem aniversário na casa dela, tem aniversário no SESC.

Lá também tem um espaço sobre a internet. Lá também pode ir na Internet mas não é todo dia. Tem acho que três ou dois dias pra gente ir lá e ficar na internet navegando, lá, e ficar vendo as coisas, ficar sabendo das notícias, e lá, pode, tem um tempo também, né? e pode ficar brincar brincando, se diverte muito também, e lá é muito interessante também porque lá, os jovens que não fazem vão muito lá.(23)

É... lá também quando a gente, uma vez a gente fez uma câmera fotográfica com lata. Tinhas os ingredientes lá, da pra fazer uma câmera, câmera fotográfica, e saía foto preto e branco. Mas era muito divertido, todo mundo quis fazer, todo mundo trouxe pra mãe ver as fotos, e foi muito interessante é... essa atividade fotográfica. (24)

E a brincadeira que eu mais gostei e as pessoas mais gostaram lá de correr, assim, foi o fugi-fugi, né? Todo mundo gostou, todo mundo gostava da brincadeira de correr, mas tem que correr muito se não você não consegue ganhar o objetivo da brincadeira. Mas a brincadeira é legal por que tem bastante gente que participa. E fica muito mais divertido e, é uma brincadeira que, acho que até, até o dia que for o Curumim vai continuar essa brincadeira e nunca eles vão cansar de fazer essa brincadeira.

Às vezes quando, é, tem dia lá no SESC que tem exposição. No SESC. Aí o projeto Curumim, eles passam pras crianças verem como que é a exposição. E todas as exposições que teve lá, foi todas interessantes, todas bem alegres. E lá no SESC eles tem muito teatro também lá. E a gente também vê, participa também do teatro, a gente acompanha o teatro e todo mundo gosta de ver as pessoas fazendo as brincadeiras lá no... as brincadeiras que a garotada assim lá, quando tá fazendo teatro.(25)

Lá quando os instrutores, os instrutores que foram embora, quando eles foram embora aí depois eles, quando tem alguma coisa assim, eles voltam também pra... voltam pra ver as crianças como que tão, eles nunca se esquecem das crianças que teve lá e falam pra outras crianças de outros projetos Curumins das outras cidades. (26)

Lá também tem o encontro pais e filhos, que é quase a mesma coisa que o encerramento de fim de ano mas não tem o teatro, né? é encontro pros pais e filhos. Lá eles fazem as brincadeiras com os pais, também, e é muito bom, e também tem comida lá, é muito, dá pra se divertir, lá o espaço é muito grande, dá pra todo mundo se divertir e... lá todo mundo no encontro pais e filhos, todo, a maioria das crianças vão, e os pais, os pais também vão, né? aí fica muito mais legal participar desse encontro pais e filhos.(27)

O Curumim também é bom porque só ensinar essas, não é só ensinar essas brincadeiras assim. Eles contam também um pouco da brincadeira como surgiu, como que, que foi, né? quem criou, aonde foi criado, e, a gente fica sabendo mais do esporte que a gente tá praticando, e que essa pessoa foi muito boa por ter criado esse esporte no mundo, né?(28)

E lá em, o projeto Curumim é muito coordenado lá, tem uma coordenação boa, lá, né? lá eles, todo dia, todo dia eles tão lá acompanhando como que é, ninguém vai lá e deixa as

crianças fazerem lá, deixa eles lá brincando lá. Todo mundo vai ver como que é também o projeto Curumim.

E lá também, quando as pessoas vão, lá também tem, pra identificar a pessoa assim, eles fazem o crachá, o crachá pra todas as crianças, né? aí quando eles chegam no Curumim os instrutores dão o crachá pra gente, e a gente fica o dia inteiro com o crachá e só no fim do dia que a gente entrega pra eles que no outro dia a gente vai pegar de novo.

É... lá também tem muita, muito concurso, eles fazem concurso entre as crianças lá, sobre, ah, sobre imitar assim, quem imita melhor uma coisa, quem faz ou imita uma música. Lá todo mundo também gosta de fazer imitações. Quem não gosta aí fica vendo só as imitações.

E lá também, é... tem bastante crianças, lá também tem acho que mais de noventa crianças, ou menos, não sei, lá tem noventa. Aí, mas tem uma fila enorme de espera ainda que tão tentando vaga pra fazer Curumim. E..., lá se fosse... se desse, todo mundo, pôr todo mundo lá, mas como é muito o número de crianças não dá pra ter o controle dessas crianças.

É, lá também tem, tem um... um tipo de um agrupamento assim que eles agrupam várias crianças pra fazer é... atividades. Uma atividade que precisa de muitas crianças eles agrupam assim e vão escolhendo as crianças pra agrupar, na brincadeira, pra brincar na brincadeira.

E lá tem pessoas que, tem crianças que vem, não de tênis assim, eles vêm de sandália, ou de chinelo, e às vezes não dá pra brincar nessas coisas de atividades de correr. E quando a pessoa vem assim de chinelo, na primeira vez eles falam mas, se na segunda vim de novo aí, eles não podem entrar na brincadeira.(29)

Lá não tem também, não tem, por exemplo, a pessoa que for, não tem uniforme, assim. E se a pessoa quiser ir com qualquer roupa vai. Por exemplo, se um menino for com uma camisa rosa assim, ninguém fala assim, ah, cê tá com uma coisa rosa, né? falando essas coisas assim. Ninguém fala isso porque tem a roupa que tem, né? e todo mundo vai do jeito que quer, e todo mundo não tem preconceito também sobre essas coisas de cor assim.

Lá tem umas crianças também que não entende direito as coisas que, que os instrutores falam assim. Eles não entendem, eles não, as crianças assim, tipo, não obedecem. Mas depois, quando eles não obedecem, eles sabem que eles tão errados e vão lá e pedem desculpa falando que eles tavam errados e que eles vão, não vão mais fazer isso e nunca mais vai ter isso com eles.

Lá também as brincadeiras, também não só por causa que um moleque é ruim ou bom mas também por causa da idade, né? só porque a pessoa é pequena assim, que não pode jogar também. Mas também é muito é bom pra gente brincar com crianças que também querem aprender, que vieram pra aprender também não só eles que querem brincar, que acham que eles é dono da quadra. Mas nunca teve isso. Isso nunca teve.(30)

Lá os equipamentos pra a gente brincar nas brincadeiras é muito bom, os equipamentos. Lá são muito bem oferecidos, as coisas são muito boas.

Ninguém deixa de brincar só porque... só porque a pessoa fala que não pode brincar que ela, não deixa mais de brincar. Ela vai falar com ele e se não quiser não faz, mas aí, não quiser que ele não joga não joga, mas ele vai lá falar com o instrutor e aí o instrutor vai e vai deixar porque não é só ele que quer jogar, tem mais gente também que quer jogar.(31)

E lá, é... quando as pessoas, por exemplo, uma pessoa tá no Curumim e ela passa pras crianças da escola assim, que tão fazendo Curumim, né? como que é o Curumim. E as crianças se interessam e vão lá fazer inscrição. E lá tem várias crianças da mesma escola, assim. Todo mundo quase da mesma escola, todo mundo que vem assim reunido da mesma escola e se torna ainda que eles, é... falem mais, se divertem mais no Curumim. (32) Lá também tem pessoas que, que põe apelido nas outras crianças e as crianças não gostam. E eles continuam falando isso, né? aí quando eles não param, aí tem que tomar uma atitude e falar

com os instrutores e aí sim que a coisa pára de acontecer e não, e as pessoas não pões mais apelido na pessoa. E lá também, é... todo mundo tem uma coisa de bom assim, né? todo mundo faz a coisa certa assim, ninguém faz a coisa errada sempre nas atividades, nas atividades de esporte, plásticas, assim, tudo, eles sempre prestam atenção e nunca desobedecem a ordem do instrutor. E os instrutores nunca, quase foram, não foram muito rígidos, assim, nunca gritaram, só deram ordens, assim... deram ordens.(33)

Ah, aprendi, aprendi coisas assim, é..., é artes, fundamentos para desenhar, a pintura, fundamentos, assim, pra gente ter mais o, mais a coordenação pra gente aprender mais assim, sobre artes plásticas. Esportes também, aprendemos muitas coisas de esportes, assim, futebol essas coisas assim, a gente aprende muito. As pessoas não conheceram assim essas brincadeiras, muitos... brinquedos, assim, que ninguém conhecia, ninguém sabia, né? E também lá tem uma parte que fala também sobre o corpo humano assim. Lá também a gente aprende muito também, aprende sobre todos os órgãos assim, que a gente tem no corpo. A gente nem sabia que a gente teve, aí mostra como que é, mas nem, nossa fala assim, aí, nossa eu tenho essa coisa aí. Fala então, lá, todo mundo, todo mundo gosta de aprender essas coisas.(34)

Lá o... o Curumim também tem instrutores né? tem instrutores mas não só de um sexo assim, são homem e mulher. E todo mundo, lá, todos são iguais, ninguém é melhor que ninguém, os instrutores lá são muito bons, e não importa se seja homem ou mulher todos são muito bons.(35)

Tem umas crianças também que fazem coisas erradas, quando dão duras, aí a instrutora dá dura eles não ouvem assim direito. Mas aí eles continuam fazendo as coisas, todas as coisas aí tem que tirar ele do Curumim e pôr uma pessoa que não faça isso porque já falou um monte de vez e ele não aprendeu, e se não aprender aí tem que tirar também.

É, lá no Curumim teve já briga assim, mas não briga de dá murro assim, briga de discutir assim, e essas brigas, mas depois a gente só, isso resolve e fica normal assim. Ninguém desiste só porque essa pessoa tá ali eu vou parar, não vou fazer mais Curumim. Ninguém desiste de... ou pára de fazer o Curumim...(36)

É, lá também eles nunca, teve desorganização. Eles são muito bem organizados, todo mundo se organiza bem, ninguém vem lá só pra fazer bagunça. Todo mundo é bem organizado, lá todo mundo é bem certo e... nunca, nunca, sempre foi assim, sempre foi assim.

1.4) Discurso IV – Willian

Ah, o Curumim foi uma... foi um projeto bem legal, tanto pra mim quanto pra Lílian né?, e... que lá eu aprendi bastante atividade nova, coisa que eu nem imaginava que existia né? É, as atividades, brincadeiras, bastante coisa bem interessante, né? As comida que a Andréia ensinava a fazer, né? Dia de festa de aniversariante, aprendi, é, fazer novos amigos, né? Também... os teatros também, de final de ano, que era bem legal, né? Eu adorava fazer os teatros, as danças, a festa junina também, né?(1)

E os instrutores também, bem legal, bem legal, os estagiários que vinham, né? Pena que teve os instrutores que saíram, né? A gente... eu senti bastante falta, mas aí depois entraram outros, aí deu pra matar um pouquinho a saudade, quando vieram.(2)

Aí, não sei mais, só que ele é, foi bem legal, gostei muito, gostaria de fazer de novo, se houver uma vez mais tarde, um horário que eu puder ir, gostaria de fazer outra vez.

Foi um projeto bem legal, e eu agradeço aos instrutores, e você que falou pra mim entrar logo no comecinho.

Não sei mais o que falar...

Foi também bem legal o jornal que a gente fazia todo ano pra entregar no final do ano pros pais e tinha todas as atividades que a gente, que nós fazíamos lá, né? Também era legal a

hora do... das atividades, e era a hora que eu mais gostava, né? Porque, ir lá, aprendia coisas novas, fazia desenho, né? A Andréia ensinava bastante mosaico, né? Fazia desenho no horário livre, né?

E as brincadeiras também que ensinava, né? Bastante legal. Nunca tinha visto nenhuma dessas brincadeiras, aí eu comecei... aí eu gostei delas, né? Bem legal, educativas, nada que incluía violência nelas, né?

As festas, também, os aniversariantes era assim bem, bem legal. Mesmo assim, também, que a gente fazia assim parte das comidas que tinham, né? a gente fazia, né? As mais fáceis, né? E aí eu já aprendia a receita e fazia a receita sem mexer no forno, né? A receita que a gente mesmo pode fazer sem precisar, assim, metade da ajuda da mãe, do pai, de algum responsável maior, né? e... (3)

As pessoas, também, de lá, também, bem legal, os curumins, né? Todos... Eu acho que todos foram minha amiga, meus amigos, né? Mesmo aqueles que gostavam de bagunçar um pouquinho eu falava, conversava, nunca tive inveja por ninguém lá, e... por isso que eu acho que todo mundo acha gostoso de ir lá, né?

Eu fiquei com muita saudade quando eu saí de lá, né? No começo eu fiquei meio triste, assim, depois foi indo, eu ia lá de vez em quando, quando não tinha aula, ou tava de férias, e quando eu ficar de férias eu vou lá, aí de vez em quando eu via os instrutores lá, eu ia lá, falava oi, conversava, e..., e aí já matava um pouquinho a saudade.(4)

As cartinhas também que a gente mandava um pro outro, bem... é legal tb essa idéia que a Elaine fazia, né? Mandar cartinha, a gente escrevia e mandava um pro outro lá, na hora da roda, que agente pegava...(5)

A idéia do ajudante pra... quem se comportava assim a semana, pra ser ajudante no final de semana, e na semana inteira, e... também as festas, o encontro pais e filhos, né? que é pros pais verem também o que que a gente tá fazendo, eles também vê é, um pouquinho que a gente também faz e eles também fazerem todas as atividades, essas coisas.(6)

As atividades deles também bem legais, dos instrutores, né? todos eles. Bem legal as atividades...

Acho que é só, que eu lembro agora.

Eu aprendi... Bastante... bastante coisa bem interessante, é... como fazer... mexer um pouquinho na Internet, né? Nas atividades da Talita ia lá na Internet, o grupo, é..., também, fazer o jornal, escrever as cartinhas, né? Mandar um pro outro...

Aprendi também as... bastante as brincadeiras, (7) e o mais importante que eles também ensinaram também é a fazer novos amigos, né? Sempre tá fazendo mais amigos, é... ter amizade com todo mundo, é...(8) se, em vez, a gente quando tá bravo com alguém em vez de já ir xingando, já brigando, querendo bater, não, pra gente sentar, conversar, é, dá alguma assim, como é que eles falam lá no Curumim, é... como é que eles falam? Acho que é... esqueci como é que eles falam ... quando a gente faz alguma coisa errada que que eles falam? É... consequência! É isso! Não, aí, dá alguma consequência pra eles. E foi também que eu aprendi bastante. Porque antes já... eu ficava bravo já ia brigando, já ia querendo bater. Não. Agora, agora é assim, vai lá, conversar, e, também respeitar as pessoas, né? As pessoas mais velhas, as pessoas mais jovens também.(9)

Aprendi fazer bastante coisa com material reciclável, né? Que a Andréia falava, fazia a gente fazer. Aprendi a fazer objetos, brinquedos com material reciclável. Tanto que ela também fazia oficina no final de semana e que eu também ia de vez em quando. E é isso. Pelo que eu lembro agora também é isso, Rê.(10)

Isso que eu aprendi também. Novas brincadeiras, aprendi também a fazer novos amigos... É só.(11)

Aprendi também que temos que ajudar as pessoas, né? Quando elas tão com dificuldade a gente tem que ajudar elas, né? Procurar solucionar o problema delas, né?

Quando elas tiverem algum problema... Não ser, como diz, ser dedo duro, né? E ficar apontando os outros que não fizeram nada, ou tá sabendo e já ir dedurar...(12)

Agora não vem mais nada na cabeça. Acho que é só.

1.5) Discurso V – Kauan

Ah, o Curumim pra mim é um programa muito legal, onde eu fazia muitas atividades, fiz muitos amigos, é... e eu, quando eu não tinha nada pra fazer eu passava o maior tempo lá, brincando, onde eu tomava lanche, é... fazia atividades e tinha o horário livre ainda. É tinha os instrutores, é... que mais que eu posso falar, lá era um lugar que tinha regras, e quem não cumpria regras infelizmente tomava uma... Ai, como é, esqueci o nome... consequência, tomava uma consequência. (1) Só. É só isso que eu me lembro. Só.

Eu gostava da hora do lanche e do horário livre, e das atividades da Andréia. E eu não gostava quando eu tomava bronca, né? E o tempo que eu fiquei lá foi muito legal, né? Fiz bastante amigos, fiquei bastante tempo lá. E eu só lembro disso...(2)

Eu aprendi bastante coisa, eles me ajudavam na escola, é... ajudavam com os deveres de casa, e só... (3)

Eu gostava do encontro de pais e filhos e do encerramento do Curumim também. Que a gente fazia um monte de atividades, fazia apresentações. Só...

Ah!, lembrei do acantonamento, quando nós dormimos lá, fizemos um monte de brincadeiras, ficamos acordado até tarde e acordamos bem cedo... (4)

Ah, eu lembro mais ou menos, eu aprendi fazer mais amigos, agora é mais fácil de fazer amigos. (5)

É só isso que eu me lembro, de lá. Ah, das atividades lembro que nós fazíamos oficinas, fazíamos atividades físicas, nós fazíamos leitura, nós fazíamos o jornal... (6)

Só. Que eu me lembro, é só. Cinco anos eu fiquei no Curumim...

As viagens, nós brincávamos no ônibus... Aí, nós viajamos pra um monte de lugares. Nós íamos a Museus, é... museus, nós íamos em outros SESCs, em outra cidade, e era legal porque nós brincávamos bastante. E eu aprendi várias brincadeiras.(7)

Só.

2) DISCURSOS DAS MÃES

2.1) Discurso I - Ana Paula

“Hã... assim, quando eu fui fazê a inscrição da Giovana, a Giovana já participava de um outro programa... só que era um programa do qual eu não... no qual... eu... eu trabalhava... mas, assim, a Giovana muitas vezes não queria ir, né?”

E aquela coisa de ficar na avó e tal... tem que ficar levando... quem sabe, no SESC ela vai, né? A gente sempre gostou muito de participar das atividades do SESC, um... um lugar assim super agradável, e assim... ela preferiu, né?”

Depois, continuar no Curumim... hã... e... e conversando com algumas pessoas: ‘Ah, a Giovana num... num vem mais?’ Falei: ‘Não, a Giovana... tá no SESC agora, tá participando, tá freqüentando’... e... e eu acho que ela se identificou muito, né? com as pessoas, na verdade. As pessoas que fazem muito o perfil do programa, né? E o envolvimento, esse... hã... esse elo mesmo, né? Das pessoas, dos profissionais com as crianças, elas não estavam lá só talvez pra cumprir o horário, mas... que tem um envolvimento maior... e assim, na rede, hoje, a gente sabe que não são todos os profissionais que tem essa disponibilidade, né? Então, eu... eu acho que... que foi isso que levou a Giovana a optar pelo Curumim, né? Eu sempre deixei ela muito à vontade... confio muito, né? No programa, nas pessoas... (1)

Quando a Carol não fazia parte do Curumim, tinha uma babá aqui em casa... então, assim, a Giovana poderia ficar com a babá, ficariam as duas... ‘Não, mas eu vou pro Curumim’... ‘Ótimo!’ Então... a gente, a... organiza o transporte pra que você possa participar mesmo das atividades... e... e tem um enriquecimento, né? A gente percebe isso, a questão de... por a Giovana ser muito tímida, eu acho que ela... ela se soltou mais, (2) a questão das amizades, os vínculos a... maior amiga dela, hoje, né? é uma, não está mais no Curumim, mas a gente ainda tem uma ligação, a gente conhece a família, e ela encontrou essa amiga lá, né? Foi alguém com... com quem ela se identificou muito, e assim mesmo, né?

Ela vai de transporte escolar, os amigos da perua também, né? Mo... moram aqui perto e... eu acho que são momentos importantes pra eles, né? (3)

E sempre contando, quando vem mais cansadinha a gente procura saber como é que foi, como é que não foi, né? Mas assim... hã... eu sinto que elas gostam, a Giovana sempre gostou muito...

Teve um período que... ela pensou em parar de freqüentar, mas em função das sobrecargas de tarefa, né? Sempre foi uma menina muito responsável... e... então, assim.: ‘Eu tenho que dar conta da minha tarefa, então, nesse dia, eu não vou pra dar conta da minha tarefa!’. Porque, realmente, ir pra lá e fazê a tarefa é... é difícil, né? Com todos os estímulos e com todas as crianças perguntando e então: ‘Mãe, hoje eu precis... preciso ficar pra dar conta da minha tarefa’... né? Agora, mesmo na quinta série, assim... ela tá indo com mais freqüência. Naquele momento eu até falei: ‘Olha, você precisa decidir’, né? ‘Ou vai dá conta de fazê indo mais vezes ou não!’ E eu acho que serviu até como um toque pra ela assim, ser mais rápida, não ficar, assim, aquela coisa morosa, que uma... pode levar a tarde toda. Na verdade, se tem um interesse em ir, ‘Oh, então vamo agilizar, no horário do almoço dá pra fazê um pouquinho, chegô a noite dá pra... pra fazê mais’, enfim... e eu acho isso, hoje... Esse semestre ela conseguiu dá conta e com notas boas, não teve problema não... e... que mais mesmo? (risos)

Hã... pra mim, né? Bom... eu gosto muito, acredito nas pessoas, nas atividades, coloquei um pouco daa... do desenvolvimento dela, né? As atividades que chegam, a possibilidade das reuniões, né? E mesmo dos encontros pais e filhos que a gente conhece um pouco da rotina, e aí... essa... metodologia mais democrática que é muito importante, né? Que a gente percebe a transparência disso, né? E isso é muito legal mesmo, né? À medida que as crianças organizam, né? os encontros, definem as atividades, né? (4) A possibi... a possibilidade de optar por uma oficina... ‘ah, eu tô fazendo teatro, num sei quem tá fazendo o jornal’... Às vezes o desejo da mãe num é bem o que a criança escolheu... mas, você guarda aquilo pra você... (risos)... ‘tá bom?, ah então tá!’, Vai fazê tal atividade? Que bom!’ Ee... e mesmo as atividades comuns aí que elas contam, né? (5) Chegam a... a me ensinar: ‘Mãe, olha, tem essa brincadeira que você num sabe!’ né? Elas falam às vezes: ‘Olha, vai lá ensiná pra suas crianças!’ (risos) ‘Olha, essa ela realmente não conhecia’, ‘Essa sim’ e tal... ee... (6)

A possibilidade das viagens também, né? Pras crianças esse contato, enfim, quando... hã... eles foram pra Brodósqui, né? Viram as obras do Portinari, tudo, aí chegou é... nesse ano, o primeiro desenho no caderno dela um assim... ééé... inspirado no cubismo... aí (risos) a professora: ‘Nossa!’... ‘Ah porque eu já fui, eu já vi a exposição do Portinari’... então, assim... ééé... toda experiência você carrega pra sua vida toda, né? E eu acho que isso sim é muito importante, o que o SESC oferece, né?... né? Que é uma forma de lazer sim, mas é o prazer associado com o conhecimento... e que hoje a gente sabe que tem que ser assim, né? (7)

Não adianta você... hoje uma pessoa me ligou: ‘Olha, hã... tem umas criança que não tão vindo pro reforço’, o que impede de ir, né? ‘No caso pra bebê nesse dia, tem jeito de você vir mais cedo’, mas tem um dia que eles não vão pro programa, e também não vão pro reforço, então, assim, o quanto o reforço tá sendo atraente, atrativo, né? E eu assim a... sempre, né?

A Giovana tá chegando da escola dez pra meio dia... dez pra uma... dez pra uma... a perua passa aqui uma e quinze... então, assim, trocar de roupa, almoçar, escovar os dentes, né? Pentear o cabelo e tal, e assim, ela faz isso em menos de meia hora pra ir pro SESC. Então, olha como é importante pra ela, né? E.. e eu não sabia se ela ia consegui, e ela tá lá todos os dias, tá indo, volta assim... um... muito acabada, mas porque também participô, porque brincô... né?... E... e agora uma apressa a outra: ‘Vamo Gigi, tá passando! Vamo Gigi, tá passando!’ E, assim, essa convivência, né? Da... das duas... em alguns momentos eu sei que elas não ficam juntas, né? Mas em alguns momentos propiciar isso também, né? Porque são irmãs, tem que conviver, tem que vê o outro lado, em casa a gente, né? Faz uma mediação, mas, eu acho que isso também acontece lá... eu acho, eu tenho certeza que também tem isso, né? Avaliar o quanto uma criança é menor, num grupo que você tá participando, o que significa isso, respeitar o interesse do outro, que ele pode tá precisando naquele momento... né? E isso também aqui em casa, hoje... ‘Olha, quantos anos a sua irmã tem, né?’, ‘Você também era assim!’, porquê que eles vão esquecendo... e agora com onze anos tem toda uma questão aí de puberdade e tal... hã... acho que é... acho que é isso” (8)

Que mais? Ah, mudanças apresentadas...

Então... eu acho que a Giovana ficou... hã... mais extrovertida, apesar de eu saber que nas atividades de roda ela não fala, porque ela diz isso, né? Às vezes, em alguns momentos ainda, né? Hã... ‘Giovana por que você não coloca isso na roda?’ Às vezes eu sei que uma outra pessoa acaba falando por ela... ‘Filha, precisa colocá, né? A roda é esse espaço’... ee... mas, assim, em casa, ela... ela conversa muito, tem as questões aí de... de sexualidade: ‘Mãe, olha, a gente conversou sobre isso’ e tal, né? Hã... acho que foi numa oficina do ano passado que durou um certo tempo... ‘é isso mesmo’... né?... o desenvolvimento como é que é... ee... e eu acho que abre mesmo, né? possibilidades aí, enquanto experiência... (9) hã... enquanto conhecimento, como é de uma forma lúdica, então não vai ser... também não é objetivo ser um atleta, um profissional, né?... hã... com... em relação, por exemplo, a linguagem, né? Então, tem todas as atividades aí de teatro, a expressão plástica, né? Então, são subsídios que a criança vai tendo pra formação dela, formação geral, né? Então, com certeza, assim, o desenvolvimento aí na hora de aprender uma música, audição, dicção, né? U... a parceria, integração, a questão de sociabilidade, né? Hã... os jogos, né? Acho que todos os momentos tem um aprendizado, com certeza tem, é que algumas vezes a gente num... num tem isso tão claro como na escola, né? Enquanto você tem que fazer uma prova que tem um... um determinado conteúdo que você tem que dar conta daquilo, mas é de uma outra maneira que os assuntos são abordados, através da interpretação que é muito melhor você entender aquilo do que realmente, né? Hã... escrever, fazer uma prova, um trabalho sobre aquele assunto, né?

E as histórias, as contações também, né? Então, o conteúdo que traz alguns autores... hã... acho que esse era o que a Andréia contou... hã... sobre... fez uma... uma contação sobre trabalho infantil. Então, assim, são conteúdos que chegam aqui, né? Elas me trazem, a Giovana me traz isso... e, são assuntos pertinentes, a questão do tema de cada ano, né? A importância deles, e eles sabem ‘Olha, esse ano a gente tá trabalhando com tal tema’, né? Esse ano... é... acho que é a questão do direito, né? de que toda a criança tem o direito de brincar e tal, e por isso que... que virou a... a história, por isso a história foi incluída na programação... e a gente percebe isso sim, né? Não sei se todos os pais conseguem perceber, mas eu consigo... hã... em função do que ela fala, do que ela, né? Diz porque eu pergunto, não só livremente, mas a partir do que a gente pergunta... ee... a questão de quando fez a máquina fotográfica de lata, né? Então, tem... tem um aprendizado sim, diferente do da escola, não dá pra ser igual a escola, né? Mas diferente...

Toda essa a... (tosse) esse movimento de educação em período integral, né? Com o Curumim eu consigo favorecer pra minha filha isso, né? O horário de período integral com atividade supervisionada... ee... elas falam do horário livre, né? Mas a gente sabe que também

não é tão livre assim, não é um livre como se você estivesse na sua casa, né? Tem alguns momentos e tal que precisa de uma opção, então... oferecer algumas atividades dirigidas, mas alguns desses momentos em que elas também possam optar, né? Pras coisas de interesse, e isso vai sendo despertado desde cedo... (tosse), pra que realmente seja bem desenvolvido, aprofundado em função de cada interesse... (tosse)... (10)

Agora, assim... algum tempo, né? Tô me lembrando... hã... da reunião de pais também, a questão das palestras que são importantes, né?

O... o ano passado, quando eles fizeram o ‘o Brasil, um país de todos nós’ alguma coisa assim, a... quando temática, né? Apresentação de que... hã... como é o Brasil. É um país de muitas raças, mas cada uma tem a sua identidade, então, isso foi muito interessante pra que as crianças conheçam, né? A questão cultural ali, assim pra, minimizar a questão... as questões de preconceito, né? De que... na verdade somos diferentes mas somos todos iguais, somos todos seres humanos, né? E sem dúvida é uma questão muito importante. (11)

A atenção, né? Com a parte dee... de higiene bucal, num é? Uma questão também que a gente precisa levar em conta, né? Que é... assim, a higiene fazer parte da sua rotina e a... a consulta, né? odontológica ‘Olha, você não tá cuidando bem dos seus dentes, precisa melhorar’, né?... hã... a gente foi chamado, na verdade a Giovana realmente tava precisando de aparelho, a gente já tava com um contato, foi colocado, não pelo SESC, mas a gente já tava indo atrás, mas talvez pra alguns pais que essas coisas possam passar despercebidas ‘Ó lá, precisa cuidar dessa questão também!’, porque a gente sabe, né? que muitas famílias, às vezes, não tem toda a atenção que necessita, e eu acho que é importante realmente tá dando alguns toques, né? Mesmo, né? Com a parte de higiene bucal.

Algumas pessoas com relação, né? à educação, relacionamento pais e filhos, então, são toques, são sugestões, são encaminhamentos que... que são muito importantes... não conheço muito bem a... a clientela de maneira geral, conheço um pouco só, mas eu acho que... hã... e esse olhar que o SESC tem, que o Curumim também tem é... é relevante, é sem dúvida...né?... entender ali como um ser inteiro, né? Que também tem uma boca, e que essa boca também precisa estar em boas condições. (12)

Bom, eu adoro o SESC, se eu pudesse, acho que eu ficava lá (risos) ficava muito mais do que realmente eu vou... porque, assim, a questão do ambiente, dos estímulos e... hã... a exposição, né? Quando você vai mesmo no final de semana que tem uma exposição montada, como aquilo te faz bem, né? Como aquilo te faz bem... mesmo... tô lembrando agora, né? do... do Mário de Andrade... é... trabalhar com conceitos, com literatura, né? De uma forma diferente que a escola faz. E, às vezes, isso é até mais valioso, né? Essa estratégia que é utilizada... hã... (13)

Há um tempo atrás, um período de férias teve ‘a volta ao mundo em num sei quantos jogos’, também foi uma coisa muito legal! É período de férias, né? No período de férias eu procuro deixá-las comigo, mas a gente sempre vai pra ver as atividades que estão acontecendo. Semana passada, nós fomos pra lá, passamos a tarde brincando lá na sala de jogos, né? (14) E aí, depois elas ‘Ai, a Andréia chegando’, já tinha... elas já viram a Andréia... ‘Ai, quero ir lá falar oi pra Andréia!... e depois saímos, aí estavam outros instrutores também... ‘Ai, quero ir lá falar oi pra eles’ e tal... então, assim, esse vínculo, né? Não é de... de alguém que tá ali disponível que a... que alguém com quem eles... elas podem contar, né? E... é... um assim, é um colega simples, né? É a mesma coisa, sentir assim como se fosse alguém, um amigo que eu me encontrasse e ia ter o mesmo comportamento, né? E aquela coisa assim, aí, vai correndo e dá beijo e abraço, então é um elo muito importante sim... (15) E... e estar no Curumim e ter um momento pra participar de algumas contações, né? Olha que legal isso, porque, às vezes, no final de semana num dá pra gente levar, mas estando lá, já tem essa oportunidade.

E hoje, a Giovana diz que ela é a... hã... veterana... que ela é a veterana, que ela é a mais alta, e ela se sente muito importante por conta disso, né? Eu achei que... hã... ela pudesse ‘Ah, os meus amigos saíram, também não quero mais ir’, mas não, para ela tá... tá sendo legal isso, e que bom, né?” E que bom!... né? Alguém que tá desde de 2001 e... e assim, eu acho que os momentos que ela consegue se colocar é quando ela é solicitada, né? porque, aí, são várias as experiências, e, às vezes, os instrutores pedem a confirmação dela: ‘Giovana, não foi isso que aconteceu quando’... né? (16) Por exemplo, o pessoal num... num sabia andar pelo SESC, e precisa ter uma aula de atitude: ‘Num foi isso que precisou acontecer?’, ‘Foi isso mesmo!’. Então, assim... hã... o quanto isso é uma colaboração e ela se sente importante por conta disso, né? De tá colaborando, e ter essas experiências também. A criança tem que ser valorizada, né? Cada uma a partir do que ela pode apresentar naquele momento, aí, o que ela tem mais interesse em participar, né? E talvez, o contato fosse diferente, né? ‘Tudo bem que eu já fiz’, naquele momento pode nem lembrar, mas não... não tá sendo dessa maneira, né? Essa experiência anterior tá sendo valorizada, e não tá sendo uma... uma questão assim de que: ‘Ah, vai repetir!’, né? E pra ela tá sendo legal isso, né? Chega toda empolgada. (17)

A questão das festas, né? As festas dos aniversariantes, e aí, tem assim no dia anterior: ‘Ah, que roupa que eu vou amanhã, porque amanhã é dia de festa’, né? (18)

E... hã... que não pode ir... hã... ir de sandália, porque tem que ir pra quadra e a questão da calça jeans que tem que evitar. Então, assim, são algumas regras pra vida, né? O que você pode e o que você não pode fazer e porquê, né? (19) Hã... apesar de... até precisei ligar... porque a... agora as duas, né? aí, uma dizia que podia determinada coisa e a outra dizia que não podia... e a ameaça assim: ‘Oh, você não pode ir’, ‘Você não vai poder entrar’ e... eu falei: ‘Bom, como é que nós vamos resolver isso’. E elas estavam num impasse... ‘Bom, peraí, vamo dá uma ligada, e aí vamo saber realmente como é que é’. E as possibilidades que você sabe que as pessoas estão lá pra realmente orientar, estão sempre disponíveis, né? É muito, muito bom!”

OBS: A coleta do discurso havia sido concluída e o gravador desligado. Porém, a conversa continuou informalmente e a mãe lembrou de outras coisas, reiniciando o relato. Solicitei permissão para religar o gravador e ela consentiu.

Ana Paula:

“Eu tô me lembrando agora de um... um... um fato muito legal que aconteceu, eu acho que a Giovana tava no primeiro ano de Curumim, e no final de semana a gente foi pra uma apresentação, uma contação, não lembro bem o que era. E fomos nós, né? E uma amiga com o filho ee... depois ali no final, ela encontrou um batom e falou: ‘Olha Giovana, olha que legal! Eu encontrei (riso) um batom’, aí a Giovana, muito rápida falou assim: ‘Ótimo, você encontrou! Então, leva lá na Central de Atendimento!’ (risos)... e o que... e aí, ela me olhou, eu falei: ‘Ó lá, isso foi uma resposta de um Curumim!’ Se fosse de uma outra criança que nem... não frequentasse, a resposta ia ser: ‘Ah, dá pra mim! Eu vou levar pra minha casa!’, alguma coisa nesse sentido, né? Mas... hã... são conceitos que eles vão aprendendo mesmo, num é ‘meu, tem um... um setor responsável por isso, então vai lá que se alguém procurar, vai procurar lá na Central de Atendimento’, então, a Giovana devia ter oito anos na época, e a pessoa trinta (risos). (20)

Ah, mas é difícil você lembrar tudo num flash só, né? Então, a gente puxa algumas coisas assim mais marcantes, e aí me lembrei disso agora, mas com certeza se a gente ficar aqui, muitas outras coisas... mui... muito importantes também a gente vai lembrar...

Espero eu ter contribuído (risos)...”

2.2) Discurso II - Rose

“Bom, foi tudo de muito bom, né?”

Foi tudo de bom, eu gostei muito. Serviu, né? prá várias coisas: a educação, o aprendizado, as coisas que aprendeu lá ela assessorava na escola, que as professoras também faziam assim, trabalhos dos temas que usavam lá, né? Aí ela já chegava lá e já tinha tudo... fresquinho. Aproveitava e ajudava a professora, explicava. Mas foi... é ótimo... (1)

Eu gostei e continuo querendo que tenha continuidade porque agora que eu acho que precisa bastante. Porque assim, pelo menos ajuda, assessora a gente a criar, na educação. Porque a gente ensina, a gente fala, mas uma outra pessoa mais estranha, vamos dizer, assim que a gente diz, estranha de fora de casa, ouve mais do que a gente. Mas foi bom, eu gostei.(2) Acho que tudo, né? Acho que ajudou em tudo, na alimentação, que aprendeu. Muitas coisas ainda não gosta, mas do que comia e agora do que come é... posso falar que é cem por cento.(3)

Dos amigos que fizeram... de tudo, acho que foi muito bom, pra mim acho que foi ótimo. (4)

Já não teve que precisar assim de parente, vamos dizer assim, porque às vezes sempre fala alguma coisinha, não precisamos depender deles, porque tava lá em boas mãos, e o que é mais importante, aprendendo. Se educando, né? Porque, deixa com tia, tia dá mordomia. Deixa com vó, vó deixa bagunçar, então fica sem rédea, sem...nada, sem hora prá nada...E lá não, né? Lá, tudo tem limite... (5) Prá mim foi bom. E eu continuo achando que... vai continuar, né? Eu já comentei com ela e ela falou assim: ‘mas só de sábado?’ Eu falei: ‘por enquanto. Aí depois vai ter as...’

E é bom porque eu acho que... lá tem profissionais, né? consegue trabalhar melhor. Às vezes a gente acha que tá sendo exagerado, às vezes tá achando que tá sendo pouco... e lá tem a dose certa. Eu acho que tá muito bom. Acho ótimo. (6) Que continue até na adolescência, né? Que é a fase mais difícil eu acho que essa daqui que tá agora. Que agora acho que... que eu acho que agora, que nem, eu não podia deixar ela sozinha, nem na parte da manhã, porque levanta a hora que quer, come a hora que quer, cê tem que ficar... já, a gente em casa, cê tem que ficar em cima prá escovar os dentes, né? Senão, deita, levanta, deita aqui (no sofá) e fica só televisão, televisão, televisão, então o... e a gente fica só de final de semana mais junto. Porque durante a noite, assim, agora chega e vai fazer tarefa, então cê só pega assim de noite: ‘vai escovar o dente, Taíse. É hora de dormir. Vai escovar o dente’. Mas se você fica o dia inteiro, você consegue controlar. Mas se fica sozinha, fica sem ... sem limite, mesmo.

Que a gente ouve o pessoal falar que o que tá faltando nas nossas crianças hoje, é o limite, mesmo. Porque ficam muito sozinhos. Se acham dono do nariz. Se você ligar aqui: ‘você já arrumou a cama?’ — a cama tá desarrumada ainda, mas: — ‘já’.

Tudo por causa, pra não levar bronca, mas que não arrumou, não arrumou (risos). Eu sei bem disso. ‘Já arrumou?’ — ‘Já’... Agora, se você tá ali presente e se você manda arrumar, vai arrumar. Não fica assim pra depois, né? Então eu acho que é importante. E lá, não. Lá não fica sozinha, né?

La prá escola de manhã, à tarde ia lá. Tinha quem olhava, quem cuidava, quem falava: ‘não é hora disso, não é hora daquilo, não é hora daquele outro’... E à noite tinha a gente. Então não ficava assim sem... rédea, vamos dizer assim, né? e agora você vê, agora fica...

Eu quero ver a hora que chegar a parte que voltar a estudar de manhã. E à tarde? Porque a tarde é muito mais longa... e não...

Tem outros lugares, mas não assim que nem o Curumim, que era praticamente das duas às cinco, era tempo, era mais de três horas. Geralmente, curso é muito pouco tempo... Vai fazer um curso, vai ficar quantas horas? Duas, uma hora e meia... E o resto vai ficar...

Mas eu achei bom. Pra mim... meu marido também achou que foi muito bom...

Só que, fala pra ela: ‘engavetou’ porque... tem coisas... é o que você falou... lembra, sabe. Tudo ela aproveita, até hoje ela fala que aprendeu no Curumim... que explica pras pessoas. (7) Só que o... algumas coisas, você fala assim: ‘nossa, será que esqueceu?’

A gente que ficou lá... ‘Olha meus cabelos brancos, de ficar em cima de você, Taíse! Eu perdi meu tempo à toa?’

Mas ... mas sabe que tá errada, sabe que... né? porque, eu acho, lembra mesmo. É o que você falou: lembra. ‘Engavetou’, mas lembra. Enfim. Mas isso, prá mim, foi ótimo. Foi muito bom. Vamos ver, agora, né?

Bom, também não precisou falar muito pra ela, se vai: ‘Vai ter, mãe?’ – ‘Vai’. ‘Ah, então acho que eu vou fazer’. ‘O pai dela falou assim: ‘Inda bem que você sabe vim de ônibus...’ (risos) Eu falei: ‘não, deixa que vai fazer, vai encontrar gente legal, vai tá lá’... Quem sabe ela não fala assim: ‘ah, vou fazer um esporte, mesmo agora, vou’... Porque a gente queria tanto que ela fizesse tanto alguma coisa de esporte, tô achando ela muito sossegada (risos)... muito sem... falta de motivação, não é? Viu? Porque eu sempre pratiquei esporte, fazia... participava pra Araraquara. Meu marido até hoje faz, entendeu? Ela gosta. Mas não que ela fale assim: ‘eu vou’. Vai lá, vai, faz... Não. E o que a gente queria é que ela fizesse alguma coisa assim, de esporte... Mas não adianta a gente querer, a gente gostar. É ela que tem que gostar. Vamos ver. Incentivo não falta, porque a gente tá sempre falando... Mas é isso aí. Foi ótimo. Pena que cresceu... (risos). Que cresce... não, porque cada fase é uma fase. Quando era nenezinho você olhava assim, falava assim: ‘ah, vai crescer’... Cresceu... Agora você olha assim, quando era aquela garotinha que tava sempre com você... Cresceu...

Agora, se você convidar, fala assim: ‘ah, mãe, lá?’ (risos). Não quer mais, né? E vai ser daí... Daqui a pouquinho vai ser só nós dois, e ela tá... A gente esquentando a cabeça, onde tá, onde foi, com quem tá, com quem foi... Mas espero que ela lembre de tudo o que foi explicado, passado pra ela aqui, que... se ela lembrar vai... não vai ter problema nenhum... eu espero, né? (risos) Vamos ver...

Mais alguma coisa? Ah, eu acho que é só, né? Foi o que, falei tudo, né?...

As palestras, né? que a gente fazia bom proveito delas, ajudava, né? Agora que eu acho que ia ajudar bastante, também como a gente lidar... porque na época eram os pré-adolescentes, né? Que ainda é, né? um pré-adolescente... Pra adolescência, mesmo, sabe? Eu acho... eu principalmente, eu acho que eu preciso de um... umas orientação, porque se começa assim... na minha época, eu não fazia isso... eu acho que isso não vira, sabe? Na minha época... Não que eu julgue ela assim, pra, porque minha mãe fez, porque o fulano fez, eu vou fazer. Só que a gente teria que aproveitar um pouco da educação que o pai da gente... que os pais da gente deram, então, eu acho que pra mim foi boa a educação que meu pai me deu, então eu ... você quer passar, mas eu acho que tá muito ultrapassada, o pessoal fala assim: ‘você tá muito velha, não é assim... (risos), você não tá acompanhando o tempo’, você entende?(8)

E pra mim, o tempo de hoje tá muito moderno, muito avançado. E não consigo encarar assim, deixar aberto, vai pra onde quer, volta a hora que quer. E aí começa a cobrança dela: ‘porque a mãe da fulana deixa, porque a mãe da beltrana deixa, e você não deixa’.

Aí eu acho que vinha aquele lado: se ela tiver uma cabeça boa eu acho que ela não vai mentir. Ela não vai pro lado errado. Mas e se ela se sentir muito presa? Eu acho que mente. Será que não? Eu acho que se ela se sentir muito *ecoada**, muito presa, vai dar umas escapadinhas assim, na base da mentira. Esse é meu maior medo... Sair, falar assim: ‘minha mãe não deixa. Se eu pedir, ela não vai deixar’.

* Acuada

Aí, você não sabe se é hora mesmo de soltar, deixar ir, ou não ir, porque sempre tem... Se você fala assim ‘ah, um dia ou outro pode’, aí começa, sabe? Se você deixar hoje, amanhã fala assim: ‘ah, mas você deixou ontem, por que não deixa hoje?’ - ‘Não, mas hoje, não’.

Ó, é muito complicado. E eu acho que hoje eu precisaria de um apoio, assim, pra... ver se eu tô fazendo certo, se eu tô fazendo errado... Porque sozinha você fica perdida. Porque tem mãe que é liberal. Eu vejo, eu vejo as pessoas assim... mas eu já não sou assim. Eu prefiro mais segurar do que soltar de vez, assim. E acho que vai ter tempo... A minha irmã, mesmo, sabe: ‘você segura muito e quando ela sair, ela vai querer tudo aquilo que ela não teve’. Mas eu já acho ela assim muito nova, muito pequena, eu não... não deixo. Não sei se eu tô certa, se eu tô errada... Por isso que eu falo, acho que lá, no SESC, que nem que tá tendo agora... eu não sei como é que funciona, né? Que... que, as palestra que eles vão ter... tem palestra também? Os monitores que vão auxiliar, que vão... Eu acho que acompanham, então você não vai... não vai ser tão difícil assim, né? Você... Eu falo assim, não vai ser difícil assim, porque... porque ela vai ouvir outras pessoas, ela não vai achar que só eu tô falando, só eu sou ‘quadrada’, só eu falo assim... ‘minha mãe que não deixa’. As pessoas vai alertar ela também, que é complicado...

Até o dia, mesmo, que você falou, eu escutei ela no telefone, falando com a minha amiga... com a amiga dela, que você teve aqui, que veio fazer uma entrevista... que a menina acho que ligou pra saber mesmo se ela ia no *shopping*. Ela falou: ‘ah, minha mãe não deixou... ah, acho que tem tempo pra eu ir’... (risos).

Eu lembro, acho que ela: ‘ah não, tem tempo. Eu não vou agora, não. Eu não tenho dinheiro’, ainda ela falou. A menina falou: ‘ah, mas não vamos gastar’... Ela falou assim: ‘ah, eu não vou não, deixa pra outro dia...

Não foi.

Então eu acho que... eu acho que ia fazer bem pra ela mesmo, ela ir, ouvir outras pessoas ver como é que é. Ah, eu acho que é ótimo. Eu gostei. Vamos ver. Lá ela ouvia as meninas, vinha falando: ‘ah, as menina falou que é assim, as meninas falou que é assim, mãe’. Eu falei assim: ‘ah, então é assim mesmo. Tá certo, elas... Então ela vinha comentando, porque às vezes perguntava opinião pra Alessandra, pra Andréia, e elas, né? opinavam, né? Não é como pedir uma opinião pra uma amiga que...né? Então eu ficava mais tranqüila, mais sossegada. (9)

Ah, eu achei ótimo. Fiquei muito contente. Eu achei que ia ser um negócio assim... quando colocou: ‘ah vai ser uns meses (risos)’. Durou bastante. Fiquei assim, bastante... não digo folgada, assim, porque eu sabia que tava lá, né? Folgada assim: tá lá, as meninas tão cuidando, não é assim? Mas eu fiquei bem tranqüila. Eu falei assim: ‘nossa, melhor do que... que se ficasse na minha mãe’. É só minha mãe. Só ia ficar vendo televisão. Que lá perto da minha mãe não tem criança da idade dela. E lá, não, né? E lá... a participação dela, ainda... a própria pediatra falou prá mim: ‘nossa, ela tá bem mais, assim’... porque ela ia na pediatra, ela não falava nem um ‘a’; então ela ia lá, entrava muda e saía calada. Aí, depois, não, ela começou a se soltar, chegava lá ela falava: ‘deixa que eu falo o que eu tenho’ (risos). A primeira vez, a pediatra falou assim: ‘Parabéns! Quê que tá acontecendo?’(10)

Aí, toda a vez que ia, perguntava pra ela do Curumim, ela falava, aí perguntava dos lanches, ela fala porque... ‘ah, sim, e o lanche?’ ‘ah, hoje eu só... eu pus só um pouquinho na boca, assim, mas não gostei’... suco de uva, assim... Mas hoje ela toma... ‘Ah, hoje deu não sei quê... ah, não, hoje deu pão com patê, eu não gosto de patê’... (risos). ‘Mas, patê é uma delícia!’ - ‘Não, não gosto de patê.’ Aí, ela falava. Toda vez que ia, ela especulava, e ela falava: ‘comi isso, comi aquilo outro.’ - ‘Gostou?’ - ‘Gostei’. Então! Tem que por na boca pra experimentar, porque nem na boca ela colocava. Não. Tem que experimentar, tem que... (11)

Agora, a última vez que nós fomos, ela falou assim: ‘Tá no Curumim, ainda?’ Ela falou: ‘tá, mas é só até o finalzinho do ano só, já tá acabando’.

Eu falo, falo pra você assim, ‘daqui a pouco você vai virar pajé. Fala pra continuar’. Aí eu falei assim, ‘é... vou falar, eu vou falar’. Aí eu falei pra ela assim, na época eu tinha comentado que tinha um projeto de ter... Ela falou assim: ‘é ótimo, né?, Rose, é bom deixar. Se continuar é uma boa’. Eu falei: ‘é uma boa’. Agora, ela nem foi.

Agora, quando menstruou, só ela falou assim: ‘Nó** , parou mesmo?’ Falei assim: ‘ah, parou, né?’ Porque agora acabou. Agora já deu a idade. Ela falou assim: ‘agora que ia precisar, né?’ (risos). Eu falei: ‘exatamente’.

Agora, quando voltar eu falo pra ela que tem, ela vai ficar contente também. É isso, Regiane. Eu gostei. O trabalho de vocês são ótimo. É muito bom. Eu acho que quem tem... quem tem criança, que eu vejo que fica aí, que nem, aqui no condomínio tem bastante que fica sozinho, que a mãe acha seguro... é que é longe, que nem todo mundo fala: ‘ah, mas é longe’... Falei, mas, é difícil levar, tudo, buscar, mas, acho que vale a pena...

Nós fomos três anos. Eu acho que... que vale a pena. E a Taíse também, mesmo que quisesse parar, não tinha como. Ela gostava muito de ir. E não faltava de jeito nenhum. (risos). Acho que faltou só três vezes. Uma porque a mãe do Murilo uma vez esqueceu eles, esqueceu as crianças lá. Porque era assim, nós combinamos de ela levar, o Valmir buscar. Aí começou... porque ela se ofereceu. A Taíse odeia... não gosta de chegar atrasada nos lugares. Chegava lá, ela falava assim: ‘já chegamos, já contou pro lanche, tudo, mãe, eu não vou mais’.

Eu falei: ‘bom, mas e agora, como eu vou falar pra mulher que ela não vai mais?’ Como que cê chega, né?, fala que tá chegando muito atrasada e a Taíse não quer mais... aí eu falei pra ela, eu falei pra ela: ‘ó, a Taíse tá chegando atrasada, Silvana’, porque ela pegava as crianças ali, mas ela ia passar num monte de lugar, e tudo. Aí ela falou também: ‘ah, também acho que as crianças não vão mais. Não tá dando certo mais pra mim. Tá muito complicado’. Aí ela ficou, graças a Deus! (risos).

Você lembra uma vez que ela chegou debaixo de chuva? (risos) debaixo de chuva... O pai dela falou assim: ‘Taíse, não vai dar’. Porque nós fomos trabalhar de moto. Aí ele falou assim: ‘Taíse, não vai dar porque eu tô de moto. Não vai dar tempo de eu ir em casa buscar o carro pra te levar’. ‘Ah, eu vou! Ah, eu vou!’

Aí parou a chuva. Acalmou a chuva aqui. Muntou e foi, quando chegou lá, tava um pé d'água... Mas ele chegou encharcado, aqui. Eu falei assim: ‘porque não trouxe a menina de volta?’ - ‘Não, ela não falou que queria ir?’ Eu falei: ‘e você largou ela molhada lá? As meninas vão falar que eu sou desnaturada! (risos) A hora que eu chego e vejo com aquela roupa! ‘Nossa Senhora, Taíse!’ Ela falou assim: ‘mãe, tava chovendo, lá!’ Eu falei assim: ‘tá vendo, seu pai não quis nem trazer cê de volta, que cê teimou tanto que queria ir’. Ele falou assim: ‘Não. Deixei ela lá do jeitinho. Ela não queria ir?’ Eu falei assim: ‘nossa, as meninas vão me achar tudo desnaturada.’ (risos). Chegou encharcada. Aí ela veio com umas roupas de lá, tudo... mas não falta, e não gosta de chegar atrasada.

Já pra mim foi uma grande coisa, assim; é isso aí. Não gosta, não gosta, aí foi. Aí só ia ela e Tiago. Aí o Tiago também desistiu. O Tiago desistiu porque começou tê, dividir em turmas; não podia fazer, que nem... acho que cortou a ... a brincadeira. Não tinha mais aquela hora de... porque a primeira hora que tinha umas crianças que fazia tarefa... Era o horário livre. Cortou o horário livre uma época, uma temporada; ele falou assim: ‘ah, eu não vou; não vou mais’. Eu falei assim, ‘mas Andréia, acho que ele não quer ir mais agora porque não tem mais... ele não pode mais fazer aquilo que ele quer’ (risos). ‘Você é esperto hein, Tiago?’... Aí também não foi mais. Eu falei assim: ‘e aí Taíse?’ – ‘Eu vou’. Aí foi só ela. Mas foi bom. Eu gostava. Eu gostava das reuniões, das festinhas lá do... do Pais e Filhos... Foi muito bom. Se

** Nossa!

eu tivesse outro colocaria (risos). (12) Não tem mais... Meu é só essa mesmo... Agora é só acompanhar essa daí... Mas foi bom.

Agüentar as criançada não era fácil não, né? Ai, ai... A alegria deles era fazer trezinho lá dentro. ‘Mas quem manda vocês correr? Bem feito!’ ‘Ah hoje teve que andar de trem’... E nós se matava de dar risada. Um e outro. Aí chegava aqui, porque tudo o que ela faz ela conta. Ela chegava contando o que aconteceu, o que não aconteceu. E aí aquele dia, ela chegava: ‘hoje nós tivemos que andar de trem no Curumim’... Porque ela já tinha falado: ‘mãe, se correr, nós vamos de trem. Se não’... Mas assim, ‘mas vai aonde de trem, né?’ Não é? Até então, né? Ela disse: ‘mãe, sabe aquele que a gente vai assim, no ombro do amigo?’ Eu falei assim, ‘Ah!, porque então, porque começa a correr e não pode correr.’ Eu falei assim, ‘ah’, eu vejo mesmo, porque quando a gente... viu: não corre, não corre. ‘Mas vocês, entra por aqui e sai por aqui’... ‘Então acho que tem que ser todo dia de trem. Até vocês ficarem bem grandes, assim’... (risos). Mas também o que é que tem andar de trem? Pelo menos toca o companheiro, põe a mão nas costas do companheiro, assim... ‘Ah, não mãe! Más dá vergonha mãe. Todo mundo fica olhando ‘(risos)... Eu falei isso aí. Eu acho que tá mais é certo. Até vocês aprenderem a andar como gente civilizada, assim, bem do ladinho, conversando, batendo papo. Não correndo, gritando daquele jeito. Ê, criançada...(13)

A festa junina que eles falavam muito também. Que gostaram tanto da festa junina e nunca mais teve, né? Os curumins... As mães das crianças que tão lá hoje é que tão contentes. Ai, ai... Mas tá bom. A minha aproveitou bastante... Nós também, com os ensinamentos, com as palestras, pra nós foi bom... Aquelas brincadeiras, né? Pra gente se conhecer, legal, né? Gostei também... Tudo. Tudo era muito bem organizado...(14)

Que mais? Acho que falei tudo já, que tem lá. Que eu falei tem tudo... Vocês tão de parabéns.

OBS 1: Parei o gravador após uma longa pausa. A mãe mudou de assunto, mas voltou a falar da filha e do Curumim. Liguei o gravador novamente.

A Taíse seguia sim. Fazia certo mas enquanto... parece que enquanto, eu não sei. Todo mundo diz que é a idade. É fase. Que é assim mesmo. Você conversa com as pessoas: ‘não, mas a minha também é assim’... Mas eu fico imaginando assim, mas foi lá, aprendeu, mostrou como que fica, como que vira, o que acontece, né? Era pra ela, né? Mas se você não fica assim: ‘Taíse, você já escovou o dente? Taíse, é, vc já’... Meia! Ai, eu lembro do chulé, gente! Do chulé que vocês falavam pras crianças: ‘nossa, que chulé!’ Agora ela põe, ela assim, ela anda... Porque eu não gosto de tênis sujo dentro. Eu acho que tem que, ah, vai pôr tênis, eu acho que tem que lavar o pé, pôr meia limpa e tênis. Aí, não! Você tira a meia assim: ‘Nossa, Taíse, quantos dias faz que você tá com essa meia no pé?’- ‘Mãe, pus ontem’. Mas só que andou pela casa. Queira ou não queira... A gente limpa mas... tem o pó. Fica com a meia tudo suja... ‘Taíse, você é menina, Taíse! Nossa, que vergonha... Já pensou se você... alguém pede pra você tirar o sapato no meio da rua, o que vai acontecer? Que vergonha pra mim, Taíse!’ – ‘Ô mãe, ninguém vai me mandar tirar o sapato!’

A escovação, a, a... Falei pra ela: ‘Cê num ouviu lá, as palestra, que viu lá? Como que fica?’ O Valmir falou assim: ‘Não. Deixa ela. A hora que coisá, ranca tudo e põe dentadura. Vai ficar uma beleza’ (risos).

‘Ê pai, ê pai’... Mas é a... Quer ver outra coisa que teve também, eu falei pra ela: eu falei pra ela: ‘Nossa, Taíse, lá ensina tanto... ah, quando a gente tá conversando, que vai entrando no meio da conversa. Lá ensina tanto a educação, como você...’ e quer ver outra coisa que eu falo pra ela também é... Os mais velhos, não é você, é senhor, senhora. ‘Mãe, isso aí era naquela outra época’... Falo assim: ‘mas lá no Curumim eu aposto e ganho que ensinou que com os mais velhos não é você, vai falando como se tivesse conversando com um

amigo da escola. O tratamento é outro, né Taíse?’ (15) Mas parece que não lembra, sabe? Tá acostumada a chamar os amigos: ‘ê, vem cá!, ô, vem cá!’

Eu falei assim: ‘o faz favor, dá licença, né?’ Tudo. Passa perto das pessoas... Às vezes eu passo: ‘Bom dia!’ – ‘Mãe, cê conhece? (risos) Mãe, cê conhece?’

Eu falo assim: ‘eu não conheço, mas pode ser meu amigo. Eu passo perto dele e: bom dia, boa tarde, boa noite. Lá não ensina no Curumim também que tem que falar?’ - ‘Mãe, lá falou, mas... Ah, não é só com os amigo da gente?’ Eu disse: ‘não! Tem que falar bom dia, boa noite, boa tarde pra todo mundo que passa na rua e vc encontra’. Às vezes as pessoas passam, ficam olhando você, você fala ‘oi’. (16) Você fala oi ela fala: ‘Mãe, cê conhece? (risos). Eu falo não, eu não conheço, mas...’ Eu falei, tá certo que você não vai poder falar oi pra todo mundo. Tem gente que é sem-vergonha, cê tem que saber. Que nem isso aí, são tudo senhores, senhoras, né? Cê sabe que... agora com jovem, aí cê tem que saber com quem cê tá falando oi, bom dia, boa tarde, boa noite, entendeu? Ela falou assim: ‘cê acha que uma mulher vai passar perto de mim, falar assim: ‘bom dia!’ e eu vou ficar ... (pausa). Eu tenho que responder o bom dia dela, né, Taíse?’ - ‘Humm’... Então. Tudo isso você aprendeu. Aposto e ganho que você aprendeu lá no SESC, lá no Curumim. ‘Mãe, aprendeu, mas... eu não conheço ela’ (risos).

É, mas é um problema a escovação... o dente é o que dá mais trabalho... E o banho, né? O banho, inda agora tá melhorando prá entrar. Que era muito duro pra entrar, agora tá duro prá sair. (risos). Eu lembro que teve uma palestra lá no ... uma palestra que teve e as mães falava assim: ‘o meu maior problema é o banho...’ Como é o banho. O banho é duro, na hora de tomar banho. A Taíse também: ‘Taíse, vai tomar banho’... ‘Mãe, já, já eu vou’. ‘Taíse, vai tomar banho’...

Ô Regiane, sem mentira nenhuma: ‘mãe, já, já eu vou’. ‘Taíse, vai tomar banho’. ‘Mãe, já, já eu vou’... Ela escutava o pai dela entrando... aquilo me dava nos nervo (risos). Cê num queira nem imaginar. Aquilo me dava nos nervo que eu tava, olha, cansando de mandar. O pai entrou, eu falei assim, daí ele fala assim: ‘Foi tomar banho, Taíse? Faz tempo, bem, que ela tá no banheiro?’ Eu disse: ‘não, ela entrou agora porque escutou o barulho da sua moto, porque ó (estala os dedos) que eu tô falando prá ela tomá banho’...

Aí teve uma das mãe que falava assim: ‘ah’, eu, falo assim, ‘se você não for tomar banho cê não vai não sei aonde’... Eu falei: ‘ah, eu não *breganho**** nada’. Eu não sou de *breganhá* nada.

É que nem na escola, ‘se você tira notas boas, você vai ganhar’... não vai ganhar nada. Tem que estudar, tem que estudar. Não dô nada. ‘Vai tomar banho que você vai ganhar um docinho’. Não vai ganhar nada. Tem que tomar banho, tem que tomar banho (risos). Eu falei, ‘eu não *breganho* nada com ela’. Aí, ainda o homem fala assim, o palestrante falou assim: ‘tem mãe que, daqui a pouco, a hora que fechar o ‘1,99’, ela tá perdida’.

Eu falei: ‘não, num dô nada’. Ela tem que saber das responsabilidade dela. Ela tem que tomar banho. Pra ela tomar banho eu vou ter que dar um doce prá ela?, Eu dô é um safanão nela (risos)...

A mãe que tava comigo: ‘nossa, cê vai dar?’... Não. Mas que dá vontade, dá, né, menina?

Eu falei assim, porque eu falo que dá, porque a gente não vai bater. Eu só mando. A hora que ela escuta o pai, ela ó... pro banho. E ainda ele fala assim: ‘você sempre estressada, bem’... Eu falei assim: ‘é que ela não faz’, né? Eu falo assim: ‘fico. Fico estressada porque eu mando, eu falo, parece que ela não me ouve, não, acho que ela abusa. Agora, com você, não. Cê não vai sofrer nunca de estresse, porque ela obedece tudo o que você fala, na hora’.

*** Barganho, troco.

Ele fala assim: ‘mas você dá muita chance, muita manha, cê fala muito, cê fala muito’. Eu falei assim: ‘é, eu falo muito’. Eu também acho que eu falo muito. Mas o banho... Agora, não. Só que agora o banho é assim, ó: levanta da cama dez horas, ela entra pro chuveiro... toma o leite e vai tomar banho. Se você não ficar assim: ‘Taíse, acabou?’ onze e quinze ela tá lá ainda.

Eu falo assim: ‘imagina se você cortasse cana? Como que você ia acontecer esse banho?’ (risos) ‘Acabou de levantar, Taíse’... ‘Ô mãe, to lavando os cabelo’... Eu falei: ‘muito bem’. Agora, prá entrar, tá fácil, agora, prá sair, tá duro.(risos) é, é isso aí. E, ó, eu acho que falou de banho, lá, porque que todo mundo falou de banho, falou, hein! Acho que falou assim, as meninas falaram: — ah, pode deixar que nós vamos pegar no pé deles, nós vamos falá prá eles. Eu falei: ‘ah, é bom mesmo, porque lá em casa também o problema é o banho’.

Chegava cinco e meia, deitava aqui, assistir Malhação. Ali ia, aí depois acabava Malhação: ‘mãe, vai passar não sei o que, mãe’... Colocava. A gente tem Sky. ‘Mãe, depois de passar não sei que, eu vou’. Aí eu falei assim: ‘ah, sabe de uma coisa? Eu não vou mais ficar esquentando minha cabeça, não’... aí o pai dela chegou aqui um dia e falou: ‘se eu chegar aqui e você não tiver de banho tomado ... o bicho vai pegar!’ Aí fala assim prá mim: ‘Ô mãe, que horas são?’ ‘Tal hora’. ‘Mãe, já tá na hora do pai chegar?’ (risos) A bicha é esperta! Eu falei assim: ‘daqui a pouquinho... Se ele chegar aqui e pegar você de cabelo molhado ainda, você, você ainda úmida... ela vai falar que você tomou banho agora. Acho bom você tomar banho’...

Aí ela ia tomar banho... mas banho... agora melhorou, mas o dente continua... tá lá ainda. Eu falei prá ela assim: ‘nós vamos levar você lá no SESC fazer o... é que agora tem fila porque agora cê não é mais do Curumim, demora mais. Se não eu ia levar lá você pro moço ver o seu dente, o seu dentista lá que você falou’, ela gosta dele. ‘Você vai ver’. Eu vô falá assim: ‘olha o estado do dente dessa menina!’ (risos). ‘Mãe, que que tem o meu dente?’ Eu falei: ‘tá amarelo. Dente não é amarelo desse jeito, dente é branco. Tá faltando escovação aí no dente’. Eu falei: ‘sabe o que você faz? cê faz assim, ó: dente, ó a escova; escova, ó o dente’ (risos). Mãe, quantas horas você quer que eu fique escovando o dente?’ Eu falei assim: ‘ô Taíse, você faz assim, ó, um prá cá, outro prá cá, outro prá cá e lava a escova... prá mim cê não escovou nada’... O pai dela fala assim: ‘não, deixa a hora que ela chegar prá falar perto dos outros, os outros fazê assim, ó’ (tampando o nariz) (risos).

Agora, quando ela chega, quando o pai dela chega, às vezes ela assim: ‘pai, vê se eu tô com bafo’ (risos)

Ó, eu sei que ó, não é fácil, não, viu, Regiane, mas enfim, vamo vê, eu vô esperá o que que vai dar, porque falar a gente fala. Ouvir, ela já ouviu bastante, também, já era prá ela tá bem craque do que ela tem que fazer e do que ela não tem. O Valmir falou, a pediatra falou, vamo entregar a Deus agora... (risos). E é o que nós vamos fazer, vamo entregar a Deus isso aí. Vamos ver... (risos)

(paro a gravação para virar a fita)

É, ela ia ficar com a minha mãe. E lá na minha mãe não tem criança pra ela brincar, não tem. Ela ia ficar lá trancada, porque na casa da minha mãe não tem nem vizinha, não tem assim, criança da idade dela. E com a minha mãe e ... e eu acho que vó, além de estragar um pouquinho, a minha mãe tem um jeito assim de... não ensinar assim, certo, sabe, que nem você, às vezes ela, chega contando alguma coisa e ela: ‘mas porque você não bateu nele?’ Entendeu?. Então ela ó, eles é daqueles lado assim que não é fala assim ‘não cê fica longe dele, se, se você vê que... não dá bola, escuta’. E a mãe da gente, a vó, fala assim: ‘ah, te xingou, xinga ele também. Porque cê num xingô ele?’ Então aí a criança começa a ficar... (17)

Eu acho que aqui você fala de um jeito, lá fala de outra língua, fica perdido. E tem coisas que ela chegava falando, o Valmir falava assim: ‘fala prá sua mãe’... Chegava lá falando: ‘não é prá senhora ensinar a Taise desse jeito, a senhora tá ensinando tudo errado!’ Eu falei assim: ‘nossa, isso vai dar uma confusão que eu não quero nem ver’. Aí eu achei ótimo, porque ela ia ter que ficar com a minha mãe. E não ia aprender nada. A não ser se chegasse comentando alguma coisa com a minha mãe, da escola, e minha mãe fazer com que ela tinha que ser igual os outros, fazer que nem os outros, não chegar em casa reclamando, falando; aí eu falei: ‘não, não é assim, não vai atrás da vó, que não é desse jeito’. Aí, ao mesmo tempo você vai tirar a autoridade dela, porque, prá mim, ao mesmo tempo que ela tava cuidando, não tava na rua, tava ali, né? mas eu falei assim: ‘mas a vó, o que a vó tá falando não pode fazer, a vó que que ocê briga com os outros, falar assim prá eles... escuta, você não gostou, sai de perto dele, vai longe’. Eu falei assim ‘ou então você não precisa xingar ele, fazê o mesmo que ele’. Aí, quando apareceu, que foi lá pro Curumim, eu falei: ‘pronto! Não vou precisar mais’. E depois, cê ter que falar assim: ‘ah, não fui por causa da Taise, senão eu tinha ido’...

Então você sente que você tá atrapalhando, que você tá estorvando, sabe. Aí eu falei assim: ‘ah, graças a Deus’. Aí eu falei assim. Aí a Taise aceitou, gostou, porque eu falei até então, eu tenho que esperar ela se adaptar, mas prá mim foi ótimo, se adaptou facinho, gostou, e outra, depois da primeira, já a primeira reunião que teve eu falei: ‘ah, acho que era tudo o que eu precisava. Caiu bem na hora certa. Bem na hora certa caiu’. Eu falei assim: ‘era tudo o que eu’... (18) Minha mãe falou assim: ‘não vai ficar mais?’ Eu falei: ‘mãe, não vai, vai pro SESC, agora’. Aí foi. Aí, depois que colocou lá, aí ela já não tinha mais nada prá fazer. Ela não tinha mais que ir em lugar nenhum. Que nem eu tinha... ela chegava ni mim e falava assim: ‘Rose, hoje não dá pra você sair mais cedo do trabalho, porque eu vou ter que ir não sei com quem não sei aonde’... e eu não podia ficar pedindo pro patrão todo dia: ‘posso sair, posso sair, posso sair?’

E lá não, lá cê sabia que você levava, né? a não ser que ficasse doente, alguma coisa, mas nunca aconteceu. Nunca, nunca, nunca, nunca. Aí eu fiquei bem tranqüila. Eu falei: ‘nossa! caiu bem na hora certa’. E foi bem mais proveitoso, né?, porque lá ninguém falava assim, ‘Não. Bateu, bate também. Mordeu, morde também. Xingou, xinga também’. A educação é outra, né?

Agora, se for ali, que nem, minha mãe, ela ensinou assim: ‘mas se bate, ela tem que bater, Rose, ela vai só apanhar? Só vai apanhar?’ (risos) Falei: ‘mãe, não é assim, porque daqui a pouco ela já começa a bater, sem ter necessidade. Daí eu é que vou ser chamada lá. Porque nunca ela me deu trabalho na escola, também assim com briga, bateu, apanhou, deu... muito pelo contrário, ainda as professoras da escola vinha falando, até dessa do que foi pro Picasso, ela trouxe cartão postal pra professora, é, a professora falou... ela explicou lá na frente porque ela foi lá, ela teve presente. Ela falou assim: ‘ah, como você é privilegiada, eu queria tanto ter ido, queria tanto tê ido, mas’... Nem pôs falta prá ela na escola. Nem colocou falta. Foi, aí chegou especulando todo mundo, aí ela falou, explicou, aí a professora deu um trabalho, que ia fazer um trabalho sobre isso, e ela falou assim: ‘Como você é privilegiada, eu queria tanto ter ido, cê viu coisas lindas, lá, né?’ Ela falou assim: ‘eu vi’. Aí explicou tudo prá professora, trouxe cartão postal prá ela, tudo, deu, ela falou assim: ‘ah, deve ser lindo, lá, né, Taise?’.

Então foram coisas que ela aproveitou bastante, bastante, bastante. E até nós, porque às vezes ela chegava comentando, falando. Até nós. Até bolo nós pedimos receita (risos). Tudo nós aproveitava. Não teve um bolo de milho, lá? Ah, nós pegamos a receita, a moça deu a receita prá nós, nós fizemos. Ah, nossa, uma delícia. Tudo. Nós aproveitamos tudo. Tudo o que a gente tinha direito. Foi ótimo. Até as receitas nós aproveitamos. Até nós aprendemos a... coisas que a gente nunca tinha comido, suco que deu lá, de mandioca, foi? Suco delicioso,

‘ah, mas que isso?’ Até nós, nunca tinha... que foi tudo lá da época dos indígenas lá, né? o peixe, ah, o dia do peixe foi muito, as crianças tinha que pegar as coisas assim... (risos) passava perto do bolo, aquele bolo lindo, maravilhoso, de fruta, e ia perto do bolo e tinha peixe. (risos). Eu falei assim: ‘nossa, as crianças não pode nem ver peixe, acho. Meu Deus do céu!’ (19)

Mas tudo, essa parte foi muito boa porque veio bem na hora que eu precisava, mesmo. Aí foi, depois já ficou grandinha. Agora já não, é esse ano, né?, que ela começou a ficar sozinha. O ano passado, até o ano passado ela foi. E esse ano, se a gente pudesse, que nem, se a gente pudesse optar pelo horário da escola, se o SESC colocasse na parte da tarde a parte dos treze anos prá cima, mas não tem... Fica ruim por causa disso, porque não tem. É só de manhã, mesmo. Todas as escolas. Só particular que é. O resto é à tarde. Quinta e sexta. E, vamo vê...

Tem mais alguma coisa que eu falei que eu não lembro? Acho que não.

2.3) Discurso III - Walderez

Foi o seguinte.

O Curumim, é, eu fiquei sabendo do Curumim através de uma cunhada minha que... de Bauru, que ela teve a filha dela... ela colocou a filha dela lá em Bauru, no Curumim, né? E, e assim, como eu trabalhava, né?, eu falei assim, e à tarde?, onde eu vou colocar o Gabriel, né? minha mãe mora longe, né?, minha sogra mora longe... e aí veio minha cunhada falando do Projeto Curumim, que ela colocou a filha dela, e que era muito interessante, pra mim ir atrás, procurar saber como que era. Aí eu fui.

Aí chegando lá eu me informei, como que era, tal, né? aí eu falei assim, será que ele vai se habituar, né? porque, ficar um tempo sozinho, tal...

Aí eu coloquei o Gabriel lá. Aí, no colocar ele, eu sentia que ele tinha a maior vontade de ir. Porque... Às vezes tava chovendo, ‘Não, fica em casa, né?’ - ‘Não. Quero ir no Curumim’. Porque lá ele encontrou amizade, encontrou, pessoas assim, coisas que ele gostava de fazer... Se tinha alguma coisa que ele não... Tem bastante opção, né? Se você não quer fazer isso, tem outra coisa pra você fazer. (1)

Então lá foi... que ele foi gostando, né? Que ele foi falando o que ele podia fazer, aprender, muita coisa de comer, né?, que ele não comia, aí ele veio me falando que comia, que... ‘Mãe, hoje eu comi, eu tomei suco de couve com laranja, hoje eu comi isso’, umas coisas todas, totalmente, sabe, assim, que assim pra gente é bom mas pra criança, eu ia dar pra ele ele virava a cara, então, foi umas coisas assim que foi...

‘Nossa’!, eu fiz isso, mãe, eu mexi na internet, aprendi isso’... A educação na, na assim, no dá licença, por favor, obrigado, dá um espirro: saúde! Sabe essas coisinhas que.. é importante, né? que às vezes, assim, passa desapercebido mas aí eu ... espirrou, falou assim – ‘cê não vai falar saúde?’ (2)

Sabe, umas coisas assim que no dia a dia assim, é que a gente foi, eu fui assim observando nele, sabe?

E assim, e também assim porque eu trabalho, né? então uniu, né? Uniu uma coisa que ele tava gostando de ir e uma coisa que era importante pra mim, né?

E aí assim, em relação do comportamento o Gabriel ele é, muito reservado, muito tímido, não fala quase, pra tirar alguma coisa dele tem que cutucar, cutucar... E aí ele falou que tinha uma roda no Curumim, né? que tinha uma roda que você tinha que falar alguma coisa. Aí eu falei assim, ‘e aí, cê falava alguma coisa?’ Porque ele é difícil de falar. Ele falou: ‘ah, de vez em quando’... Aí, eu falei assim, ‘Nossa! É importante porque ele não fala nada, né? ele é tímido’. Aí foi que a gente foi que viu ele se expressando um pouco mais, sabe, pouco, devagarzinho, mas foi o que a gente entendeu. (3)

E atividade física, nossa, atividade física, teatro, que eles amam demais... aprender na culinária... (4) Ele falou assim, 'mãe, uma cocada que fizeram, vamo, mãe, vamo fazer aqui em casa, vou te ensinar como que faz'. (5)

Tudo assim foi, hã, assim, nessa passagem que ele teve, pena que tive que tirar ele, né? Por causa que escola estadual não tem, né? (5 série) só tem na parte da tarde, né? E... mas foi muito importante assim, ele vinha com cada... cada dia ele vinha com uma novidade assim pra gente, sabe? E a partir daí que eu... que a gente, que eu fui vendo as diferenças, né? assim, as mudanças dele, devagarzinho, devagarzinho... (6)

Mais alguma coisa? Basicamente é isso. E assim ele, nossa, e mexer assim, com artes plásticas, e às vezes, nossa, como ele gostava, Andréia, Andréia, Andréia, a principal, porque, nossa, acho que o modo de conversar, porque ele é muito tímido, né? então ela fala mansinho, conversa devagarzinho, ele é muito assim, arte de pintura, arte de desenhar, ele é muito hábil, né? então a Andréia, era, nossa, a Andréia fez isso, mãe, a Andréia me ensinou isso, a Andréia fez isso... E a parte de futebol, né? (7)

Quando um dos professor foi embora, ele falou: 'putz! ele foi embora, agora nós vamos ficar sem ele, né? Eu falei, 'mas vai chegar outro, e vai ser a mesma coisa, assim, você vai curtir o outro, você vai ver'. Aos poucos, assim, devagarzinho você vai, né?... e ele falou assim, 'ah', então, aí, aí chegou outro, aí, eu disse a mesma coisa: 'eu não falei pra você?' Mas a Andréia, assim, na parte assim da Andréia, que mexia muito, que ele gosta muito dessa parte, né? Ele falava muito dela, falava... (8)

E os passeio, os passeios era, nossa, ansiedade dele, uma vez que teve o, alojamento no SESC, mesmo, nossa, é uma maravilha, ele fica ansioso, nem dorme de noite e fica falando, e fica falando, 'mãe, é isso'... (9) Então o SESC Curumim tá de parabéns, porque assim, nossa, proporciona muita coisa pras crianças. Eles aprendem fazer muitas coisas. Além de arrumar a cama, porque eu falo pra ele, né? eu falo assim, ó, se vai, que nem, eu falei assim, que nem, se você for... não mãe, a gente tem que saber, a gente tem que ser organizado, tá tá tá, devagarzinho, né? que são crianças, né? Então devagarzinho vai mudando... É isso. Nessa parte assim, que eu penso do Curumim. (10)

Mais alguma coisa? Nossa, pra mim (risos), Então, e agora como eu tenho o outro menino... fala só do Gabriel ou posso falar do Pedro? (respondo que ela pode ficar à vontade).

Então, como que eu tenho outro menino também, o Pedro, que nem, foi a última, ontem foi o último dia, né? que vai entrar de férias: 'a mãe, vou ficar com tanta saudade'... Aí ele perguntou assim pra mim, 'ô mãe, será que eu posso entrar no, ã, nas férias, do Curumim, posso entrar?' Eu falei 'ah, você que sabe. Pode'. 'Oba!' Eu falei 'então, mas você já se inscreveu?' 'Não. Não me inscrevi ainda'. Eu falei 'então se inscreve, se não vai perder vaga'.

Tá vendo? Como é tão gratificante pra eles, porque se fosse uma coisa que nem, escola, 'ah, vai entrar em férias, vai entrar em férias'. Mas o Curumim, vai entrar de férias, mas eles querem voltar nas férias, eles não querem ficar de fora nas férias. Dá, de tá junto com amigos, né? Porque assim, os amigos, ah, ainda ele fala alguma coisa dos comportamentos das pessoas, das crianças, nossa, ele 'mãe fez isso, isso e isso, você acha que tá errado?' Eu falei 'e você acha que tá errado?' Aí ele fala 'eu acho'. Então 'tem que conversar com ela viu, mãe, tem que conversar com ela'... (11)

Porque assim, ele fala que a roda é um tipo, né? de um... que aconteceu no dia, que as crianças fez alguma coisa errada, assim, o que fez, você acha que eles devem, que eles tão errado? É a opinião das próprias crianças, né? É um, é um modo deles mesmos conversarem entre si, né? E saber o que ele fez de errado, o que ele fez de certo. O que... (12)

Pra mim, pro Gabriel o Curumim foi fundamental porque eu já, eu já, é, recebi várias informações boas, né? eu já coloquei ele através de falarem pra mim do Curumim, aí eu fui percebendo, né? o Gabriel ficou lá 4 anos, né? ele... 3 ou 4 anos ele ficou lá. E... e o Gabriel, o Curumim pra mim foi muito bom.

É uma coisa assim, hã, com o... com a parte da educação do comportamento, principalmente, meu menino era muito tímido, muito reservado, nem conversa direito, nem, né? Pra mim foi muito importante porque ele foi se abrindo aos pouquinhos, devagarzinho, não muito, né? mas o pouco já muito grande assim, pra gente, né? (13)

E, e fora as pessoas que trabalham, né? os monitores que trabalham, de cada um monitor que trabalha, e cada, e ele, e os conhecimentos, muitos conhecimentos que ele não tinha, conhecimentos às vezes, é... (14) Que logo no comecinho, ele, como eu achava que ele era muito novinho, que ele não ia entender de computador. Quando ele chegou em casa que ele falou assim: ‘mãe, olha, eu fui na sala de internet, aí a professora, o monitor fez assim, assim, e foi rápido’! (15) A criança, nossa, como eles são rápidos! Eu sou tão devagar, e eles são rápidos e tudo isso... Então assim, o Curumim pra gente, ainda tá sendo, e se Deus quiser eu vou poder colocar meu terceiro filho. É, é muito assim, gratificante, é, sabe, é... (16)

O Curumim pra nós, é, pra nós todos, né? Porque até o petítico fala ‘mãe, eu quero ir lá no Curumim com o Pedro. Eu vou lá no curumim com o Pedro?’

Eu falei assim: ‘não, cê não vai no Curumim agora, você vai no SESC. Depois quando você tiver idade você vai no Curumim’.

Porque assim, é, parte de comer, parte de comportamento, parte de disciplina, que é fundamental disciplina, porque são todos meninos e menino você sabe como é que é. Meninos, Nossa Senhora! Você tem que segurar eles que eles têm uma garra, nossa, uma energia, então, lá no Curumim, é que, sabe? (17)

Bom, no meu ponto de vista, né? Um pouquinho que seja, mas o Gabriel pra mim foi fundamental, ainda mais na parte da Andréia, né? Que a Andréia era muito... e ele mexia muito isso, né? E parte de, parte de futebol, parte de, das gincanas que tem lá que é demais, com pais, então, que é muito bom a gente participar junto, que a gente se diverte tanto com eles, que Nossa Senhora! Acha, é tudo, o Encontro de Pais e Filhos é muito bom. (18)

Quando uma vez que não deu nem pra mim ir nem pro meu marido ir, eu falei, bom, eu falei pra madrinha ‘você vai, porque ele precisa de uma pessoa lá’. Ou minha mãe, ou mãe, ou a madrinha, ou a tia, ‘vocês vão, que precisa’. Porque eu tinha meu sobrinho também no Curumim. Que através de mim, minha irmã colocou meu sobrinho também lá, né? E... aí eu falei ‘ó, alguém tem que ir, porque é muito bom o encontro pais e filhos’. As palestras, quando tem reunião, as palestras são importantíssimas, interessantes, assim, interessantes pra gente ouvir. (19) Quando dava tempo, assim, que nem, eu nunca faltei em nenhuma reunião. Acho que foi essa última vez que o Dicão que... que ele que se atrasou pra reunião, mas a gente sempre tava presente. A gente nunca deixava de ir nas palestras, nas reuniões. Porque é muito importante saber o que tá acontecendo, o que tá dando de errado e o que tá dando certo também, né?

Então, o encontro de pais e filhos era muito divertido, a gente aprendia muito com eles, a gente brincava com eles, tanto que eu fiquei em segundo lugar no negócio da cesta, lá, que eu achei um sarro, nossa, eles falavam ‘nossa mãe, agora cê vai ganhar’. Mas eu vou ganhar de um homem que é dois metros maior que eu? Fiquei em segundo lugar mas me diverti muito, muito muito. (20) Então, era isso que eu tinha pra falar do Curumim.

Nossa, o Curumim pra nós assim, é uma coisa eu, eu vou, fico tranqüila, sossegada por que eu sei que lá eles tão bem seguros, né? Porque segurança é fundamental pra gente, né? De estar... quando tá chovendo, assim, aí, eu falo, ‘ai, meu Deus que temporal que vai dar’. Mas eu sei que eles tão lá, fechadinho, todos os monitores, sabe? É uma segurança, a gente, é uma despreocupação, que eu fico tranqüila em relação a... tando lá no SESC. (21)

Quando o Pedro deu uma machucadinha no pé, nossa, foi atendido de uma tal forma, porque as vezes faz aquele drama, mas não é nada disso, passou pomada, passou, né?

Nossa, mas é muito importante, pra nós aqui, eu e o Dicão, pra minha família, minha irmã.

E foi através do SESC lá de Bauru, né? o Curumim lá que, olha, a filha dele tá com quantos anos? Com 30 anos. A filha, né? minha sobrinha, a filha do irmão do Dicão, né? E foi através dela, da mãe, né? que ela falou do Curumim: 'vai Wal, se informa, que é uma segurança, que aprende muitas coisas, a criança vai vir modificada, vai vir te falando um monte de novidades, um monte de coisa que aprendeu. Então Wal, vai atrás'. E pra você ver, a menina tem 30 anos e fez o Curumim. Então vai passando. (22)

E nunca vi ninguém falar coisa assim, sabe? só coisa boa, coisa boa. Porque nunca vi nada que assim, coisa, falando, são bravos, os monitores são bravos, é ruim, sabe, essas coisas assim, porque em escola cê já viu, né? E, nunca ouvi. Sempre falando, nossa, quando vai embora, tem monitores que tem que ser transferidos, vai pra um lugar, vai pro outro. 'Mãe, foi embora, mãe, chorou, ai mãe, e agora? Eu falo assim, vai vir outro'... (23)

Em relação pra gente foi muito bom. Tá sendo, né? E o que a gente puder passar do Curumim a gente vai passar sempre coisa boa porque não teve nada de negativo pra nós, aqui de casa.

É isso.

2.4) Discurso IV - Ana Lúcia

Bom. O Curumim, tanto pra mim quanto pro William foi muito bom, né? Principalmente pro William porque ele tinha um pouco de... ele era um pouco tímido, era uma criança que não... ele não se envolvia muito com outras crianças, porque quando ele era pequenininho ele teve problema de fala, teve que ir em fono, então ele, como as outras crianças não entendiam o que que ele falavam então ele começou... ele se fechou, né? Então quando teve o... quando foi começar o Curumim foi uma chance que eu vi que era bom pra ele, pra ele poder se misturar mais, tem mais amizade, que mesmo na escola as professoras sempre falavam dessa dificuldade dele, dele fazer amizade, dele ter... ter convivência com outras crianças, e o Curumim eu achei que fosse... que ia ser uma coisa que ele podia se soltar mais e, e foi do jeito que eu imaginei. (1)

Pra ele foi muito, ele aprendeu muito, nesses quatro anos que ele ficou lá foi muito bom, ele aprendeu muita coisa, ele fez muita amizade e... é pena que agora ele não pode mais né?, por causa do horário, e se pudesse acho que ele ia continuar até... quando pudesse ir, né? Ele adora todo mundo, vocês, né? Ele sentia muita falta da, quando a Elaine foi embora ele ficou chateado, mas depois acabou acostumando... (2)

A vida dele é falar do Curumim, né? Curumim daqui, Curumim dali, quando pegava, fazia cartinha, não sei que, falava... E pra ele foi muito bom. Gostei muito. Pena que não pode mais, né? Mas enfim, tudo na vida tem um dia que tem que acabar, né? E ele aprendeu muita coisa, até hoje ele adora fazer os desenhos que a Andréia ensinou no papel, em... ele vive arrumando essas tábuas pra poder fazer desenho, sabe? A vida dele é fazer isso. E ele tá sempre falando. Eu acho que não tem um dia que ele não, não lembra do Curumim, sabe? Parece que é uma coisa. Todo dia: Ah, mãe, lembra que a Andréia não sei que, que a Alessandra... (3)

Também as viagens, também ele adoravam fazer as viagens. No dia que era pra viajar, de um dia pro outro eles nem dormiam. Ficavam pensando: mãe, olha, amanhã não sei quê... eu posso fazer isso, não sei quê?... (4)

Então, sabe? Foi um projeto muito bom. Espero que continue, né? Que seja bom pra outras crianças também. Ah, e do mais, eu acho que, que é só...

Sabe, a gente fica chateada que eles não podem ir mais, né? Mas, eu espero que as outras crianças também aproveitem o mesmo tanto que eles aproveitaram. Que não acabe esse projeto, que dure muito e muito tempo... E no mais, acho que é só. Não tenho mais nada pra falar...

É que tinha também as atividades que eles mais gostavam, também, quando ia na piscina também, que ele adorava dia de ir na piscina. A roda também que ele gostava, a parte melhor que ele gostava que é a hora do lanche, né?, que é a parte que ele mais gostava... e as atividades, todas elas... Ah, aquela vez que eles fizeram, ah, não é acampamento, como que é que eles fizeram lá no SESC? Acantonamento... É, acantonamento! Ah, que eles iam... Eu em casa fiquei preocupada por que eles nunca tinham, a Lílian né?, nunca tinha dormido fora. Ele já não. Mas... Eu acho que eles fizeram bagunça a noite inteira, brincaram... No outro dia, o dia todo: mãe, não sei que... contaram tudinho. Eu ficava lá escutando as histórias. Eles esqueciam... Ah, mãe, nós fizemos tal coisa, passava. Ah mãe, eu lembrei não sei do que. Pra eles foi a festa...

Quando viajava também eles contavam tudo, não esquecia um detalhe. Às vezes eles contavam uma coisa e daqui a pouco: ah, mãe eu lembrei de tal coisa, não sei que... Então, pra eles, foi tudo... (5)

Aí quando a gente mudou aqui também, quando a gente mudou aqui, que ia ficar um pouco mais longe, eu até pensei em tirar eles, né? Porque, tadinhos, ter que ir a pé, não sei que, né? Aí depois eu pensei bem e falei: ah, não. Não vou tirar por que eles vão ficar em casa, eles vão ficar sem fazer nada. Vão na escola de manhã e vão ficar à tarde sem fazer nada. E lá, pelo menos, eles tão aprendendo... Não vou tirar. (6)

E aí a gente continuou indo. Não era fácil, né? Porque ia nesse sol quente, ia e voltava, mas... eles foram, eles gostavam, e aí foram até o fim. E se pudesse continuar, continuava e... De resto...

A roda também eles adoravam. Quando ia na piscina, né? Os amigos também, que ele sempre fala das crianças que fazia amizade, e hoje também quando ele vai lá, quando não tinha aula, que a Lílian tava lá e ele ia lá no SESC: ah mãe, eu fiquei lá um pouquinho. Lá com o Curumim... E a molecada que ele conhece chegava: - Ah, Willian, Willian, não sei que... Então, pra ele foi... foi muito bom mesmo...(7)

Agora não tenho mais nada...

Ah, pra mim também foi muito importante, né? Porque eu apostei no Curumim desde o começo, né? Quando ele entrou, mais por causa dele, do problema que ele tinha, né? De timidez, essas coisa, e... pra mim não tem o que falar né? Foi muito bom, tanto quando tinha reunião, tinha as palestras, né? Que eu aprendi muito... muitas coisas que a gente não sabia a gente acabou aprendendo nas palestras. Principalmente essa última que teve, né? Antes de encerrar o Curumim esse ano, sobre as drogas, que foi o moço lá falar das drogas, tinha coisa que... tem coisa que ele falou que a gente não sabia, né? Principalmente, assim, que ele falou pra gente observar as crianças quando... que a gente nunca sabe nada, né? A gente vai aprendendo no dia-a-dia. Ah, falar que eu tenho os dois que eu sei tudo. Não sei nada. Eu vou... conforme vai passando a gente vai aprendendo, né? Cada dia é um dia diferente, uma lição diferente...

Então eu achei muito interessante. Não só essa como as outras palestras também eu sempre fiquei em todas, desde o começo até o fim. E sempre participei muito da vida da Lílian e do Willian lá dentro também, sempre. Nós sempre perguntando, não assim, todo dia lá, mas sempre na reunião, sempre tava perguntando como eles tavam, porque acho assim, que se tivesse algum problema é óbvio que não ia esperar a reunião. E pra mim foi muito bom. Foi um projeto e é um projeto muito bom. Espero que as outras mães saibam aproveitar, né? Enquanto puder, que levem, que não, ah, porque, às vezes a pessoa fala: Ah não vou levar, porque é longe, só que eu acho que é uma oportunidade única pra criança, eu acho assim, assim, uma coisa que a gente podia, é que não tem como, se pudesse ter na parte da manhã pras crianças que estudam à tarde, mas também acho que ia ficar meio complicado, seria um horário meio corrido. Então... (8)

Mas eu acho assim, enquanto eles foram eu acho que eles aproveitaram bastante, e espero que as outras crianças que vão entrar esse ano, e as crianças que vão sair também esse ano, que aproveitem bastante.

E eu falei que o Curumim é um projeto excelente, né? Se tivesse... se todo lugar tivesse um projeto que nem o Curumim muitas crianças não tariam na rua, né? Não... que ali eles aprendem muita coisa, principalmente assim, coisa de droga, essas coisas, que é uma informação que eles tão aprendendo bastante coisa. Então acho que se todo lugar tivesse eu acho que muita crianças não iam se perder do jeito que tão se perdendo, porque eles tão ali, eles tem consciência, eles aprendem bastante coisa, eles fazem amizade com bastante crianças, de bastante nível, né?, do nível deles, do mais alto, do mais baixo, crianças de tudo quanto é... né? E eu acho que é um projeto muito bom. Foi e continua sendo, né? (9)

Se for falar, sabe, a gente esquece um pouco, depois lembra... O que eu falei é o que a gente sempre... né?

Que o Willian mesmo, quando foi pra ele entrar, que eu lembro que eu tava pegando o livrinho e aí eu vi lá, né?

Eu falei pro meu marido: ah, o Willian precisava de um projeto assim, porque o Willian, ele começou a falar com 2 anos e meio, só que você não entendia nada que ele falava. Nada nada nada. E eu levava ele no Posto, que na época a gente não tinha plano médico, então eu levava ele no Posto e a pediatra falava: mas ele não fala... Sabe, ele falava, eu entendia o que ele falava porque eu já tava acostumada, mas se você chegasse e conversasse com ele, quê!, cê podia ficar duas horas com ele. Eu até costumava brincar que eu era tradutora dele porque as pessoas falavam: mas que ele tá falando?, né? Ninguém entendia o que ele falava...

E eu ia no Posto e falava pra pediatra. A pediatra: Ah, essas mãe que tem mania que o filho fala logo, que filho anda logo, se é gordo que que emagrece, se é magro que que engorda... E eu falava pro Marcelo: Ah, mas isso não tá certo...

Aí foi indo, aí o patrão dele chegou um dia e falou: ah, eu vou fazer convênio pra vocês. Eu falei por Marcelo: a primeira coisa que eu vou fazer é levar ele em outro... numa pediatra.

Porque eu já até tinha ido lá no Centro de Reabilitação, só que lá tinha que ter encaminhamento e a moça falou pra mim: Ah, se você quiser deixar o nome dele aqui você deixa, só que sem encaminhamento vai demorar uns dois, três anos pra chamar ele porque tem muita criança... Aí eu não falei nada pra ela mas pensei comigo: daqui uns dois, três anos não precisa mais, porque ele já tava com quase três anos já, né?

Aí eu levei ele na pediatra, na doutora Lenise. Aí foi ele abrir a boca perto dela ela falou assim: ‘Mãe!’ Inda no fim foi eu que acabei levando bronca: ‘Mãe! Mas que que você tá esperando pra levar esse menino numa fono, não sei quê?’ Aí eu expliquei pra ela que eu sempre levava e na pediatra do Posto falou que não... que era mania de mãe querer que filho fala logo... E ela falou ah, tem pediatra que tem que... não sei porquê tira diploma, tem que rasgar o diploma... Aí até ela me deu o cartãozinho da fono, tudo... No mesmo dia eu cheguei e já liguei lá... Ela falou: liga às vezes já dá pra marcar hoje, porque ele precisa disso urgente. Tá bom...

Aí cheguei em casa, já liguei, aí já marquei a consulta... Uns dois dias depois. E ele foi.

Aí a fono conversou com ele, ela falou assim: ‘ó, realmente ele tem uma necessidade, ele fala muito errado, ele troca tudo as letras...’ Aí ele foi. E eu tinha vontade de pôr ele na creche e eu nunca coloquei porque eu tinha dó. Ele, ninguém entende o que ele fala. E ele mesmo, ele já se isolava. Ele não brincava com ninguém. Tinha as crianças vizinhas, ele não brincava. Se a gente ia numa festinha, tinha criança, quê? Ele sentava perto de mim e ali ele

ficava. Acho que ele pensava: ah, eu vou brincar pra quê? Ninguém vai entender o que eu falo... Então não ia.

Aí foi. Ele fez... acho que com seis meses mais ou menos já dava pra entender bem o que ele falava, sabe? Só que ele fez durante... três anos ele fez fono. Hoje ele fala mais que a boca, né? Mas foi...

Aí só que dentro desse tempo a fono mesmo falou: ‘Ana, põe ele na creche que vai ser bom pra ele, que aí ele vai conversar com outras crianças...’ Ela falou: ‘Só que aí cê já explica pra professora como que ele é, qualquer coisa pede pra ela me ligar que eu falo com ela...’ E aí a professora dele ligou pra Graziela, chamava Graziela a fono dele. Ligou, conversou com ela, tudo, explicou. E falou: ‘Não, tranquilo.’ Aí a professora dele mesmo falava pra mim: ‘Às vezes eu vejo que as crianças tá tudo brincando e ele tá sempre... né? E aí eu falo: Vem Willian, vamos brincar...’ No fim acabava que ela mesmo acabava pondo ele no meio das crianças. Sabe, aí ele foi se soltando. Só que ele era assim, pra ele era só dois, três já tava bom... E é assim também, ele era assim: se a criança chamasse ele pra brincar, aí ele ia, se não, não.

Aí eu falei, mas isso não tá certo, pra idade dele ele tem que brincar. Não digo com bastante... mas tem que ter uma amizade. Aí foi quando... logo a gente fez a carterinha lá do SESC e aí veio o livrinho em casa, que na época o livrinho mandava em casa...

E aí eu vi lá no livrinho e falei pro Marcelo: ó, Marcelo, é isso que o Willian tá precisando. Eu falei, ah, lá ele vai aprender bastante coisa. Ah, eu vou pôr ele. Aí naquela semana mesmo eu fui lá, eu peguei tudo que tinha fazer e aí levei ele.

Nas primeiras semanas ele ficou meio que... né? Até acostumar, mas depois... Quer dizer, pra ele isso daí foi muito mais importante, né?, porque ele teve mais convivência com outras crianças... No primeiro ano tinha aquele... tinha acho que dezesseis, vinte crianças, né? Depois no outro ano já aumentou, no segundo ano já aumentou. Quer dizer... Aí... Só que aí no segundo ano, como aumentou muita criança... eu lembro que... porque no começo, porque era pouquinho, ah, as meninas tinha mais... tinha mais tempo pra eles, né? Pra dar mais atenção, pra brincar... E no outro ano aumentou, e ele vinha reclamando: Eu não vou mais no Curumim... – Por que Willian? – Ah, A Alessandra não brinca mais comigo, não sei quem não brinca mais comigo... Eu falei: Ô Willian, mas tem bastante criança, Willian, como que ela... o ano passado tinha pouquinho, dava tempo de ela dar mais atenção. Agora, se ela ficar só atrás de você, e os outros? – Ah, mas eu não vou mais, porque não sei que...

Aí no outro dia ele ia. Às vezes, quando a Andréia ou as meninas falavam alguma coisa pra ele, ele já vinha todo contente... Ah, mãe, porque não sei que...

Que ele queria acho que... ele queria atenção só pra ele... Mas não é assim, Willian, tem um monte de criança... Cê acha que elas vão ficar só atrás de você? E o resto? Aí ele foi indo, foi indo, até que ele acostumou. E ele é assim até hoje. Na escola, também. Se alguém... aí ele já, se ele se apega com uma professora, que nem, ele gosta da professora de história, ele fala dela o ano inteiro...

Então, aí ele falava: ‘mãe, porque não sei o que...’ Eu falei, ai Willian, mas não é só você, tem os outros, elas tem que dar atenção pros outros também. Aí no outro dia ele ia e chegava todo contente em casa... E assim foi, até o fim. Agora quando ele vai lá ele vê elas, ele beija, abraça, chega em casa todo feliz... (10)

Pra ele foi muito bom. Eu acho assim, que se não tivesse, se ele não tivesse entrado nesse projeto talvez hoje ele não tinha, ele não tava tão... solto do jeito que ele é hoje, né? (11) Até ele fala: Mãe, quero fazer aula de desenho porque a Andréia me ensinou, não sei que, e eu quero fazer. Eu falo: tá bom, quando a gente tiver uma oportunidade, você faz. Ah, quando eu crescer, eu quero fazer... (12)

Então, quer dizer, às vezes eles pegam coisa pra reciclar, aí já vem: Ah, mãe, tem que fazer assim porque a gente aprendeu no Curumim. E não sei que, ah, mãe a gente aprendeu no

Curumim. Tudo ele fala que aprendeu no Curumim. (13) Quer dizer, não tem o que falar que que é o Curumim pra eles, né? Principalmente pra ele, que foi uma coisa muito... que foi ótimo. Foi fundamental pra ele. Os quatro anos que ele ficou lá, ou seja, pela dificuldade que ele tinha, e ele superou. Hoje ele fala mais que a boca... Eu tenho até que falar Willian, pára, chega. Porque hoje ele não tem limite... Começa falar, vai, parece um trem. Eu falo, pára, chega! Então pra ele foi ótimo. (14)

Bom mesmo.... Acho que se todas as crianças pudessem ter a oportunidade que eles tem, né? Acho que as mães não podiam perder a oportunidade. Vai lá, dá o nome: Ah, não consigo vaga... Vai no outro ano de novo. Um dia... né? Porque eu acho que é uma oportunidade única. Quem puder, eu acho que não deveria perder não... (15)

É isso.

2.5) Discurso V – Patrícia

Bom, o Curumim, ele veio, a princípio, logo que foi instalado o Curumim no SESC aqui, pra mim, ele participou logo da primeira turma, a princípio era mais, assim, pra ele preencher a tarde dele, pra ele tá com alguém, pra não ficar sozinho... eu trabalho, meu marido trabalha, a princípio foi esse o intuito, né? De colocar ele no Curumim o período da tarde e no período da manhã ele ia pra escola. Mas assim, as atividades, o... o dia a dia, né?, do Curumim, ele foi se tornando uma coisa tão boa que até hoje, faz quanto tempo que ele ficou no Curumim, acho que uns 4 anos, né?, e hoje ele não vai no Curumim, assim, e eu de pena de tirar ele e ele não poder ir mais um ano, né? Porque o Curumim se transformou pra gente, um auxiliar na educação dele, pra ele, mais uma atividade. (1)

O Kauan ele... ele tem muito nítido na cabeça hoje essa questão da consequência que o Curumim é, fala com as crianças e... essa, disciplina, foi muito importante o Curumim, né? Pra gente como pai, ajudar na educação, e pra ele como, como atividade mesmo, o desenvolvimento da atividade lúdica, né?, de criatividade, tudo. (2)

Muito importante, muito importante na questão da socialização, de tá se relacionando com outras crianças, e com adultos também, de respeito, é, são coisas que eu não sei se a gente conseguiria instalar dentro dele realmente sem o Curumim. (3)

A questão de conscientização de pais através de palestras, das reuniões, né? e mesmo em casa, né?, organização, o Curumim, enfim, foi muito importante pra formação pessoal, social, como na educação dele, nas tarefas, enfim, foi tudo muito bom. (4) Hoje ele não vai mais no Curumim porque, por conta da desorganização dele ele, o último ano ele já não tava dando conta da escola e do Curumim, então ele tava deixando as atividades da escola por conta do Curumim, então nós tivemos uma conversa e não, então esse ano você não vai.

Era o último ano que ele poderia tá indo e... mas é uma pena mesmo que não pode. E ele gosta muito mesmo, gostava muito de ir.

Esse relacionamento com os instrutores também, era muito bom, tanto dos instrutores com eles, quanto com a gente, que é pai, do atendimento, da atenção. Foram anos essenciais. O Kauan hoje com certeza seria uma criança diferente se não fosse o Curumim. Eu não sei se, se é assim, se normalmente é assim com a outras crianças mas... mas foi bom. Eu acho que, não sei, é, realmente, o Kauan seria uma criança diferente. (5)

Ele tem, ele guarda os trabalhos dele desde o primeiro ano, o jornalzinho, é, artesanato, ele tem muita coisa guardada do Curumim, de todos esses anos, cartinhas, cartinhas que eles mandavam uns pros outros, é uma questão muito importante, porque é difícil pra uma criança, pra um menino ainda, tá escrevendo pra uma menina, tá escrevendo pra uma pessoa mais velha... (6) Ainda mais que o Kauan é uma criança meio tímida, meio retraída, e... ele desenvolveu isso muito bem. Ele, ele recebeu carta em inglês, da instrutora, depois traduzimos pra ele, tudo, e ele guarda tudo isso numa pastinha, com todo o cuidado,

com todo carinho. Com certeza pra mostrar pra alguém, né? Sei lá. Tá tudo guardadinho. E é isso, acho que é isso. (7)

Não, eu não tenho muito mais... eu acho que a única coisa que eu teria pra falar assim, que eu não consegui adaptar ao Curumim foram alguns horários de alguns eventos, mas isso também é por conta acho que do horário do SESC, não tem muito a ver com o programa em si. Alguns eventos eu acabei perdendo, acabei chegando pela metade, e isso pra ele também é ruim, porque às vezes a gente perde uma apresentação, como no sábado eu trabalho até mais tarde, às vezes ficava complicado pra mim, mas acho que isso, pra ver, pra mim acho que é a única coisa que saiu um pouco fora, de falar: Não. Foi perfeito!

E foi melhorando cada vez mais, o Curumim, ao longo desses anos, eu lembro das primeiras palestras, embora todas boas, foi se aprofundando, cê acaba, acho que com o aumento das crianças cê acaba precisando de aumentar a qualidade do seu atendimento...

E os instrutores são excelentes, né? Tanto os estagiários, sempre deram, assim, atenção pra ele, sempre trouxeram pra gente não só o que acontecia de bom, como os problemas: Ó, o Kauan tá com dificuldade aqui, aconteceu uma coisa meio chata, vamos resolver, vamos resolver. A gente sempre conseguiu resolver tudo, agora, embora eu não tive grandes problemas com ele, mas... foi bom até pra isso. Porque as crianças sempre que tá longe do pai e da mãe é diferente, né? E foi bom pra gente, é, conhecer o comportamento dele com outras pessoas, fora dos nossos olhos... (8) Acho que é isso. Não tenho nada...

Eu lembro até hoje a primeira reunião que teve, no comecinho, numa salinha apertadinha, até hoje, no Teatro, sempre tive presente. No acompanhamento, no acompanhamento de tudo, da vida dele...

Não sei se todo SESC costuma ser assim, esse... o programa, mas aqui, assim... tanto é que o meu, faço questão que o mais novo vá. E... e falo que fique lá no Curumim todos os anos, até sair, e que com certeza ajuda. Com certeza, o apoio que eles dão pra família é muito bom. Só...

O Lesath, o pequeno, sempre teve muita vontade de ir. De ver o irmão, cê sabe, que as meninas também dão atenção pra ele também, chega lá, não vai, não é esse ano ainda... Só espero que quando ele vai seja a mesma turminha, pra cuidar dele também. (9) Acho que é só. Não sei se lembro de mais alguma coisa, que tenha acontecido, mas acho que não....

Foi tudo muito bom...

3) DISCURSOS DAS INSTRUTORAS DE ATIVIDADES

3.1) Discurso I – Alessandra

Bom, o Curumim, ele foi um programa, ele tá sendo um programa assim maravilhoso para minha vida enquanto profissional. (1)

Eu sempre trabalhei com adulto, adolescente e criança. A faixa etária de 7 a 12 anos pra mim foi assim algo surpreendente de tá trabalhando, é..., eu acho que tá me enriquecendo muito minha vida enquanto instrutora de atividades desse programa porque eu acho que a educação ela é muito mais do que conteúdo. Acho que a educação ela é uma experiência, ela é questão de dia-a-dia, aprendizagem, e eu acho que eu tô aprendendo muito mais do que tô ensinando. Porque eu acredito muito no poder de transformação da educação e o Curumim, eu acho que ele tem essa, essa riqueza que é mudar mesmo através da experiência, através do modelo, através do exemplo. Eu acredito muito nessa transformação. (2)

Então, quanto ao aspecto profissional, eu acho que foi e está sendo uma experiência riquíssima. Eu tive vivências maravilhosas nessa área que pra mim era nova. Que eu sou pedagoga e eu estou trabalhando com a área de expressão corporal, a descoberta do corpo, o respeito, então pra mim, assim, ele tá sendo maravilhoso enquanto profissional. (3)

É, relacionado ao programa, assim, enquanto estruturação, conteúdo, ele tem uma... assim, gama de conhecimentos em que a criança, ela deixa o conteúdo escolar, a gente, é..., trabalha nesse sentido, que a vivência, o dia-a-dia hoje em dia, né? O aspecto educacional, no Curumim, ele sempre esteve em alta, mas de que forma, é... através de atividades em que a gente utilize a opinião da criança, enquanto que a escola não trabalha muito com essa opinião. É muito conteudista.

E aí o programa ele serve para mostrar para a criança o quanto ela tem de valor guardado e que ela deveria estar expondo sem medo de repressões, sem medo de, de repente ser questionada, fazer um questionamento e não saber estar respondendo. Esse programa, ele é muito rico para a criança por quê? Porque a criança vai tá expondo suas opiniões, ela vai tá falando a respeito de algo que ela não tinha oportunidade dentro da escola. Por exemplo, nós, aqui no Programa, nós trabalhamos com vários temas, desde que o programa existiu, e cada tema, é..., foram propostos, a última experiência que nós tivemos ano passado, é, são assuntos que partiram da própria criança. E pra que isso acontecesse nós acabamos utilizando assim, uma forma muito democrática, é, sendo que a criança opinou por um tema desejado e, esse ano principalmente a gente, nós percebemos que isso é muito rico pra própria criança e pra nós instrutores e... e que acabou ocasionando essa nova descoberta, né?, esse tema... porque o Programa, ele fica muito aberto então assim, dependendo da Unidade, a unidade trabalha é, aspectos educacionais voltados para o interesse da, do próprio grupo do Curumim, é... (4)

E dentro do programa, que eu posso dizer? O programa ele é dividido por algumas áreas. Essas áreas elas são enfatizadas por profissionais de áreas diversas e esses educadores, eles trabalham voltado numa área central, então por exemplo, nós já trabalhamos sobre culturas, culturas advindas de outros povos, é, nós já trabalhamos, é, com a questão, e de respeitar ao próximo então assim, acho que a base do programa Curumim é a questão da cidadania, a questão do respeito ao próximo, é a questão dos direitos e dos deveres, é a questão de, da preocupação mesmo com o ambiente em que vivemos, a preocupação em preservação das coisas que nós tamos trazendo dos nossos antepassados, a preocupação com, com tudo o que tá no mundo, né?, e essa conscientização mesmo da própria criança e, esse assunto, né?, na verdade esses temas que são desenvolvidos dentro de um tema central eles são todos embasados, é, em conteúdos, é, como que eu posso falar, lúdicos, né?, então através da brincadeira a criança vai tá aprendendo questões super importantes pra vida dela.

Bom, esse aspecto ele é importante por quê? Porque quando a gente trabalha através, é, em forma de brincadeiras a criança acaba exteriorizando conteúdos que ela até então não pensava em tá trazendo junto com aquele conhecimento que ela traz da escola, vivência na família, então isso tudo enriquece cada vez mais o programa. (5)

É... a grade do programa também é muito rica enquanto assuntos ambientais, é... assuntos de reciclagem, a questão de histórias, né? que a gente trabalha bastante isso, a questão da leitura, que nosso programa, né? aqui em Araraquara a gente utiliza o jornal também, o qual faz com que a criança se *reitere*^{*}, né? se integre dos assuntos que ela tem interesse, né?, ele deixa um pouco aberto, assim, nesse sentido para que a própria criança, aqui no SESC Araraquara, né? que a criança escolha na verdade, tudo que lhe interesse, né? no seu horário livre, para que ela desenvolva atividades voltada pro seu interesse. Então o jornal é um desses aspectos.

A questão do teatro, a questão da música também a gente acaba trabalhando. A leitura esse ano é a gente tá trabalhando com a questão dos contos, então a criança vai tá elaborando seu próprio conto, vai tá conhecendo contos novos, esse ano nós acrescentamos também o xadrez, então assim, o programa ele é um programa muito importante pro próprio

* Inteira.

desenvolvimento não só cultural da criança, mas assim, enquanto um cidadão, que vive numa sociedade e que pode modificar essa sociedade. (6)

Eu acho assim que, é, pra toda a pessoa que trabalha nesse programa e não acredita nele, é difícil, então, eu tô nele desde que ele existe aqui no SESC, né?, o programa Curumim, acredito muito na transformação dele. Hoje eu vejo ex-curumins, né?, que saíram aqui do programa e que vira e mexe estão mesmo aqui na Unidade, e que a gente percebe a diferença que há nele, é, em relação à crianças que não vivenciaram, que não tiveram essa rica experiência de tá freqüentando esse espaço aqui no SESC.

Ah... que nem, posso falar também do programa enquanto experiência assim, de tá, tá tirando assuntos do dia-a-dia. Então, por exemplo, eu vejo é quando a gente, eu trabalhei com assunto que era conhecendo o próprio corpo, então era uma atividade em que a criança tinha que tá expondo os conteúdos, o que ela gostaria de saber, é, a questão da sexualidade mesmo e aí, é, eu percebi que esses assuntos, assim, eles despertam muito interesse e que até então eles são esquecidos, né?, fora da escola, em casa, alguns pais têm vergonha de tá conversando com os filhos e aqui, né?, nós trabalhamos de uma forma natural, né?, de uma forma normal, é sem causar constrangimentos, até no próprio momento da roda a gente acaba utilizando com a criança, que é um momento que a criança pode tá utilizando, fazendo perguntas, questionando sobre o dia, então assim, o programa, ele acaba proporcionando à criança é, habilidades, desenvolvendo capacidades que ela em casa na frente da televisão ela não estaria fazendo isso. Na casa de um amigo brincando também não. (7)

O convívio é muito rico também, a gente trabalha com crianças de 7 a 12 anos e isso faz com que as crianças maiores dêem exemplos pras menores, ou vice-e-versa, de repente uma criança de 7 anos fala alguma coisa que surpreende uma criança de 12 anos, é, então essa questão da idade também ela é muito rica pro desenvolvimento infantil também, (8) é, tudo é direcionado assim de uma forma bastante prazerosa, então a criança no próprio momento do lanche, então, assim, o programa ele não fica só na parte educacional, ele vai pra parte também é, alimentar, onde a própria criança aprende a comer, a questão cultural quando nós fazemos excursões, apresentações de peças de teatro, é, visitas à museu, ou então até a própria parte lúdica, mesmo, passeios em outras unidades do SESC, ou que a criança, é, sinta o prazer né?, de tá fazendo parte de um programa em que acaba enriquecendo a vida do próprio, da própria criança, (9) ela pode tá desenvolvendo atividade fora do projeto então por exemplo, ela pode tá fazendo tarefa da escola pra tá realizando essa tarefa, mas sempre né?, com objetivo voltado prá atividade daquele momento, então por exemplo, esse Programa, o quê que ele faz? Ele ensina a criança a respeitar o próximo e, ao mesmo tempo que ele faz tudo isso também ele faz com que a criança se conscientize, né?, do seu papel dentro da sociedade. É, então eu acho que nesse sentido, ele se amplia. Ele deixa de ser, né? um projeto, um programa educacional e se transforma mesmo num verdadeiro cidadão. (10)

Bom, todos os conteúdos que a gente acaba trabalhando dentro do programa, desde 2001, né? até nas nossas atualidades, a gente sempre busca trabalhar com assuntos cotidianos, então, quando trabalhamos com direitos e deveres, né? então, trabalhamos com um tema que é direitos e deveres. (11) Direitos e deveres de quem? Do próximo? Não, né? eu tenho que buscar algo que acontece na minha pessoa, né? comigo e não com meu próximo, então assim é, meu amigo brigou na escola. Não, meu amigo não. Então é se colocar no lugar, e não falar do outro, sendo que na verdade quando a gente acaba falando do outro a gente quer falar da gente mesmo, mas é muito mais fácil, é, falar do amigo, então a gente tem essa concepção também dentro do programa, é, quando falar, falar de si mesmo, e não falar do outro, que é algo que acaba nos tornando seres, assim difíceis, seres que ninguém vai querer ficar perto, então assim, quando a gente fala do outro a gente acaba se tornando uma pessoa que as pessoas acabam deixando de lado então, essa é uma das grandes assim, aprendizagens do Curumim: é o saber olhar também, né?, antes de falar olhar pra dentro. ‘Ah, uma criança de 7

a 12 anos sabe?’ Acredito que o programa passa muito isso também, é o auto conhecimento, é quando a gente começa a observar as coisas que nós fazemos e deixamos de falar do outro e... (12) Hum, que mais, acho que falei muita coisa, né?

Ah, eu acho que o Curumim ele acaba se resumindo assim, nesse sentido ele, ele, eu acredito que tudo o que a gente faça a gente acaba aprendendo. Eu acho que o Curumim é isso, acho que cada momento é uma aprendizagem, acho que cada atividade, por mais que você fale ‘Nossa!, eu não queria transmitir aquilo naquela atividade’. Acho que o Curumim ele passa, cada dia que passa ele acaba inserindo novos conteúdos, conteúdos importantes pra vida da criança, mas que sempre ela tá aprendendo, então assim, de ver um simples papel que eu vou jogar no chão e que eu sei que eu não vou jogar porque é um lugar que eu convivo todo dia, até de, é, de um simples cuidado com uma flor, que eu to arrancando uma florzinha ali, duma borboleta que eu quero pegar na minha mão, então, assim, eu acho que o Curumim valoriza todos esses aspectos, né? (13) O aspecto de uma pessoa saber viver numa sociedade sem é... denegrir o próximo, e saber que essa sociedade você que tá construindo, né?, então, eu acho que ele visa, esse fator, é..., o fator de valorizar o indivíduo e é uma coisa assim muito rica que hoje em dia você acaba percebendo que nem na própria escola ele acaba tendo, né? (14) A questão familiar também, eu acho que é muito rica porque a gente acaba mostrando, né? que em todos os aspectos a importância não só de um amigo, mas a importância de seu pai, de sua mãe, quando a gente acaba desenvolvendo atividade em que a criança vai passar uma tarde com o pai simplesmente brincando e, e brincar ele envolve muito mais do que a simples atividade, assim, ah, ele vai passar uma tarde lá com meu filho.

Ele envolve muito mais emoção, ele envolve sentimentos, em que os pais às vezes, eles acabam nem percebendo, né? então acho que a questão familiar engloba muito a gente, as reuniões que fazemos com os pais, né? pra tá passando pra que os pais se interagem dos conteúdos que acabam sendo desenvolvidos no programa, pra que os pais percebam quanto os filhos, é... tão envolvidos - ou não. A mudança, se há alguma mudança neles depois de tá freqüentando o programa, a forma de tratamento com os irmãos, então, assim, acho que o programa ele engloba todos os aspectos da vida da criança que acaba participando aqui

E que ela acaba saindo muito mais rica do que as crianças que não tiveram a oportunidade de freqüentar esse programa. É..., nesse sentido ele se torna um programa assim, único, né? em que a criança vem aqui, tanto é que é um programa que ela adora. Você pode perguntar pra qualquer Curumim. Porque será, né? Que ela gosta tanto de vir aqui? Porque que será que há essa restrição, e que não deveria ter, né? essa restrição entre essa questão lúdica e que na escola deveria ter também porque simplesmente ele visa o maior interessado que é a própria criança, né? (15)

Visa-se o respeito, é, visa-se, é, a participação do indivíduo, que ele *esteje* realizado das coisas, né? *esteje* com plena realização em tudo que ele venha fazer, e que também ele saiba que não é só querer, né?, assim não é só ‘ah, eu quero, eu quero’. A gente tem que tá ciente de que o querer, ele envolve muito mais do que... como eu posso falar...o querer ele envolve uma participação, ele envolve o envolvimento, ele busca algo que é trabalhoso, né? Só que quando a gente trabalha naquilo que a gente gosta, naquilo que a gente realmente deseja, né?, que tem um objetivo, tudo acaba mudando. Então acho que o Curumim ele traz isso pra própria criança, ele traz, é... enriquecimento cotidiano diário. (16) Ele... a amizade também que eles acabam construindo né?, os próprios Curumins, nós percebemos que é algo que vai até prá... prá eternidade mesmo, né? De Curumins que ainda se encontram, que não participam mais do programa e que acabam voltando pro SESC prá visitar as crianças que ficaram, é..., que acabam levando assim essa amizade pro resto da vida e que isso é que acaba interessando também. (17)

Então acho que o Curumim ele... ele é uma aprendizagem tanto pros instrutores, que a cada dia acaba descobrindo o poder dele em momentos assim, surpreendentes, e, pras crianças

que acabam vendo que... que ele é muito mais do que uma brincadeira, que ele é algo sério que ele é algo prazeroso, pros pais né? Que acabam confiando em nós instrutores, de toda à tarde tá deixando as crianças com a gente e sabendo que ... é.... é alguma coisa que tem um envolvimento, né?, então nesse sentido o Curumim se torna algo bem rico. (18)

Acho que eu falei tudo.

Esqueci alguma coisa?

Eu dei uma embananada, né?

3.2) Discurso II – Andréia

Bom, o Curumim primeiro foi uma surpresa, porque ele entrou na minha vida sem eu saber o que ele era exatamente. Porque eu sabia que tinha aberto o SESC, não conhecia a Unidade, eu vi aberto o SESC aqui em Araraquara, não conhecia a Unidade, mas o que eu ouvia de referência do SESC eu pensava: é o lugar que acho que qualquer profissional gostaria de trabalhar. Aí eu mandei meu currículo pro lugar, não tinha ainda a Unidade quando eu fiquei sabendo que ia vir pra cá, e poderia ter um programa com crianças, aí eu mandei meu currículo pra São Paulo, acho que foi, na época eles que recebiam pra quem queria mandar currículo pro SESC, e aí esqueci, porque não tinha a Unidade, não tinha contato nenhum com o SESC fora daqui de Araraquara, e aí um belo dia eu recebi um telegrama na minha casa falando que eu tava sendo convocada - ou convidada - pra fazer uma prova, é, relacionada ao SESC e ao programa Curumim.

Aí eu liguei e perguntei: ‘o quê que é o programa Curumim? Eu tenho que ler um livro, eu tenho que estudar uma bibliografia, vocês vão me dar uma lista do que tenho que estudar, como é que eu faço prá fazer essa prova?’

Eles falaram: ‘não, o programa Curumim é pra criança, é de 7 a 12 anos, você vai fazer uma prova e é só isso que eu posso te informar, não tem lista de... prá bibliografia, nada. Você vai estudar e fazer a prova’.

Bom, tudo bem. Aí vim fazer a prova assim ‘meu Deus, quê que vai cair nessa prova, que programa é esse?’ Então a novidade já começou por aí. Hoje que eu trabalho com o Curumim talvez eu até entenda porque que não teve uma bibliografia. Porque eu acho que livros você pode ler, você pode ter graduação, pós-graduações, mas a experiência de trabalhar no Curumim é...nossa! acho que vou chorar!.....(pausa) (1) Pra mim é uma experiência muito... (choro)

Eu brinco que eu queria trabalhar na Cruz Vermelha, que eu queria salvar a vida de um monte de gente, ensinar que tem que ferver água pra não... não tê barriga d'água, queria ensinar uma criança a escovar o dente pra não ficar banguela com quinze anos, e aí eu falo: ‘Gente, mas’, quando eu comento isso, as pessoas falam: ‘mas o que você faz aqui, também não é legal?’ Então a gente acha que a gente só vai fazer o grande fora daqui. E pra mim o Curumim é a chance... de fazer o grande aqui.... (choro), né? não ter que abrir mão, então quando ‘ah, tem concurso pra animador’, tem concurso pra isso, concurso pra aquilo... aí eu falo: ‘gente, eu tô na minha casa, eu tô perto da minha família, dos meus amigos, das pessoas que eu amo, e tô fazendo uma coisa que eu amo’, né?, então pra mim o Curumim é isso, é a chance, é o lugar que eu trabalho, que eu tenho responsabilidade, que eu tenho que lidar com burocracias, com regras, com normas, um programa que existe há muitos anos, quando eu nem sonhava o quê que eu ia ser profissionalmente mas ao mesmo tempo é... é o espaço onde eu me realizo como pessoa, como ser humano, como profissional, né? (2) Então eu acho que é raro você, geralmente, quando você conversa com alguém pra falar sobre o trabalho dela, ela fala: ‘putz, que saco, eu tenho que passar cartão, eu fico tantas horas no meu trabalho, eu não agüento mais aquilo, falta tantos anos pra eu aposentar’, né?, e, pra mim, trabalhar aqui apesar de todas as normas, todas as regras que toda empresa envolve, e às vezes você se rebela, que

você sabe, meu lado meio rebelde, a e ao mesmo tempo eu sou sonhadora, chorona, também tenho esse lado de querer mudar o mundo, consertar tudo... o Curumim dá chance de tudo isso. Dá chance de chorar, de abraçar, de brincar, de estudar, de brigar com o mudo, e, em relação à minha formação, acho que o Curumim vem enriquecer muito, (3) que eu comecei quando eu prestei, prestei três vestibulares. O primeiro foi em Terapia Ocupacional, e amava o que eu fazia. Lá eu fazia artes e técnicas em recursos terapêuticos. Então eu já tinha essa coisa de trabalhar com atividades manuais, com arte, e quando aí eu prestei esse vestibular na Federal em São Carlos, e tive que depois deixar meu curso. Aí eu prestei duas vezes UNESP aqui em Araraquara. Passei uma vez, prestei mas não quis fazer. Aí eu prestei de novo, entrei, mas entrei muito frustrada porque na minha cabeça eu falei: ‘porque eu vou fazer pedagogia e eu não queria dar aula?’ E aí, logo no segundo ano eu conheci uma professora superbacana que deu muito o... perfil da minha formação acadêmica depois porque eu comecei a fazer pesquisa na área que era a área de interesse dela, que era área de aprendizagem, área de distúrbios de aprendizagem, e aí ela falou: ‘tudo bem, você não queria fazer pedagogia, não quer dá aula nessa escola, mas vai fazer psicopedagogia depois, em Ribeirão’. Aí fiz, né? graduação, já sonhando com Ribeirão. Então os três anos da minha pesquisa foram sempre na mesma área: na área de aprendizagem. Aí prestei Ribeirão e entrei.

Aí, em Ribeirão me realizei mais, porque essa coisa de ler um livro, usar um jogo, usar o lúdico, usar a literatura, usar a arte, pegar um recorte de revista, pegar um documentário da TV e poder levar, ligar o rádio e ouvir uma notícia, levar uma música... então já me realizei muito e falo que a minha profissão é abençoada, pra min é linda... No meu carro eu carrego de coador de café a formão, é, tudo o que você pode imaginar no meu carro você encontra, que eu levo pra Clínica. E aí, já me senti mais feliz com a minha formação profissional e pessoalmente me senti mais realizada.

Aí, quando eu entrei no Curumim, que fui fazer a prova, recebi lá a convocação, tudo, aí eu falei ‘acho que é um território onde esse meu lado de... de querer trabalhar e sonhar ao mesmo tempo, e aprender e conhecer coisas novas pra ensinar, eu acho que eu vô poder realizar aqui’. (4) Aí fiz as provas, tudo. Aí, quando eu fui chamada, né? na Unidade não tinha o programa, o Curumim. A visão que eu tive de Curumim veio muito em função da visão, da experiência que você já tinha tido com o Curumim. Até eu construir minha própria visão, que foram os seis primeiros meses que a gente fez de um tudo aqui no SESC e a paixão começou aí, né? E aí eu observei, eu tinha medo, eu falava que eu não queria dar aula, mas no fundo eu pensava ‘como é que eu vou lidar com um grupo de 30 pessoas, que são obrigadas a aprender alguma coisa que dentro de um livro que alguém escreveu, numa seqüência, e eu vou ter que fazer aquilo ficar atrativo e convencer que aquilo é legal e que é importante pra vida dela?’

Então eu achava que eu não ia conseguir coordenar bem um grupo e chamar a atenção e fazer aquilo ser legal e interessante na vida delas.

E aí de repente, quando eu me vi aqui e a gente começou com vinte crianças em quatro instrutores e uma estagiária, de vinte a gente passou pra sessenta, de sessenta pra cem e agora a gente acabou de fazer um projeto de férias que não é como o Curumim, mas são crianças, duzentas crianças, e você se vê dando conta de articular tudo isso, né?

E eu com medo de dar aula pra vinte, pra trinta. Mas acho que o medo era isso: de fazer uma coisa que não foi definida por mim, que caiu de pára-quadras, que um autor de livro escreveu, que o Governo Federal falou que tem que ensinar, que o PCN obriga naquela série fazer daquele jeito, então eu achava que eu não ia ter muita liberdade se eu fosse ser professora. E sendo instrutora, a experiência que eu tenho é assim, exige planejamento, existe uma estrutura, um tema, existe toda uma estrutura que eu preciso respeitar, mas eu me sinto muito livre pra transitar dentro daquilo que eu me proponho a fazer.(5)

Então tenho que fazer o melhor possível. Estudei muito porque eu acabei vindo pra área de artes porque eu tinha afinidade, mas o que eu gostaria... mas o conhecimento que eu

tenho hoje, vai muito além de repente até do que alguém que teve uma formação na área, porque eu não tinha nada, eu tive que correr atrás de tudo, né? Então, acho que isso também teve um peso enorme na minha vida. As grandes oportunidades que eu tive em relação à arte aconteceram aqui ou porque eu participo da programação porque eu gosto de tá aqui dentro, ou porque as crianças do Curumim são convidadas a participar e a gente vem junto, vem assiste e gosta, ou os passeios que a gente propõe pro Curumim: quando que eu imaginei que eu ia ver uma obra do Picasso, original, imagina? Nunca, na minha vida! Prá mim, Picasso eu só ia ver no livro, e olha lá se ia me preocupar, ir tão a fundo na história do Picasso se eu tivesse aqui, né? (6)

Então eu acho que, assim, a paixão ajuda, a vontade de aprender ajuda. Uma vez aqui no SESC, com a 3ª idade, um médico falou que... que existe um gene que chama gene da insatisfação, e que só 25% da população tem ele. Ele é genético, é determinação genética mesmo, e quem tem esse gene, você pergunta assim: ‘porque que o céu é azul?’ Aí a pessoa responde: ‘ah, porque a água reflete, aí a nuvem fica azul, tal’. Aí a pessoa fala: ‘ah, tá bom. Nunca mais pergunta nada’. E quem tem esse gene vai falar: ‘mas por quê que vai refletir e vai ficar bem azul? Mas por que é esse tom de azul? E por que que tem lugar que não é azul, é branco? E por quê que quando chove muda a cor?’ Então eu acho que esse espírito meu de insatisfação, de querer sempre aprender, casa muito com a proposta do... do programa. Quando eu olho uma criança trazendo um recorte que ela viu na revista que ela: ‘ah, eu vi e lembrei de você!’ e traz tudo embrulhadinho, aí põe uma fitinha, um selinho, me entrega, eu falo: ‘putz. Eu, eu despertei, eu acho a paixão deles de repente pelo Picasso, pela obra de arte, pela tinta, pelo papel, passa muito pelo olhar da paixão que eu tenho.(7)

Então eu acho que isso é um grande bem no país que a gente vive. Que você tem arroz e feijão no prato já é para algumas pessoas uma regalia, você conseguir construir na cabecinha de crianças, que a pretensão do programa é atender crianças carentes, você construir nela um olhar que brilha ao ver uma obra de arte, né? A gente ouvir de criança: a primeira vez que eu vi uma obra de arte original foi com o Curumim, eu também, de um grande pintor, também foi. Então, eu falo que, ao mesmo tempo que você tá construindo a possibilidade de um ser humano crescer e ser feliz, eu tô crescendo também. (8) Daí que as outras, as pessoas falam: Nossa! Por que você gosta do que você faz? Porque eu trabalho com a esperança, né? A gente fala de bandido, a gente fala de assaltante, a gente fala de terrorista, ele tá lá e a gente não pode fazer muito em relação a ele, mas eu tento ter um contato com essas crianças que no futuro vou falar: ‘pôxa, eu participei da vida dessa criança. Eu espero que ela seja uma pessoa boa, uma pessoa feliz, uma pessoa alegre, uma pessoa apaixonado pela vida’. Então... por isso que quando eu falo, eu choro. Porque é bem por aí, assim.

Quando eu vejo a criança: ‘ah, na minha escola esse quadro já foi mostrado’. Aí ele traz o livro da 3ª série dele e fala: ‘minha professora trabalhou o mesmo, o mesmo quadro que você, lá na escola’. Então eu falo: ‘pôxa, imagina na sala de aula essa criança falar com essa paixão?’ Vai ser o dodói, né? O queridinho da professora, então vai ser valorizado, vai ser... respeitado: ‘Que bacana, você também gosta?’ Então é uma criança que tem assunto. Eu falo, a oportunidade que eles têm, eles vêm uma exposição sendo montada, aquele esqueleto horroroso que a gente vê, aquele monte de ripa, de pano rasgando pra tudo quanto é lado. Depois vê pronto, lindo! Depois vê a desmontagem, como que guarda, pra onde vai? Eu falo: ‘Nossa! Quem são os seres humanos que têm essa oportunidade, né?’ Então despertar o olhar, porque, eu falo, as crianças, a gente tá muito educado pra falar muito, pra ouvir sem dar muita atenção.

Aí, no Curumim, a gente educa com a criança pra ver, realmente ver, pra enxergar, pra observar, pra criticar, pra fazer pergunta, pra tecer um comentário, pra pôr a mão até onde não pode, a gente dá uma escondidinha e deixa pôr a mão pra ver como que é, então eu falo: ‘é a oportunidade de...’(9)

São oito inteligências que catalogaram até hoje? Pelo menos na teoria das inteligências múltiplas? As oito a gente consegue desenvolver aqui, né? Tem espaço, tem movimento, tem som, tem música, tem linguagem, tem pintura, então as 8 lá, que já tão, já estão catalogadas, as 8 eles podem viver aqui dentro.

E o instrutor do Curumim também, né? Por que às vezes... quando eu cheguei aqui e eu tinha, você sabe dos meus cadernos, né? Enormes, gordos, cheios de coisa colada. Quando eu cheguei, tudo o que eu fazia eu planejava e colava, e organizava, tal. Aí, depois de um tempo, quando, acredito eu que é quando você começa a mostrar que você tá mais confiante, aumenta os números, de, de demandas, né? De coisas que pedem pra você fazer e coisas que são extremamente diferentes. Então você tá com o Curumim, aí depois você pega e vai pro Teatro infantil pra ver o quê que tá acontecendo, depois tem um evento pra 3ª idade dá uma passadinha, leva esse livro lá também que eles também vão ver o Picasso, eles também vão pra Barra Bonita em outubro, tal, então você transita por faixas etárias diferentes, ah, já guarda, de repente sábado vai ter um encontro com jovens, então, o que a gente aprende também, que não existe uma coisa que é voltada só pra criança. Tem coisas que são universais, você pode ensinar pra qualquer público, você só vai mudar a linguagem, então eu falo, imagina pra um instrutor que vive isso todo dia, o quão rico você não sai? (10)

Qualquer coisa que me pedem hoje já não me gera tanta... gera ansiedade de querer aprender mais sobre aquele assunto pra sempre oferecer melhor do que me pediram, mas falar que eu fico com medo... aí às vezes eu peço alguma coisa pra alguém falo ‘ah, daqui um mês você pode fazer tal coisa pra mim?’ Ah, um mês, eu vou ter que me preparar pra fazer! Gente, um mês pra mim é uma eternidade porque um mês, no SESC, é coisa que a pessoa às vezes em um ano não faz um décimo do que a gente faz em um mês, né? Então hoje pedem coisas, você fala: Nossa! Nunca fiz, mas tá bom. Então tá. Pra amanhã tá pronto. Nem se preocupa muito e sabe que vai dar conta.

Primeiro porque a gente tem recursos materiais, como pesquisar, livro, tal, e a história do clima de gostar do que faz, de paixão pelo que faz... Quando eu vou em um encontro que tem muito instrutor do Curumim eu tento me calar um pouco porque eu falo, quando eu era mais nova de casa, de empresa, eu falava: ‘não, é que eu acabei de chegar eu tô deslumbrada, né?’ Aí, com um ano eu falei: ‘gozado, mas eu tô deslumbrada?’ Aí com um ano e meio eu falei: ‘hum... ainda tô.’ 2, 3, agora com 4 anos você já começa a achar que você já é meio velha, né? Nossa, 4 anos, né?

E aí você continua deslumbrada. Eu falo: ‘bom, ou eu sou deslumbrada mesmo, não tem jeito, ou eu realmente gosto do que eu faço, né?’ E gosto assim, penso assim: a riqueza de oportunidades que eu tenho, me fazem apta pra eu fazer... se eu saísse daqui amanhã, eu acho que eu toparia qualquer coisa, cê sai muito segura. Aprende muita coisa, né? Então, pessoalmente e profissionalmente. (11)

Os pais, quando tem reunião de pais, que eu converso com os pais, eu observo que os pais percebem a mobilidade que o Programa faz você ter. O quanto você pensa, você faz piadinha amarrando uma coisa com outra, você fala da área de um outro profissional, respeitando que você não tenha a formação dele, mas você fala com uma certa intimidade porque a gente pode conviver com outros profissionais, a gente pode tocar uma atividade, uma educadora, uma psicopedagoga, um educador físico e isso só enriquece a atividade, né? Não sei se aqui a gente sempre tem a sorte e a felicidade mas a gente sempre teve uma equipe muito bacana, então eu falo que o cantinho, nossa sala ali, o mundo tá desabando, a hora que a gente fecha aquela porta e fala: ‘a gente tem um problema, vamos resolver?’ Ninguém puxa o tapete de ninguém, todo mundo colabora um com o outro. Então acho que é o espírito, não sei se é o programa, mas eu acho que o espírito do Programa fica muito na equipe, eu acho que as pessoas são razoavelmente bem-humoradas, né? Então mexe muito com seu emocional, e eu acho que isso os pais percebem, as crianças percebem, né? (12)

Ah... a autoridade, né? Será que eu vou conseguir disciplina das crianças porque eu falo baixo, esse meu jeito, talvez, não vou conseguir controlar, as crianças vão fazer bagunça, eu não vou conseguir dar a minha atividade? A autoridade tem várias formas da gente conquistar. Autoritarismo eu não quero nunca pra minha vida mas a autoridade você consegue pelo seu afeto, pela sua verdade, então quando eu prometo alguma coisa pra eles: ‘ó, tal dia a gente vai fazer’. Chegou tal dia eu faço, porque se eu não fizer eu vou perder a minha autoridade. Então a forma como eu aprendi a negociar com um grupo grande eu acho isso legal, né? Então se tiver um grupo de 100 a gente dá conta, de 200 a gente dá conta por isso: olha no olho e explica a realidade é essa, a norma pra que a gente atinja a nossa meta é essa, se a gente, se todo mundo fizer o que tá combinado a gente vai chegar aonde a gente quer. (13) ‘Ah, então me promete que você vai fazer tal coisa?’ Olha, isso daí eu já não sei, não depende só de mim. Eu trabalho num programa que envolve várias equipes, a gente, eu acho que o Curumim também, uma grande, um grande lance do Curumim é que a gente consegue conviver com várias equipes dentro da instituição. Então a gente convive muito com o pessoal da alimentação, o pessoal da manutenção tá sempre ali vendo se tá tudo bem pra que as nossas atividades aconteçam, o pessoal do esportivo, então a gente circula, todo mundo cria carinho pelas crianças, porque a gente fala delas com carinho, (14) a gente pede: ô, dá um, agora vai ter o... o Agita São Paulo, né? Ah, faz alguma coisa com o Curumim?’

Esse horário a gente tá ali na Convivência, a gente vê as crianças se mexendo, fica bonito, as... os outros programas contam com a gente, a gente conta, tudo o que a gente pede: ‘ó, vamos fazer uma oficina na Internet?’ ‘ah, vamos!’ ‘Ah, vamos fazer uma atividade na sala de leitura?’ ‘Ah, legal’. Puxa o tapete, tira isso, tira aquilo... Então eu sinto assim, que as pessoas têm boa vontade em relação ao programa, as crianças se sentem muito queridas aqui dentro. Se tem que levar bronca e seguir as normas, que todo mundo segue, elas também seguem, mas... tem a coisa do dia-a-dia, de criar um vínculo com o espaço, com as pessoas, que eu acho que é importante. (15)

Os pais valorizam muito o que a gente faz. Quando a gente fala: ‘ah, a gente vai fazer uma viagem pra tal lugar’ ‘Nossa! Vocês vão aprender sobre esse assunto? Vocês já tão estudando? Me empresta um texto?’ Tem pai que vem me pedir texto, me pedir foto... ‘Ah, você tirou foto, deixa eu ver também’... (16)

Então eu falo: a gente educa a família, né? E se educa. Você aprende a não ter medo de você mesmo, de não ter medo de... ‘ah, essa área eu não domino, cê me dá um toque também, me empresta um livro? Ó, compra tal livro...’ Porque, se tem que fazer tal coisa assim, tem que comprar o livro, ou, sei lá, ‘me manda pra tal treinamento que eu preciso, tô precisando aprender sobre tal coisa que essa... esse ponto eu domino’, então eu... eu sou bem *pidona*. Quando eu peço, né? eu preciso das coisas, se é um material caro eu peço, se é uma viagem cara eu proponho, porque eu sempre tento ter um bom argumento e eu falo, eu faço pensando ‘por que eu gostaria de fazer isso? Ah! Por isso, isso e isso’. ‘Qual é a finalidade? Qual que é a importância?’ É essa, essa, essa’.

Então justifico e acabo às vezes conseguindo fazer coisas que, eu falo ‘Nossa! nunca imaginei que isso sairia do papel’, né? (17)

Trabalhar em parceria com os outros profissionais, acho que isso também é muito bom, né?

A gente oferece muita atividade, então tem os módulos. Eu tô com o módulo de artes plásticas. Mas tem o horário livre que, eu acho, que eu valorizo muito também, acho que é um horário de suprema importância. (18) Então, eu gosto de fazer atividade física. Vou pra academia todo dia, na minha vida pessoal. Mas quando eu tô aqui na quadra, eu não gosto de ficar fazendo nada na quadra, eu sento. E às vezes eu até penso: Nossa! Que será que vão pensar? Será que vão pensar que eu tô aqui sentada descansando? Eu falei: ‘bom, eu não tô, eu não tô’. Se alguém perguntar, eu sei o que eu tô fazendo: eu sento, passa cinco minutos,

pelo menos uma criança vai sentar, nos primeiros cinco. Cinco eu tô exagerando. Depois tem duas, três, quatro, cinco, dez, vinte, e aí o que a gente faz nesses minutos sentado, ali, batendo papo? É ali onde a criança conta que os pais se separaram e ela tá triste, que foi mal na escola, que levou uma bronca que não merecia da professora, ou que tá a fim de comprar um tênis e o pai não tem dinheiro, ou que tá só a fim de um colo, de ficar ali perto conversando... ‘Bom, já que a gente tá sentado aqui, vamos pegar um... papel, e me ensina uma dobradura?’

Então eu acho que esse tempo também, de olhar no olho, de conversar com a criança, também faz parte do Curumim, e é importante. Todas as atividades que a gente desenvolve são importantes, né? Os módulos todos, de expressão física, de... de... as modalidades esportivas, as iniciações que tem, as dinâmicas de grupo, tudo o que acontece só enriquece as crianças. (19)

Tem coisa que eu me afino e falo: ‘ah, se tiver que fazer, eu faço’. O que eu não me afino, ou eu tento aprender um pouco mais, se eu vejo que não levo jeito nenhum mesmo, o quê que eu faço, eu admiro o outro fazendo: ‘que legal, né?’ E acho que isso também é bom. Você ter um espaço onde você mostra o que você tem de melhor, mas que você também deixa espaço pro outro expressar o que ele tem de melhor, sem se sentir mal por isso. (20) A gente tenta dominar o máximo possível de tudo, mas aquilo que a gente não domina, compartilhar e aproveitar o que outro tá fazendo, então eu brinco, né? Quando sobra muito horário sem ter atividade, sem ter o que conversar, prá mim aquele... o *embromation*^{*}, prá mim dá angústia, porque eu não sou engraçada. Eu sou engraçada contando as coisas que eu conheço, brincando. Agora, se eu tiver que pegar o microfone e ser engraçada, eu não sou. Aí, eu vejo o Diogo e o Everton que, não eram os contadores de história, vão lá, brincam, contam uma história e... nossa! A Unidade inteira, se bobear até o pessoal do Atendimento ao Público, tá brincando com a atividade que eles estão dando. E aí eu olho, falo: ‘putz! eu trabalho com esses caras, eu sei que eles são engraçados, uhh, eles são bons, né?’

Então eu falo isso, aí você vê o Wagner Tiso tocando à noite, mas você acha o seu amigo de trabalho o máximo, faz um monte de coisa bacana, e aí você vê a criança que você falou prá ela três palavrinhas sobre um determinado assunto, no outro dia ela vem e dá um arraso, sabe um monte de coisas que você nem imaginava que ela sabia. Então é isso. Prá mim o Curumim é isso. (21)

E aí, chega o final do mês, eu ainda ganho um salário, né? Tenho minha carteira assinada... então se falta... são 25 ou trinta que a mulher trabalha? já quatro eu tenho aqui, então já faltam quatro a menos pra eu me aposentar. Às vezes eu acho que eu vou me aposentar instrutora porque eu gosto muito de ser instrutora. Às vezes eu paro e falo: ‘eh, será que eu vou agüentar ficar sentada no chão tantas horas, vou ter o mesmo ritmo que tem uma criança, ou vou ficar chata e eles já não vão gostar tanto de mim?’ né? Chega instrutor novo, você fala: ‘hê, agora ele vai virar o queridinho das crianças’... Mas aí passa cinco minutos, tiraram a curiosidade, todo mundo é o queridinho deles, cada um a gente percebe que eles se afinam com a gente pela... pela personalidade da gente e, muitas vezes pela atividade, então tem criança que eu sei que gosta de mim porque eu sou do módulo de artes plásticas; tem criança que gosta de mim porque eu sento no chão e fico conversando; tem criança que gosta da Andréia. (22) Se falo é um... é muito rico, é gostoso, é apaixonante, em quatro anos ainda não passou o deslumbramento. Não sei se vai passar ou se eu sou deslumbrada mesmo, por natureza. Mas eu brinco: ao mesmo tempo que eu tenho esse lado, assim, de ser apaixonada, de ser deslumbrada, eu sou bem racional, bem organizada, estudo bastante; acho que se a paixão continua é porque eu tô no lugar certo, na hora certa, aprendendo, ensinando, acho que o grande... eu nunca vou prá casa com a sensação de que eu não aprendi nada. Sempre alguma coisa eu aprendi. De repente é porque... eu aprendi alguma coisa sobre uma tomada...ah, que

* Embromação.

deu errado porque você enfiou a tomada errada, mas eu aprendi que aquela tomada não era daquele jeito... na minha casa não tinha. Aqui tinha, e eu vi que era diferente. Se eu for em qualquer outro lugar que tiver aquela tomada, eu vou lembrar que naquele dia eu aprendi isso. Então acho isso muito gostoso, né? (23)

Você sair da sua casa... eu saio sempre com vontade, acho que isso é muito bom, venho com vontade, né? Às vezes acontece alguma coisa que eu fico dois dias vindo patinando: ‘que saco!’ Aí fico com aquela coisa entalada, aí eu conto, se é com a criança, eu converso com a criança, se é com o grupo de colegas da equipe, eu converso com a equipe, se é com a Unidade eu pego e levo prá frente, sento e converso. Questiono muito. Brigo que o Curumim é uma filosofia educacional, não é um ‘vamos lá e vamos fazer qualquer coisa’, papelzinho, dobrar. Qualquer um dobra papel. Brincar com tinta... Brigo, se começam a me pedir muita coisa que vira ‘leva alguma coisa prá casa porque é bonitinho’. Não, não tô aqui prá isso. É esse o papel do SESC? Não é. Não é o meu. Eu tô aqui por isso: porque não é o papel do SESC, não é o papel do Curumim. (24)

Então acho que isso é legal e isso faz a gente ser respeitado mesmo falando baixo, né? (25)

Então acho que isso também é um... é uma conquista que a gente faz, e é uma opção, né? Porque se eu não tivesse contente... quando eu não tô contente eu brigo prá ficar contente e não um descontentamento: ah, eu não gosto da filosofia, não gosto de nada, e aí eu vou embora. Eu brigo porque eu falo: ‘a filosofia é boa. Agora, eu vou pegar, e vou ficar fazendo uma coisa tão menor do que eu posso fazer?’ Então eu acho que isso também é muito legal, porque o programa, ele tem um embasamento teórico, tem o PIDI, tem módulos, ele tem toda uma fundamentação teórica, mas eu acho que ele é muito vivo. Acho que por isso eu combino com isso. (26) Eu não me sinto assim... Eu vejo que as pessoas, quando reclamam do trabalho, é porque elas começam a cair na rotina, e a gente, embora a gente tenha a rotina de horário, de funcionamento, uma série de rotinas, a parte principal do trabalho, que é o fazer as coisas com as crianças ou com a terceira idade... quando eu tô trabalhando com a terceira idade, ou com adolescentes, quando eu tô com adolescente, aí falando como instrutora, não só do programa, é que não existe essa rotina. Só se você quiser. Se você achar que é fácil ter uma rotina e seguir, tudo bem, mas não é o papel, acho que nem dá prá ter, porque não é ... não casa a rotina com a dinâmica das coisas que a gente faz, né?

Então é... é isso, não sei se tem algum ponto... uma coisa que eu falo, também você entra aqui sabendo... todo mundo, ninguém é obrigado a saber tudo. Mas tudo o que você entra, cada ponto da sua vida, você sai sabendo um pouquinho mais... eu sabia um pouco de meio-ambiente. Aí fui lá... eu falei: ‘eu quero dar uma oficina de meio-ambiente’. Porque eu gosto e porque eu sei pouco, assim eu estudo um pouco mais. Ah, agora eu quero dar uma oficina de desenho. Aí vou e faço dez cursos de desenho prá dar oficina de desenho. Então acho que isso também é legal, né? Eu falo, a hora que você sai daqui, você sai sempre maior do que quando você entrou, se é o seu propósito seguir a filosofia do programa, né? (27)

Eu sei que o programa tá passando por uma série de mudanças teóricas, né? Mas o pouco que eu escuto falar da nova coordenação, a idéia é essa, né? A filosofia é essa, né? Não se acomodar, aprender sempre. Eu falo, é uma... uma ligação com o cotidiano, muito forte; então tudo o que acontece de importante, as crianças vêm comentando e falam: ‘ah, lembra que um dia você falou tal coisa? Ah, roubaram um quadro do Portinari. Ah, o ano passado, a gente foi visitar o museu e tinham roubado o quadro que tinha passado no jornal!’ Mas as crianças, os pais falam: ‘nossa! põe a televisão no último’, porque queriam saber onde roubaram, porque roubaram, prá onde foi, né? (28)

A gente vai pra um museu. O ano passado, a gente foi pro museu do Portinari. Veio um curador elogiar. Nossa! eles ficam curiosos, eles põem quase o nariz na tela, mas eles não

põem a mão. Mas não saem de perto, fazem um monte de perguntas. Então, respeita, mas ao mesmo tempo não perde a curiosidade. (29)

Então, isso, acho que é uma coisa também...

Logo que eu saí... que eu saí do meu curso de psicopedagogia, uma coisa que me falaram é que eu tinha duas qualidades prá ser psicopedagoga: que era ser afetuosa, mas ao mesmo tempo ser firme. E eu não me achava firme, não. Eu me achava muito mole. E aí, de repente, você vê, né?, essas coisas acontecendo: a criança ser curiosa, mas ao mesmo tempo não quebrar regras, respeitar um patrimônio que é do mundo, tal... eu falava: acho que tô conseguindo passar isso... Que na vida a gente pode ter afeto, mas um afeto não é, a gente pode ser impulsivo nas paixões que a gente tem, querer aprender um monte de coisas, mas ser uma pessoa centrada, né? (30)

Eu brinco do deslumbramento, mas aí eu lembro que a cabeça tá nas nuvens, mas o pé tem que tá no chão. E aí eu acho que o Programa, que a paixão é essa, né? Você consegue fazer isso o tempo todo porque ele permite. E eu acho que pro cotidiano das crianças, o que mais fica, é isso. É importante o conteúdo que eu passo? É, mas a escola também passa, a televisão também passa. Agora, se eu passo paixão, se eu passo mostrando que aquilo vai ter uma relevância na vida deles, que aquilo não é tão distante. A gente acha que é tão distante, pra que saber isso? E, de repente, a gente vê um grupo... Aquela vez que as crianças cantaram com aquele grupo, aquela coreógrafa húngara, o *Stagium* (balé *Stagium*), né? Uma coreógrafa húngara. E aí vem falar de uma problemática brasileira, que é da violência, e tal, e aí, uma tarde, numa tarde ela veio, as crianças nunca tinham cantado, ou, se canta, canta no banheiro, como a gente brinca, ela foi lá, fez um trabalho com as crianças, e as crianças pegaram e participaram de um espetáculo de teatro, fizeram o encerramento de uma peça de teatro, ficaram na coxia, ficaram quietinhos, fizeram aquecimento de voz e conheceram o coreógrafo, e participaram, e foram aplaudidos. Então eu falo: ‘gente, quando que na minha vida eu sonhei que iria passar por isso?’ Então, é... acho que o cotidiano tá aí, a crítica social, a cidadania, não é porque eu sou pobre e porque moro perto do SESC e eu posso ir no Curumim, porque eu não vou ter nem que pagar um ônibus, que eu não vou poder ter acesso a uma boa música, a uma boa peça de teatro, né? A um passeio cultural, a brincar, né? (31)

O SESC Interlagos. Vamos passear. Ser criança é bom (tema do ano de 2005). Mas será que foi só o passeio, ir prá lá? Quanto que a gente aprendeu naquele dia, brincando com o corpo, fazer o corpo fazer um som... e será que só brincar também já não é uma coisa cultural, já não é um direito, né? A gente que tá trabalhando o ECA, que toda criança tem o direito de brincar...(32)

Aí eu lembro que... foi no começo desse ano que eu falei que eu ia trabalhar o ECA e que eu lembro que cada um foi falando os tópicos que ia trabalhar e aí eu lembro que todo mundo falava e você ria, né? assim, aprovando, e quando eu falei que era o direito de brincar você torceu o nariz, assim, aí eu peguei e saí mordida. Falei: ‘caramba!’, né? E você questionou: ‘mas ser criança é bom só porque pode brincar?’ Aí eu saí de lá, eu falei: ‘caramba! Eu tô pensando em fazer um monte de coisa com o brincar, ela vem e fala isso’... Jogou um balde de água fria, né? Elogiou, sem abrir a boca, elogiou todo mundo e, olhou torto pro meu, né? Tá bom. Então tá. Ah, bem, aí que eu fui atrás de mais coisa, fui buscar fundamentação teórica, por quê que o brincar é importante... Aí escolhi outros três temas que não tinha nada a ver com brincar, então, o quê que eu falo quando você... Eu acho assim, quando eu sou criticada, mesmo sem palavras, se alguém olha prá mim e... do tipo: ‘ah, mas só isso você fazer?’ Eu enxergo assim: ‘pô, você pode fazer tão mais, isso tá bom, mas não pára aí’. Então hoje eu consigo lidar com isso do profissional e do pessoal. Então eu acho que é isso, também. Quando alguém torcer o nariz prá gente, a gente entender tudo isso como... vejo até a criança porque às vezes fala: ‘ah! é tão apaixonada pelo que faz, então faz com tanta paixão que nem vê se o outro tá achando aquilo tão legal.’ (33)

Às vezes eu faço alguma coisa que eu acho o máximo, aí, outro dia, num sábado, fazendo arte também com criança, não era o Curumim, mas às vezes vêm curumins, aí eu trouxe um monte de quebra-cabeças com obras de arte. ‘Ah!, não vai levar pra casa? A gente veio só montar quebra-cabeça?’ Não tinha criança do Curumim. Aí, eu peguei, falei a importância daquelas obras, quem eram aqueles pintores, tal, aí eu falo: ‘putz!, então só porque eu sou apaixonada, todo mundo vai ficar apaixonado? Então, de repente, o formato a forma como eu apresentei, eram crianças mais novas do que eu tô acostumada a trabalhar, então falei... mas aí você pega aquele material e fala: ‘putz!, com a terceira idade isso aqui também ficaria legal, então, assim, a gente erra também. Às vezes a gente propõe uma coisa com a maior paixão, achando que aquilo vai causar o maior furor, que vai, nossa! ser super-legal, e nem dá o impacto que você queria.

Mas no Curumim eu acho que o retorno é bem melhor de que em atividades gerais, né? porque... mas eu acho que tem a ver com a coisa de ser processual, de todo dia a gente falar um pouquinho, e não é um convencimento. Eu tô tentando convencer o outro que aquilo lá é bom. Ele já se convenceu, eu já falei tanto, eu já provei por A + B, através do conhecimento, através... eu falo, outra pessoa fala, ele escuta na televisão, a professora repete, o outro instrutor, sem o... eu... tô nessa sala, no outro dia a criança vai pra uma sala do outro lado da Unidade, o instrutor fala a mesma coisa, fala... nossa! O fulano falou, você também falou... então essa confiança que eles passam a ter na gente, né? E aí isso dá credibilidade pro conhecimento que a gente passa, então acho que todo o ideal que a escola sonha,... né? O que que as grandes escolas sonham? Que um dia o ensinar vai ser uma coisa gratificante pro professor e vai ser gratificante pro aluno. O aluno vai gostar de aprender, o professor vai gostar de ensinar. Todo mundo vai ser *aprendente*, todo mundo vai ser *ensinante*, e isso a escola ainda tá buscando, e eu trabalho num espaço, num programa que isso já acontece. (34)

Então aquele meu receio em relação à escola, era o perfil que eu queria dar pra minha atividade, que eu acho que eu não ia encontrar na escola. Eu já tive experiências em escola, consegui um pouco, mas não no grau que eu consigo aqui. É onde eu consigo... é no programa Curumim. Porque eu tenho recurso material, porque eu tenho investimento na minha formação profissional... pessoalmente eu me sinto feliz em tá aqui. Então, pra min, o Curumim é isso. (35)

Tem coisa chata, também, que às vezes a gente tem que fazer e que a gente fala: ‘ah, eu vou ter que fazer isso? tem certeza? Me convence que é bom, que é legal!’ Às vezes convence e eu vou e faço com a maior paixão, às vezes convence mais ou menos, eu vou e falo: ‘pessoal, é meio chatinho, mas no fundo, o último objetivo é pra alcançar isso. Então, mesmo sendo chatinho, vamos fazer?’

Então eu acho assim, isso é o que é o Curumim pra mim. Eu tento estudar, aprender, ensinar... (36)

Parece que eu não tô falando de trabalho, né? Eu tento ser levada a sério depois de tudo isso, mas aí eu brinco. O pessoal dá risada, acha a gente é meio maluquinha, mas, depois, quando a gente senta pra conversar, todo mundo dá retorno do que a gente faz. Acho que isso também é importante, não? É difícil a empresa que você trabalha que as pessoas vão sempre tá te elogiando e aqui não é diferente das outras empresas. O elogio não vem de forma constante. Mas, eu falo, o melhor *feedback* que a gente tem que é, em vez de elogio, é *feedback*, porque às vezes a crítica também é mais importante que o elogio, brincando, lembrando lá do brincar, mas o melhor *feedback* são as crianças, eu acho, o melhor *feedback* é ter público pra sua atividade, o melhor *feedback* é a pessoa vir pra sua atividade e quando chega, falar: ‘Oi, é você que tá aí?’ Te chamar pelo nome. O melhor *feedback* é, antes de dar uma entrevista, é tá lá, fazendo um lanchinho rápido, e uma pessoa vir e falar: ‘Quando é que você volta pra dar uma atividade pra gente?’. Então isso pra mim é um grande *feedback*.

Eu acho que assim, os *feedbacks* do SESC são muito assim: às vezes uma crítica é pra

mostrar o quanto você é bom, às vezes a gente até interpreta mal... ‘ô, vai, vamos fazer, por quê que não tá vindo criança, por quê que não tá virando isso?’ Mas é só pra te sacudir. Não vem muito através de palavras, né? Às vezes, sim. Às vezes alguém senta com você e te elogia, mas acho que o maior *feedback* do Curumim e de tá dentro do SESC, é de darem atribuições que você não tá esperando, então eu falo: — por que que alguém veio me pedir uma coisa tão diferente do que eu tô acostumada a fazer? Ah, é porque já perceberam que eu tenho jogo de cintura, e que eu gosto de desafio. Então, pra mim, o melhor *feedback*, tanto da parte das crianças quanto da parte da instituição, é isso: me pedir coisas que de repente não tá muito evidente que eu sou capaz de fazer, mas porque, a minha ação já mostrou que eu consigo, então vem e pede. Então, nada é muito escancarado: nem eu ficar anunciando aos quatro ventos o que eu sou capaz, nem a empresa ficar falando: ‘ô, que legal, você é capaz’. Mas quando me pedem uma coisa que eu sei que é complicada, mas tão me pedindo, pra mim eu entendo como voto de confiança. (37) Então, hora extra: ‘Ah, não pode ter hora-extra’ e, pra mim, quando olho que eu tenho um monte de hora-extra, eu falo: que legal! tão precisando de mim mais do que, né?, seria a rotina da minha semana.

Por quê? Ah, tem uma coisa diferente e tão me chamando prá fazer: ‘olha, vai pra tal lugar que tá acontecendo tal coisa... dá uma olhada prá ver o que que é’ Pô, mandar eu ir prá um lugar que nem a pessoa tá conhecendo, prá eu ver se é legal e trazer isso de retorno, prá brincar no Curumim, prá fazer... Ah, que legal! então confiam no meu olhar... Então, prá mim os *feedbacks* são esses e o meu *feedback* é eu chegar em casa e falar assim: ‘pô, um pai me procurou e falou isso prá mim...’

Então acho que prá mim o Curumim é isso: é eu sair da minha casa feliz, voltar feliz, me sentir realizada, né? profissionalmente e pessoalmente. Tem muita coisa que eu faço até por questão pessoal e não profissional. Profissionalmente eu não teria que... E acho que isso também acho legal: se você gosta do que você faz, se você encara aquilo que você faz como uma coisa séria, uma coisa que dá resultado, um compromisso seu com o outro e, no caso nosso o outro são mais de 100, é, até me perdi, é, você se sente realizado, o *feedback* vem, a realização vem e...você cresce e aprende, e não enjoa do que faz. E pra mim é isso. Aí, não quero fazer concurso de nada porque eu ainda tô feliz aqui. Acho que eu vou ficar um bom tempo, mesmo. Acho que o deslumbramento, e a paixão, e a vontade de aprender vai durar muito tempo. Assim. Eu falo que é um casamento que deu certo assim. Uma relação boa. (38)

E é isso.